

**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho**  
**Ana Cláudia Bortolozzi Maia**  
(Organizadoras)

# **LEITURAS SOBRE A** **SEXUALIDADE** **EM FILMES**

**VOLUME 02**

# LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE EM FILMES

VOLUME 2



**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho**  
**Ana Cláudia Bortolozzi Maia**  
(Organizadoras)

# **LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE EM FILMES**

**VOLUME 2**

 **Pedro & João**  
editores  
2019

**Copyright © das autoras e dos autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho; Ana Cláudia Bortolozzi  
Maia (Organizadoras)**

**Leituras sobre a sexualidade em filmes. Volume 2.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 207p.

**ISBN 978-85-7993-732-3 [impresso]  
978-85-7993-733-0 [Ebook]**

1. Sexualidade. 2. Desenvolvimento Humano. 3. Conjugalidade. 4. Deficiências. 5. Corpo. 6. Autores. I. Título.

CDD – 150 / 370

---

**Capa:** Andersen Bianchi

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 - São Carlos – SP

2019

***“Ninguém entra em um mesmo rio uma  
segunda vez, pois quando isso acontece  
já não se é o mesmo, assim como as  
águas que já serão outras”.***  
(filósofo Heráclito, 540 a.C)



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho Ana Cláudia Bortolozzi Maia	
<b>Capítulo 1</b>	
<b>SÉRIE “ATYPICAL”: VIVÊNCIAS SOCIAIS, AFETIVAS E SEXUAIS DE UM JOVEM COM AUTISMO</b>	<b>15</b>
Ana Carla Vieira Ottoni Ana Cláudia Bortolozzi Maia	
<b>Capítulo 2</b>	
<b>BELEZA AMERICANA: REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM CORPORAL E SEXUALIDADE</b>	<b>37</b>
João Artur de Falco Tizzo Lucas Matheus Fernandes Baravieira	
<b>Capítulo 3</b>	
<b>PERFUME, A HISTÓRIA DE UM ASSASSINO: ANÁLISE FREUDIANA SOBRE FETICHISMO</b>	<b>53</b>
Andressa Carolina Donato Caio Eduardo Gonçalves Lunardi Natália Cordón Fortuna Pereira	



<b>Capítulo 4</b> <b>THE UNDATEABLES: REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</b>	<b>67</b>
Lauren Cristine Aguiar Nunes Luisa Aliboni de Toledo e Silva Kananda Amancio Pinheiro	
<b>Capítulo 5</b> <b>ENTER THE VOID, VIAGEM ALUCINANTE: RELAÇÕES ENTRE O USO DE SUBSTÂNCIAS E A SEXUALIDADE</b>	<b>85</b>
Pedro Carvalho Gomes Ariela Cursino Lanfranchi	
<b>Capítulo 6</b> <b>AZUL É A COR MAIS QUENTE: REFLEXÕES SOBRE O PADRÃO HETERONORMATIVO EM RELAÇÕES HOMOERÓTICAS</b>	<b>101</b>
Thássia Elizandra Santos	
<b>Capítulo 7</b> <b>MISTÉRIOS DA CARNE: DISCUSSÕES SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL, PEDOFILIA E A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO</b>	<b>117</b>
Deborah Placeres de Araujo Fernanda Santos de Souza	
<b>Capítulo 8</b> <b>SUPER DRAGS: DISCUSSÕES SOBRE ESTEREÓTIPOS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES</b>	<b>135</b>
Raphael dos Santos Teixeira José Felipe Vaz de Assis	

<b>Capítulo 9</b>	
<b>DUMPLIN: REFLEXÕES SOBRE OS PADRÕES DE BELEZA, SEXUALIDADE E O CORPO GORDO NA ADOLESCÊNCIA</b>	<b>153</b>
Tamires Giorgetti Costa Marina Ramos Coiado Daniel de Medeiros Gaiotto	
<b>Capítulo 10</b>	
<b>ME CHAME PELO SEU NOME: REFLEXÕES SOBRE UM ROMANCE HOMOERÓTICO</b>	<b>171</b>
Mirela Bosco Leilane Raquel Spadotto de Carvalho	
<b>Capítulo 11</b>	
<b>E SE VIVÉSSEMOS TODOS JUNTOS? REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE NO ENVELHECIMENTO</b>	<b>185</b>
Débora de Aro Navega Tatiana de Cássia Ramos Netto Martins	
<b>SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)</b>	<b>199</b>
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b>	<b>207</b>



## APRESENTAÇÃO

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho  
Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Este é o segundo volume de uma série de livros que farão parte de uma coleção mais abrangente que discute a sexualidade em suas diversas expressões por meio dos recursos áudio-visuais. Atualmente, as novas tecnologias colaboram para o acesso aos vários vídeos, filmes, séries e seriados, que permitem trazer para inúmeros contextos do cotidiano a discussão sobre a temática da sexualidade, que era reservada aos espaços privados e/ou acadêmicos.

O curso de formação em Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” conta com uma disciplina teórica chamada **Desenvolvimento e Educação Sexual**. Tal disciplina faz parte do projeto político pedagógico curricular do Curso de Psicologia, na ênfase da Educação e aprofunda os estudos sobre a sexualidade no desenvolvimento humano: infância, juventude, idade adulta e idosa e sobre os processos educativos e preventivos, em que o (a) psicólogo (a) pode contribuir.

A finalidade da disciplina é proporcionar aos (as) alunos (as) condições para reflexões teóricas e práticas sobre a sexualidade humana e a educação sexual, compreendendo o processo de repressão sexual a partir de uma leitura foucaultiana, problematizando as questões sobre gênero e diversidade sexual.

Como já mencionamos no primeiro volume,

Durante as aulas é comum o relato de alunos (as) sobre diversos documentários, séries e seriados, filmes, etc. que

são parte de seu cotidiano, dos temas abordados e, em grande medida, esses exemplos possibilitam discussões proveitosas e educativas. Além disso, na elaboração de programas de educação sexual, esses meios tornam-se também recursos importantes a serem considerados. Diante dessa situação, elaboramos uma proposta de avaliação processual para os (as) alunos (as) do curso de Psicologia que participavam da nossa disciplina que fosse ao encontro desse emergente interesse. Assim, sozinhos, em duplas e/ou trios, os (as) alunos (as) se organizaram na tarefa de escolherem uma temática de interesse e um vídeo que tratasse de tal temática e, a partir da consulta da literatura e da formação recebida no curso, realizassem uma análise crítica desse material. Essas análises foram apresentadas em sala de aula, coletivamente, e enriqueceram a todos nós (MAIA; DE CARVALHO, 2019, p.10 e 11).

Além da contribuição dos (as) alunos (as) do Curso de Graduação em Psicologia na autoria dos capítulos deste livro, outros (as) alunos (as) da pós-graduação e pesquisadores (as) que fazem parte do Grupo de Estudo e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura” (GPESEC) e que também pesquisam ou têm afinidade com a temática, enriqueceram esta obra, com outros capítulos.

Neste sentido, dando continuidade ao volume 1 de “Leituras Sobre a Sexualidade em Filmes”, este livro apresenta novas discussões em outros filmes, séries e seriados que reúnem temáticas sobre a educação inclusiva e deficiências, padrões definidores de normalidade relacionados ao gênero, ao envelhecimento, à conjugalidade e à estética, práticas sexuais polêmicas e consideradas desviantes, tais como as parafilias, pedofilia e as vinculadas ao uso abusivo de substâncias. O conjunto dos temas evidencia a sexualidade como algo plural, diverso e construído social e historicamente.

Dois capítulos irão abarcar a temática da sexualidade relacionada à deficiência/inclusão, sob diferentes enfoques para reflexões, sendo eles: o Capítulo 1, **Atypical**, de autoria de Ana Carla Vieira Ottoni e Ana Cláudia Bortolozzi Maia, que vai abarcar o espectro autista, com perspectiva nas vivências sociais e afetivas, e o Capítulo 4, **The Undateables**, de autoria de Lauren Cristine Aguiar Nunes, Luisa Aliboni de Toledo e Silva e Kananda Amancio Pinheiro, que discute sobre a vida afetivo-sexual de pessoas com deficiência que utilizam agências de relacionamento.

Outros capítulos irão tratar sobre o corpo enquanto parte de uma norma social, sendo eles: o Capítulo 2, **Beleza Americana**, de autoria de João Artur de Falco Tizzo e Lucas Matheus Fernandes Baravieira, que discute sobre imagem corporal e as implicações desta nas relações e na sexualidade dos sujeitos; o capítulo 8, **Super Drags**, de autoria de Raphael dos Santos Teixeira e José Felipe Vaz de Assis, que reflete os estereótipos, principalmente quando consideramos sujeitos que performam drag queens; e o Capítulo 9, **Dumplin**, de autoria de Tamires Giorgetti Costa, Marina Ramos Coiado e Daniel de Medeiros Gaiotto, que abarca os padrões de beleza e discute sobre a sexualidade de pessoas que não se encaixam nesses padrões. Reflexões sobre a relação entre o corpo estigmatizado e a sexualidade também aparecem no Capítulo 11, de autoria de Débora de Aro Navega e Tatiana de Cássia Ramos Netto Martins, **E se vivêssemos todos juntos**, quando trata do corpo no período do envelhecimento humano.

Dois capítulos enfatizam as questões da sexualidade voltadas para os relacionamentos: o Capítulo 6, **Azul é a Cor Mais Quente**, de autoria de Thássia Elizandra Santos, trata padrões heteronormativos em uma relação entre mulheres, e o Capítulo 10, **Me Chame Pelo Seu Nome**, de autoria de Mirela Bosco e Leilane Raquel Spadotto de

Carvalho, que reflete sobre experiências homoeróticas na adolescência.

Finalmente, outros capítulos discutem temáticas que para muitos causam controvérsia, como o Capítulo 3, **O Perfume**, de autoria de Andressa Carolina Donato, Caio Eduardo Gonçalves Lunardi e Natália Cordón Fortuna Pereira, que discute fetichismo através de um enfoque psicanalítico; o Capítulo 5, **Enter The Void: Viagem Alucinante**, de autoria de Pedro Carvalho Gomes e Ariela Cursino Lanfranchi, que reflete a sexualidade relacionada ao uso de substâncias químicas, e o Capítulo 7, **Mistérios da Carne**, de autoria de Deborah Placeres de Araujo e Fernanda Santos de Souza Costa, que apresenta uma discussão sobre abuso sexual infantil e pedofilia.

Assim como no livro anterior, desejamos a todos (as) nós pesquisadores (as), educadores (as), curiosos (as) em sexualidade e apreciadores (as) de filmes e séries a possibilidade de “identificar a sexualidade visível nos meios de comunicação e o interesse pelo conhecimento oriundo da literatura consultada em diferentes temas e, ainda, o prazer de compartilhar conosco as reflexões oriundas das análises” (p.12). Convidamos a todos (as) para lerem os capítulos, assistirem os materiais analisados e refletirem e dialogarem sobre o assunto.

## Capítulo 1

# SÉRIE “ATYPICAL”: VIVÊNCIAS SOCIAIS, AFETIVAS E SEXUAIS DE UM JOVEM COM AUTISMO

Ana Carla Vieira Ottoni  
Ana Cláudia Bortolozzi Maia

### Introdução

A ampliação do diálogo sobre autismo no Brasil tem ocorrido em meios diversos, como redes sociais, fóruns *online*, mídias impressas, eletrônicas, digitais, espaços científicos e produções artísticas. Rios et al. (2015) conduziram um estudo analisando notícias dos quatro veículos de circulação nacional mais significativos, e encontraram duas formas principais de comunicar sobre autismo: a partir da visão neurocientífica, com foco em estudos biológicos e a partir da visão social, como os serviços públicos oferecidos e as vivências familiares. A escolha da série *Atypical* como material de análise neste capítulo ocorreu pelo seu alcance de público<sup>1</sup>, e por apresentar uma abordagem mais ampla que essas duas categorias citadas, retratando aspectos complexos como

---

<sup>1</sup> Um comunicado publicado pela Netflix, em 2017, indicou *Atypical* como a sétima série assistida em menor período de tempo (ou, “maratonada”) entre os brasileiros, e décima segunda entre assinantes do mundo todo, em estudo realizado com 8,4 milhões de pessoas. Fonte: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/netflix-tem-84-milhoes-de-supermaratonistas-de-series/>



relações familiares, de amizade e trabalho, intimidade, *bullying*, adolescência, juventude e sexualidade.

Embora *Atypical* seja uma obra delicada, construída a partir de dados científicos e sociais sobre o autismo, é essencial destacar que representa a realidade de apenas parte das pessoas diagnosticadas. Para compreender essa questão, é importante traçar um breve histórico. Por décadas, o autismo foi descrito pela ciência em torno de dois nomes principais, Transtorno Autista e Síndrome de Asperger (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2005). Eram consideradas pessoas com autismo aquelas que apresentavam características evidentes, ou “clássicas”, como estereotípias frequentes, pouco ou nenhum comportamento verbal e alta dependência familiar, e na categoria Síndrome de Asperger, eram englobadas características como melhor desenvolvimento verbal e intelectual – o que também foi denominado Autismo de Alto Funcionamento.

A compreensão de que as subdivisões diagnósticas dificultavam a comunicação científica fundamentou a decisão da Associação Americana de Psiquiatria de publicar, em 2013, uma atualização, unificando essas condições similares no denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim, a partir da quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o autismo é descrito como um espectro, uma condição ampla, com imensa variabilidade de expressão entre as pessoas diagnosticadas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

São duas as características centrais do TEA: interesses ou movimentos restritos e repetitivos e dificuldades na comunicação social. A descrição incluída no DSM-5 deixou de ser especificada por meio dos graus leve, moderado e severo, e passou a ser expressa por meio da indicação de necessidades da pessoa diagnosticada, sendo

Nível 1 indicado como “exigindo apoio”, Nível 2 como “exigindo apoio substancial” e Nível 3 “exigindo apoio muito substancial”. Dessa forma, analisa-se as singularidades da pessoa a partir de seu funcionamento, interações sociais, comunicação, satisfação de necessidades, inflexibilidades, hiperfocos e independência (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

É raro que obras artísticas e midiáticas, trabalhos científicos ou tratamentos consigam abranger todos os espectros do autismo, sendo plausível assumir que dentro do universo TEA, existem áreas dedicadas às especificidades. Nesse sentido, *Atypical* retrata o cotidiano de um jovem com TEA no Nível 1, anteriormente denominada Síndrome de Asperger (SA) - e para evidenciar essa condição específica ao longo da leitura, será utilizado o termo TEA/SA (VIEIRA, 2016).

O TEA/SA também é representado em filmes, como *Adam*, *X+Y: A Brilliant Young Mind*, e por pessoas de grande projeção, como Mary Temple Grandin, militante e divulgadora de sua condição e história de vida. As principais peculiaridades do TEA/SA foram organizadas e estão descritas no quadro a seguir, no qual o campo “Características” foi elaborado com base nos estudos de Brito, Neto e Amaral (2013), Camargos-Jr (2013), Klin (2006), Segar (2008), Vieira (2016), e o campo “Exemplos” descrito a partir das experiências profissionais das autoras no atendimento de pessoas com TEA/SA.

**Quadro 1. Exemplos das características que são comuns em pessoas com TEA**

<b>Características</b>	<b>Exemplos</b>
Sensibilidade atípica perante estímulos sensoriais	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Incômodos no contato com luzes, sons, toques, cheiros que pareceriam usuais.</li> <li>▪ Sensações de dores, frio ou calor intensificadas (hipersensibilidade) ou diminuídas (hipossensibilidade).</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mal-estar perante determinados estímulos, como toques suaves, cócegas ou beijos.</li> </ul>
Déficits na compreensão da comunicação humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Dificuldades para interpretar figuras de linguagem como ironias, hiperlativos e metáforas, com necessidade do uso de linguagem literal.</li> <li>▪ Situações que envolvem piadas, chistes e indiretas são difíceis.</li> <li>▪ Dificuldades para interpretar as ações não-verbais das pessoas, como expressões faciais, espaços sociais aceitáveis.</li> <li>▪ Dificuldades para prever como o outro se sentirá em situações diversas – o que fomenta a crença errônea de que têm pouca empatia.</li> <li>▪ Envolvimento com situações perigosas ou danosas, devido à dificuldade para compreender situações sociais – comumente descrito como ingenuidade.</li> <li>▪ Dificuldade para entender o ponto de vista alheio - pode fomentar conflitos de difícil resolução em contextos como trabalhos em grupo, relacionamentos interpessoais, etc.</li> </ul>
Expressão verbal enrijecida e/ou atípica	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Modo de falar formal, rebuscado e com poucas figuras de linguagem.</li> <li>▪ Dificuldades para expressar verbalmente sutilezas como sentimentos e sensações.</li> <li>▪ Sinceridade exacerbada, devido à dificuldade de compreensão de situações sociais e comunicação humana, podem ser interpretadas como pessoas com “pouco filtro”. Dificuldades para mentir ou identificar mentiras.</li> <li>▪ Argumentações e linhas de pensamento racionais, que podem levar as pessoas a concluírem erroneamente insensibilidade emocional.</li> <li>▪ São menos frequentes diálogos sem intenção comunicativa direta, como bate-papos ou combinados sociais tidos como polidos.</li> </ul>
Facilidade com aprendizagem lógica e dificuldade com	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Devido às características específicas de linguagem, é mais difícil para as pessoas com TEA/SA aprenderem de forma intuitiva, ou seja, por meio de comunicação indireta e figuras de</li> </ul>

aprendizagem intuitiva	<p>linguagem, sendo mais simples a instrução direta, curta e lógica.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ É comum que haja facilidade para o aprendizado de matérias lógicas, como ciências e matemática, e dificuldades com línguas e redação, por exemplo.</li> </ul>
Hiperfoco	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Interesse por um assunto específico por longos períodos de tempo, com dedicação exclusiva ao mesmo e dificuldades para envolver-se em tópicos diversificados. São frequentes assuntos como dinossauros, ciências marinhas, música, história, programas de televisão, números e datas, trens, etc. A depender das características cognitivas da pessoa, podem desenvolver habilidades notáveis nessas áreas.</li> <li>▪ Devido ao hiperfoco, podem ter dificuldades na sociabilidade por não identificarem quando estão sendo enfadonhos ou exagerados na comunicação com o outro.</li> </ul>
Inflexibilidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Dificuldades para flexibilizar rituais e rotina, desorganizando-se quando algo novo é inserido, ou quando há imprevistos como faltas, trocas de trajetos, etc.</li> <li>▪ Rigidez com relação a alimentos e outros estímulos de preferência, como roupas, brinquedos, sapatos, livros, podendo haver acumulação associada.</li> </ul>
Características motoras específicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pode-se observar pouco uso de gestos e maior rigidez muscular ao movimentar-se, e padrão de marcha arqueado.</li> <li>▪ Estereotípias como movimentar as mãos, os pés, andar em círculos, podem ocorrer em situações diversas.</li> <li>▪ Dificuldades para aprender brincadeiras e habilidades como andar de bicicleta, jogar bola, escrever e pintar.</li> </ul>
Características singulares especiais	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Algumas pessoas com TEA/SA podem apresentar características como memória visual excelente, memória numérica e facilidade com cálculos, inteligência acima da média em alguma área específica, ou em várias. Toma-se cuidado com essa informação para que não haja a expectativa</li> </ul>

	exacerbada de familiares sobre essas características, que nem sempre estão presentes.
--	---

Fonte: elaborado pelas autoras.

A literatura científica sobre TEA/SA foi historicamente composta pelas ciências médicas, produzida inicialmente por meio de linguagem e interpretação biologicistas. Entretanto, há grupos que demandam olhares diversos sobre o fenômeno, como o Movimento da Neurodiversidade, composto por pessoas diagnosticadas com TEA/SA, seus familiares e cientistas associados, propondo novas formas de pensar e falar sobre o assunto.

Em primeiro lugar, as pessoas com TEA/SA demandam a oportunidade de falarem por si mesmas, substituindo a lógica exclusivamente médica e asséptica por suas perspectivas e experiências, em uma luta pela autoadvocacia. Segundo Ortega (2009), o movimento traz contribuições importantes também em termos de linguagem: considera-se que o autismo não é uma doença e, portanto, não faz sentido falar em cura. Da mesma forma, não sendo uma doença, não deve ser referida como algo a ser combatido, mas sim como uma diferença humana a ser respeitada como tantas outras – cores de olhos, de pele, etc. Denomina-se neurotípicas as pessoas sem autismo, e neuroatípicas pessoas com TEA/SA, e ao fazer referência, opta-se pelo uso de “pessoa com autismo” em substituição a expressão “pessoa autista”, na tentativa de evidenciar o sujeito e não sua condição, em primeiro lugar (ORTEGA, 2009).

Múltiplos campos científicos vêm estudando o TEA e propondo intervenções, como a Psicologia, a Terapia Ocupacional, a Medicina, a Biomedicina, a Fonoaudiologia, a Enfermagem, a Odontologia, a Educação Especial, a Pedagogia, etc. E dentro dessas grandes áreas, há grupos específicos, como a Análise do Comportamento Aplicada

(ABA), que apresenta uma abordagem baseada em evidências para o ensino de habilidades a este público, especialmente no contexto da Psicologia. (CAMARGO; RISPOLI, 2013)

As intervenções, em geral, visam promover a melhora na qualidade de vida da pessoa com TEA e seus familiares, o ensino de habilidades diversas (motoras, sociais, comunicacionais, sensoriais e cognitivas), e apoiar o processo inclusivo, que muitas vezes necessita ser mediado. Independentemente da área em questão, indica-se que a inclusão no programa interventivo deve ser feita o mais cedo possível, já que existem janelas no desenvolvimento facilitadoras de algumas habilidades, como a linguagem, por exemplo. Esse é o argumento que embasa a defesa do diagnóstico precoce, ou seja, de que frente aos sinais de TEA desde os primeiros dois anos de vida, sejam realizadas intervenções, independentemente da confirmação ou não do diagnóstico ao longo da vida (BRASIL, 2013).

Os focos e objetivos das intervenções variam de pessoa para pessoa, e de acordo com os momentos da vida: escola, inserção no grupo de pares, preparação para o trabalho, apoio nas mudanças, etc. Destaca-se a necessidade de incluir como parte dos conteúdos das intervenções, a sexualidade, entendida como um aspecto humano amplo e complexo, de caráter histórico, social, biológico, psicológico e cultural. Ao discutir intervenções voltadas à sexualidade de pessoas com TEA, inclui-se não somente a necessidade de falar sobre relacionamentos e ato sexual, mas de questões diversas como preconceito, prazer, funcionamento biológico, gênero, afeto, e assim sucessivamente (MAIA, 2006).

Os dados da literatura indicam que, no geral, não há indícios científicos de que os desejos sexuais de pessoas com TEA sejam diferentes em relação às pessoas neurotípicas. Entretanto, há dificuldades na vivência da

sexualidade decorrentes dos déficits em habilidades sociais, dificuldades comunicativas e interesses intensamente específicos, bem como dificuldade para expressar de forma sutil o que esperam e o que sentem. Além disso, é preocupante o dado indicativo de que o risco para abusos sexuais seja maior nessa população, devido às dificuldades para identificar situações de perigo e enganação (OTTONI; MAIA, 2019).

Identifica-se, ainda, que os familiares são os principais responsáveis pela promoção da educação sexual dos filhos com TEA/SA, e que essa relação é usualmente marcada pelo silenciamento, dificuldades para aceitação da autonomia e para o reconhecimento da existência da sexualidade. Essas características comumente apresentadas pelas famílias fomentam a situação na qual as pessoas com TEA/SA têm dúvidas e dificuldades para abordar o assunto, mas permanecem sem orientações que possam promover relações mais saudáveis consigo mesmas e com outros. Assim, compreende-se que discutir sobre a sexualidade neste contexto implica refletir sobre o oferecimento de apoio aos familiares, em diversos âmbitos (VIEIRA, 2016).

Há consenso na literatura sobre o fato de que o ensino da sexualidade, especialmente na cultura ocidental, se dá por meio de figuras de linguagem, como metáforas. Aprende-se primeiramente os apelidos das genitálias, e então os nomes científicos; fala-se sobre masturbação e ato sexual por meio de representações linguísticas, e estas são justamente uma das maiores dificuldades apresentadas pelas pessoas com TEA/SA (OTTONI; MAIA, 2019). Observa-se, portanto, que embora possa haver desejos e possibilidades sexuais, a falta de apoio e reconhecimento social, bem como de acesso ao conhecimento, precarizam e dificultam a vivência da sexualidade dessa população.

Tal qual preconizam grandes campanhas, como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, comemorado em

2 de abril, considera-se que difundir informações seja parte essencial da inclusão. Assim, almeja-se, nesta articulação entre uma obra midiática e o conhecimento científico, contribuir para divulgar os limites e as possibilidades relacionados à vivência de alguém diagnosticado com TEA/SA, sem que isso signifique um perfil imutável. Ao contrário, espera-se partir das especificidades individuais, explorar os diversos caminhos que existem ao longo do desenvolvimento humano.

### Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	Atypical (1ª Temporada)
Nome Traduzido	Não há - Netflix
Gênero	Comédia dramática
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, inglês.
Duração	30min ( episódio)
Direção	Seth Gordon

*Atypical* é uma série televisiva, cuja primeira temporada foi exibida em 2017, distribuída pela plataforma Netflix, e expandida para outras duas temporadas até o momento de publicação deste capítulo. Sam, personagem principal, tem 18 anos e foi diagnosticado quando criança com TEA/SA, participando de intervenções e adaptações desde então, o que possibilita que expresse habilidades bem desenvolvidas em diversos aspectos. Sam mora com a família, composta pela mãe, Elsa, o pai, Doug e a irmã, um pouco mais nova, Casey.

Os episódios da primeira temporada descrevem alguns elementos centrais: questões familiares (como a dificuldade de aceitação do diagnóstico, por parte do pai, e



a redescoberta da identidade da mãe após o crescimento do filho); aspectos sexuais e afetivos (Sam busca um relacionamento sexual e inicia ações para sair com uma garota); tópicos relacionados ao *bullying* vivenciado pelo rapaz, na escola.

Assim, *Atypical* aborda de forma muito sensível a sexualidade de pessoas com TEA/SA, tornando-se um interessante material de análise. Entretanto, é necessário pontuar: primeiramente, que como parte do espectro específico TEA/SA, o personagem representa as características de apenas algumas pessoas com autismo. Isso deve ser evidenciado, pois ao receber diagnóstico dos filhos, uma das ações das famílias é buscar informações, e ter contato com prognósticos diferentes dos que serão vivenciados pode gerar expectativas e sofrimentos. Em segundo lugar, que mesmo na condição TEA/SA, a personagem Sam tem características específicas, como buscar um relacionamento heterossexual, ser um homem cisgênero e desejoso de engajamento em relação. Ressalta-se para que fique claro que, apesar de representar de forma geral características de pessoas com TEA/SA, há questões singulares da personagem e sua sexualidade que não necessariamente correspondem à população como um todo.

### **Análise Crítica**

Para compor a análise da primeira temporada da série, todos os episódios foram assistidos, e a partir dos mesmos, as temáticas mais frequentemente apresentadas relacionadas à sexualidade da personagem principal, agrupadas nas categorias: 1) Ações familiares voltadas ao cuidado de Sam; 2) Suporte social e afetivo; 3) Relacionamentos, expressão e vivências da sexualidade.

## ***Ações familiares voltadas ao cuidado de Sam***

### *Ações e sentimentos da mãe, Elsa*

A maternidade de filhos com TEA pode significar desafios múltiplos, como o abandono da carreira para dedicação aos cuidados do outro, precarização financeira, autoestima e autoimagem prejudicados, estresse, ansiedade, depressão (SMEHA; CEZAR, 2011). Em diversos momentos, ao longo da primeira temporada, é possível observar a exaustão de Elsa com os afazeres familiares, bem como a restrição de sua identidade ao papel de mãe, exercido com afinco. As mudanças desse processo ficam evidentes quando vai ao bar com as amigas, e se sente eufórica por redescobrir-se enquanto mulher autônoma, já que os filhos dependem cada vez menos dela em suas atividades diárias. Neste contexto, inicia um relacionamento extraconjugal com o barman, e os momentos nos quais se arruma para encontrá-lo evidenciam a reconstrução de sua identidade, para além da maternidade.

O sofrimento materno é também intensificado pelas preocupações frequentes, que embasam o processo de infantilização do filho com TEA, e dificuldade de reconhecimento do seu amadurecimento, bem como necessidade de fazer escolhas e atividades independentes da família (AMARAL, 2009). Esse elemento pode ser visto no momento em que Sam decide escolher e comprar suas próprias roupas, rompendo a tradição mantida pela mãe de que a mesma iria ao shopping, em seu lugar, porque era um lugar sensorialmente confuso. Ao tomar essa decisão, a mãe tenta convencê-lo a não ir, e uma vez na loja, busca direcionar as escolhas a partir de suas preferências.

A figura de Elsa é retratada em sua complexidade, mas a mesma é frequentemente apontada como culpada e controladora, o que leva à reflexão sobre a necessidade de

repensar e discutir sobre co-parentalidade em nossa sociedade. A última cena da primeira temporada retrata o momento no qual Doug (pai de Sam) descobre a traição de esposa Elsa, fomentando a imagem construída ao longo de todos os episódios, ao passo que, embora o pai tenha demonstrado não aceitação do diagnóstico do filho, ao não contar para colega de trabalho que Sam era diagnosticado com TEA, e ter se mudado por alguns meses quando o mesmo era pequeno, seu retrato continuou sendo positivo, leve e amoroso. Essa representação reafirma a necessidade de apoio dos familiares, e de trabalho na coparentalidade justa (AMARAL, 2009).

#### *Organização familiar voltada à inclusão de Sam*

Considerando que uma sociedade inclusiva deva se organizar para atender as necessidades de todas as pessoas, em uma lógica de deslocamento de foco do sujeito para a coletividade (ARANHA, 2001), conclui-se que os familiares de Sam promovem ações inclusivas muito interessantes e criativas. Sam tem um fone de ouvido antirruído, por exemplo, para evitar desorganização sensorial em público, e quando estava prestes a comparecer a um encontro em novo restaurante, os pais o levaram antecipadamente para que ele conhecesse o lugar e pudesse fazer os questionamentos necessários. De acordo com o diálogo, esse é um hábito da família para prepará-lo com relação às novas situações. Além disso, é possível observar o uso do quadro de rotina, na casa, bem como o refrigerador repleto do alimento favorito de Sam, demonstrando organização para colaborar com sua necessidade de previsão e preferências.

Sendo a hipersensibilidade sensorial uma característica muitas vezes dolorosa do TEA/SA, bem como a necessidade de rotina e previsibilidade (KLIN, 2006), considera-se que ações como essas são centrais para a

promoção do bem-estar. Outra característica marcante de Sam é o hiperfoco em pinguins e experimentos isolados na Antártica, e é belíssimo observar o movimento feito por Casey e Doug, que se envolvem no diálogo sobre esses assuntos, fazendo questionamentos e demonstrando interesse por compreender o que Sam está dizendo.

### *Diálogos sobre sexualidade*

Logo no primeiro capítulo, Sam contou à família, no momento do jantar, que dialogou com sua terapeuta e decidiu iniciar a busca de uma parceira sexual. A mãe demonstrou embaraço, e após este momento se engajou na tarefa de convencer as pessoas ao redor, sobretudo, Doug e a terapeuta de Sam, que o filho não estaria preparado para isso. Essas ações corroboram com os dados segundo os quais os familiares não têm acesso a informações sobre como promover a educação sexual dos filhos, e muitas vezes reproduzem aquilo que viram seus próprios pais fazendo. Pensar a sexualidade do filho com TEA/SA, bem como promover sua educação sexual, deve ser apoiado por profissionais de intervenção, para que os familiares sejam acolhidos em suas angústias e preocupações, e os direitos sexuais dos filhos, garantidos (VIEIRA, 2016).

É interessante notar que quando Casey inicia um relacionamento amoroso, a mãe se propõe a dialogar sobre isso com maior facilidade, abertura e bom humor, dado frequente de familiares de pessoas com TEA/SA, na comparação de práticas parentais entre os filhos neurotípicos e neuroatípicos (VIEIRA, 2016).

### ***Suporte social e afetivo***

*Amigo Zahid*

As dificuldades para manter amizade com pares neurotípicos são múltiplas, mas segundo Newport e Newport (2002) o fato de as pessoas com TEA/SA terem poucas percepções sobre as situações sociais – como em quais momentos estão sendo inadequados, por exemplo – complicam os relacionamentos, bem como os pares demonstrarem pouca paciência e compreensão sobre essas características. Entretanto, Zahid, colega de trabalho de Sam, o acolhe em suas dúvidas e dificuldades, e expressa apoio para que tente coisas novas, sendo um grande incentivador de sua independência.

Quando Sam busca seu apoio para engajar-se em relacionamento com uma garota, recebe inúmeros conselhos, e de forma muito curiosa, Zahid utiliza figuras de linguagem para falar sobre sexualidade todo o tempo. Como discutido por Segar (2006), as metáforas dificultam a aprendizagem, assim como abstrações muito intensas, porque comumente pessoas com TEA/SA têm facilidade com raciocínio lógico e inflexível. Assim, há momentos em que Sam expressa não compreender o que o amigo quer dizer, mas anota as regras ensinadas para utilizar em situações práticas, gerando cenas cômicas, já que a aplicação dessas regras se dá, muitas vezes, em contextos inadequados.

#### *Terapeuta Julia*

Algumas falas da terapeuta de Sam demonstram sua visão voltada à independência e autonomia dos pacientes, como quando diz: *“Pessoas no espectro podem namorar. Se quiserem”*. É interessante notar que a mesma abre espaço para o cliente falar sobre sua sexualidade, e pensar em possibilidades de vivenciar experiências, caso queira, ou seja, não impõe a necessidade de um relacionamento.

Sam fala sobre seus sentimentos especialmente a partir de conhecimentos sobre os pinguins: quando quer

dialogar sobre seu vazio, refere-se ao “buraco na Antártica do tamanho de Maine”, e ao referir-se sobre parentalidade, fala sobre os pais pinguins. Isso ressalta a dificuldade de expressar-se, discutida por Klin (2006), mas também demonstra possibilidades de diálogos e alívio, nas terapias baseadas em comunicação. Encontrar terapeutas especializados, com conhecimentos e manejos competentes para potencializar as habilidades de pessoas com TEA/SA pode ser um passo importante para sua qualidade de vida.

#### *Grupo de familiares de pessoas com TEA*

Outro ponto de apoio muito importante citado pela série é o grupo de familiares, frequentado por Elsa. No grupo, as participantes, que são essencialmente as mães, falam sobre suas frustrações, conquistas, dificuldades, e se acolhem na diversidade. Há regras específicas, como não julgamento e o uso da linguagem própria do movimento da Neurodiversidade (ORTEGA, 2009). Grupos como esses têm o potencial de promover melhores níveis de saúde mental para esses familiares, além de criarem estratégias coletivas, trocarem experiências e fornecerem socialização, considerando que esses familiares são frequentemente isolados (VIEIRA, 2016).

#### *Paige*

Sam se envolve amorosamente com Paige ao longo da primeira temporada, uma garota sensível e cuidadosa, que enuncia para o então namorado quais são as regras do mundo. Sam descreve sentir conforto com esse hábito, e anda com seu caderno para anotar cada regra aprendida com Paige. Quando rompem o relacionamento, por exemplo, ela fixa a regra de não falar sobre sentimentos, mas ao ser reprovada na escola pleiteada, busca apoio emocional, e Sam se recusa a oferecer, seguindo

estritamente a regra. De acordo com Newport e Newport (2002) este é um dos maiores desafios do relacionamento amoroso com pessoas com TEA/SA: elas costumam seguir regras estritamente, mas as situações cotidianas que exigem flexibilidade acabam não sendo percebidas por elas, devido às dificuldades de interpretação do mundo (KLIN, 2006).

### ***Relacionamentos, expressão e vivências da sexualidade***

#### *Dificuldades para entender o que é o amor*

O amor é um sentimento complexo, de definições múltiplas e pouco consenso científico, e por tratar-se do campo sentimental, imagina-se que não haja necessidade de racionalizações. Entretanto, para pessoas que compreendem o mundo de forma racional, e se expressam desse modo, como é o caso do TEA/SA, falar sobre o amor é ainda mais difícil. A parte da série na qual Sam se engaja em uma pesquisa para concluir se ama ou não Paige demonstra isso claramente: todos ao seu redor dizem que simplesmente “*sentimos quando amamos alguém*”, e devido às dificuldades para descrever seus sentimentos, não consegue chegar a uma conclusão, até que seu pai enuncia três passos importantes que utilizou para saber se amava ou não sua mãe, e ele consegue “*cumprir seu checklist*”.

Ao fazer essas reflexões, imagina-se que então seja simples para pessoas neurotípicas pensarem sobre o amor, mas chega-se à conclusão de que este é um assunto difícil para todos, e que a linguagem vaga, inespecífica e pouco racional do campo sentimental, torna globalmente complicado compreender e descrever seus próprios sentimentos (NEWPORT; NEWPORT, 2002).

### *Características do TEA/SA que parecem influenciar a sexualidade de Sam*

Como pode ser observado desde o primeiro episódio, o desenvolvimento da sexualidade de Sam ocorre da mesma forma de seus pares neurotípicos: com desejos, dúvidas, autoestima em cheque. Entretanto, algumas características do TEA/SA tornam suas vivências mais difíceis em vários aspectos, como o fato de ser hipersincero, por exemplo. Devido ao baixo filtro social, Sam fala sobre o que pensa e sente de maneira espontânea, com pouca percepção sobre informações que devem ser mantidas no campo privado. Por um lado, há situações em que sua sinceridade é valorizada, como no caso de sua primeira paquera, em que a garota o elogia por ser honesto. Por outro, há momentos em que as pessoas ao redor se sentem ofendidas, desconsideradas ou embaraçadas. É interessante a tese de Zahid sobre isso: para ele, as pessoas com TEA/SA é que estão corretas, e o restante do mundo age de forma errada.

Outra característica comumente descrita por quem se relaciona com pessoas com TEA/SA é a hipersensibilidade (NEWPORT; NEWPORT, 2002). Sam, por exemplo, não gosta de contatos sutis, como afagos carinhosos, e prefere abraços e toques muito apertados – o que em um relacionamento pode ser difícil, como no momento em que prestes a transar com uma garota, chega ao ápice da hipersensibilidade e a derruba da cama, devido à imensa irritação.

Por fim, o uso da imitação como estratégia de adaptação social foi expresso por Sam inúmeras vezes ao longo da série, como no momento em que assiste um vídeo sobre o que dizer a uma garota, e imita uma ação agressiva e inadequada assistida, dizendo à garota que “seus olhos eram esbugalhados”, obviamente sendo abandonado no encontro. Embora a imitação seja uma excelente forma de



adaptar-se às situações sociais, é importante que haja mediação e auxílio.

Diversos outros elementos poderiam ser analisados nesta obra, mas sem a intenção de esgotar a discussão, buscou-se destacar as principais passagens que evidenciam questões teóricas relacionadas às vivências sexuais, afetivas e interações sociais de pessoas com TEA/SA. Enquanto área em expansão científica espera-se que dados e conhecimentos sejam compartilhados futuramente para possibilitar outras análises e observações sobre o tema.

### **Considerações Finais**

*Atypical* apresenta, ao mesmo tempo, diferentes categorias artísticas - drama, romance, comédia - e talvez por isso, traduza um meio leve e sensível para atrair o espectador. A trama envolve a vivência de Sam, um jovem diagnosticado com TEA/SA, em suas experiências cotidianas e humanas, as quais muitos se identificam porque existem em todos os relacionamentos, independentemente das condições típicas ou atípicas.

A série, produzida em um contexto norteamericano, retrata padrões normativos como a família nuclear branca de classe média, bom acesso a escolar e psicoterapias. Isso reduz a representatividade da população com TEA/SA, especialmente em um país diverso como o Brasil, onde, muitas vezes, não há possibilidade de tratamentos básicos, nem acesso a adaptações necessárias. Além disso, retrata a realidade de um jovem com espectro específico do autismo, não sendo também generalizáveis suas características para toda a população do TEA.

Entretanto, a narrativa apresenta situações que evidenciam contribuições pertinentes, tanto junto às pessoas com TEA/SA e seus familiares, quanto aos diversos profissionais e pessoas leigas, levando discussões e

informações a novos espaços. Discutir sobre a sexualidade de pessoas com autismo e todas as suas características, relatadas neste texto, é um avanço no caminho da divulgação de informações para promover a inclusão.

Uma vez que na sociedade inclusiva, cada vez mais, convive-se em contextos sociais em que pessoas com deficiência se fazem presentes e se beneficiam ou lutam pelos seus direitos, conhecer e conviver, ainda que diante das telas, parece um meio importante para propagar o respeito e a dignidade que todos merecem.

## Referências

AMARAL, C. E. S. **O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade**. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ARANHA, M. S. F. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, n. 21, p. 160-173, 2001.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4 ed. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do espectro autista**. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde, p. 5-74, 2013.

BRITO, A. P. L.; NETO, A. R.; AMARAL, L. T. Síndrome de Asperger: Revisão de Literatura. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, Brasília, v. 2, n. 3, p. 169-176, 2013.

CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. Análise do Comportamento Aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013.

CAMARGOS JR, W. Introdução. In:\_\_\_\_\_. **Síndrome de Asperger e outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento**. Belo Horizonte: Artesã, 2013a. p. 13-24.

KLIN, A. Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, p. S3-S11, 2006.

NEWPORT, J.; NEWPORT, M. **Autism-Asperger's & sexuality – puberty and beyond**. Arlington, Texas: Future Horizons, 2002.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Deficiências**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009.

OTTONI, A. C. V.; MAIA, A. C. B. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1265-1283, 2019.

RIOS, C.; ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R.; NASCIMENTO, L. N. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface: Botucatu**. v. 19, n. 53, p. 325-336, 2015.

SEGAR, M. Guia de sobrevivência para portadores de Síndrome de Asperger, 1997. Disponível em: < [http://www.afaga.com.br/biblioteca/sobrevivencia\\_asperger.pdf](http://www.afaga.com.br/biblioteca/sobrevivencia_asperger.pdf)>. Data de acesso: 23 de julho de 2019.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, 2011.

VIEIRA, A. C. **Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares**. 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em

Psicologia). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências. Bauru, 2016.



## Capítulo 2

# BELEZA AMERICANA: REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM CORPORAL E SEXUALIDADE

João Artur de Falco Tizzo  
Lucas Matheus Fernandes Baravieira

### Introdução

Quando se leva em consideração a relação do indivíduo com a imagem do seu corpo, torna-se importante analisar a influência dos fatores socioculturais. Os padrões de beleza impostos pela sociedade, por exemplo, podem ser fatores determinantes sobre certos comportamentos humanos. Muitas pessoas estão sujeitas a um conjunto de preocupações, insatisfações e sofrimento com a sua imagem corporal, o que as induzem a realizar exercícios físicos, muitas vezes em excesso, dietas radicais, cirurgias estéticas, dentre outros comportamentos, visando atingir padrões de beleza ideais devido a uma autodepreciação.

O conceito de imagem corporal pode ser definido como uma construção multidimensional em que há uma ampla descrição das representações internas da estrutura corporal e da aparência físicas, sendo “os sentimentos, os pensamentos e os comportamentos concernentes ao corpo como um todo, ou mesmo às partes que o constituem” (OLIVEIRA; CARVALHO, 2017). Ela reflete e representa, entre outros, os desejos pessoais do indivíduo mediante ao seu contexto e, de certa forma, é uma representação física de como a mente é estruturada (DEL CIAMPO; DEL CIAMPO, 2010).

Vale ressaltar aqui que essa construção da imagem corporal ou da autoimagem sofre influência das opiniões pessoais e também das opiniões de terceiros - pessoas próximas, como familiares e amigos. Consequentemente, há uma pressão sociocultural, tanto devido a um discurso de terceiros, quanto de imagens midiáticas tomadas como modelo de estética e saúde (como ser magro), que podem aumentar as chances de insatisfação pessoal com a imagem do corpo, e podem vir a dificultar a inserção e satisfação social do indivíduo e levar a uma diminuição da autoestima e a um aumento da depressão (VAN DEN BERG et al., 2007).

A aprovação social é um fator importante quando se trata da construção da imagem corporal. O indivíduo tem sua vida pessoal e seus hábitos moldados pela influência do meio em que ele se insere (SKINNER, 1953), e, muitas vezes, o que constitui esse meio são os estímulos oriundos dos comportamentos de terceiros com relação aos do indivíduo, ou seja, a aprovação ou desaprovação recebida por outras pessoas.

É interessante observar que os fatores socioculturais começam a influenciar o indivíduo desde a sua infância (SMOLAK, 2004), inclusive se considerarmos a forma como os sujeitos em sociedade expressam seu comportamento verbalmente e influenciam no pensar e agir de outros (SKINNER, 1978), selecionando condutas que mais se adequam ao contexto e são melhores aceitas por determinada cultura de acordo com suas demandas.

Essa influência acaba sendo mais rígida e intensa quando a pessoa entra na adolescência (MALDONADO, 2006) e, de certa forma, a relação que o indivíduo começa a estabelecer com seu corpo afeta na sua sexualidade, da mesma forma que a imagem corporal e satisfação com esta também apresenta efeitos negativos nos comportamentos de indivíduos já em sua infância (SMOLAK, 2004).

A sexualidade está relacionada ao desenvolvimento global do indivíduo e constitui um dos principais elementos da personalidade. Pode-se dizer que os relacionamentos, o equilíbrio emocional e a manifestação sentimental dependem de um saudável desenvolvimento da sexualidade durante as etapas da infância até adolescência. É importante ressaltar que é na adolescência que a expressão da sexualidade começa a se dar de maneira mais diferenciada, seja pela inserção (e frequentes mudanças) em diferentes contextos e ambientes sociais, seja pela produção hormonal que se altera nessa etapa do desenvolvimento (DEL CIAMPO; DEL CIAMPO, 2010). E é durante esse período que, geralmente, o indivíduo dá início às suas vivências sexuais, geralmente, na escolha da pessoa com quem irá se relacionar, na relação sexual, na descoberta da homossexualidade, dentre outros.

Considerando a sexualidade como um fator que apresenta relação com a autoimagem, pode-se inferir, muitas vezes, que o indivíduo não se sente confortável em iniciar sua vida sexual com algum parceiro devido a uma insatisfação em relação ao seu corpo. E isso não acontece somente na adolescência - é muito comum acontecer com pessoas que também estão na fase adulta, de forma que uma divergência ou contraste abrupto na vida sexual, ou mesmo uma disfunção sexual, podem influenciar diretamente na autoimagem do indivíduo e como ele se sente em relação a si mesmo (BERTERO, 2002; PARKER et al., 2003; MAIA, 2008).

Um estudo feito no Tocantins com mulheres em situação pós-cirúrgica de mastectomia (LEITE; ANDRADE; MORAES, 2009) demonstrou relação direta entre a alteração da imagem corporal por conta da retirada de mamas, autoestima e vida sexual. Um dos fatores mais importantes parece ser a reação que os maridos dessas mulheres têm após a cirurgia. Nos casos em que há



aceitação por parte deles, a mulher percebe com mais facilidade que seu valor vai muito além do que ocorreu com esta parte de seu corpo, e se vê com mais possibilidades de superação dos obstáculos que encontra. Já quando existe uma falta de diálogo sobre sexualidade, com manifestação de preconceito e estranhamento por parte do marido, o relacionamento é marcado por um distanciamento, que pode inclusive levar a seu fim, e com notável prejuízo na autoestima da mulher e na expressão de sua sexualidade. Muitas mulheres que fazem cirurgia de mastectomia relatam não conseguir se despir totalmente no ato sexual, por medo da reação do parceiro.

Vê-se aqui a expressão e ilustração de como a sexualidade abrange uma gama de fatores e variáveis, não se constituindo apenas do ato sexual - como é erroneamente divulgado no senso comum -, mas também de afeto, respeito, carinho e carícias, relacionamento e relação interpessoal com parceiros ou cônjuges, expressão de sentimentos, acolhimento de emoções, imagem corporal, satisfação pessoal e social e autoestima (MAIA, 2008).

Considerando, ainda, que a adolescência constitui uma etapa do desenvolvimento na qual as mudanças físicas ocorrem de forma desigual às mudanças psicológicas e que, conseqüentemente, há uma tendência ao sofrimento e à baixa autoestima (MAIA, 2007), quando colocamos essa etapa de mudanças nesses diferentes aspectos (físico e psicológico), assim como de ambientes sociais e familiares, frente a uma idealização constante de uma estética a ser incorporada e seguida, pode-se inferir uma probabilidade de influência na imagem corporal.

Conflitos na imagem corporal e na autoestima no período da adolescência podem acarretar dificuldades para o indivíduo expressar sua sexualidade e, conseqüentemente, nos relacionamentos e interações sociais. Maia (2008)

aponta, ainda, que é no contexto social que a sexualidade se manifesta (sendo assim um reflexo deste contexto e mais uma vez do conteúdo midiático imposto e referenciado); poderia, portanto, gerar impactos não só para o indivíduo em si como para terceiros com os quais se relaciona.

Diante dessas considerações, passamos a análise de um filme que abrange essa discussão entre padrões de beleza, adolescência e vivências da sexualidade.

### **Vídeo Analisado**

Tipo de Material	Filme
Titulo Original	American Beauty
Nome Traduzido	Beleza Americana
Gênero	Drama
Ano	1999
Local de lançamento e Idioma original	EUA/inglês
Duração	2h02min
Direção	Sam Mendes

Beleza Americana é um filme que narra a vida de um homem (o personagem Lester Burnham), frustrado com seu trabalho e com sua vida pessoal, além de vivenciar uma crise de meia idade. A vida frustrada de Lester acaba sendo o principal foco do filme. Porém, pode-se notar que toda a sua família também está passando por uma crise: a sua esposa por estar frustrada com seu trabalho e com seu relacionamento, e sua filha Jane por parecer não se identificar com seus pais e com o contexto em que vive. O drama do filme se estabelece quando Lester se apaixona por Angela, uma amiga de sua filha. O cenário torna-se

muito problemático, pois Ângela é menor de idade e Lester se mostra totalmente obcecado por ela.

De outra parte, o filme mostra a história de outra família, que acaba de se mudar para a casa vizinha à de Lester. Trata-se da família do Coronel Fitts, sua esposa Barbara, mulher que aparenta sempre distante, triste e doente, e o filho Ricky, que se interessa amorosamente por Jane e se torna amigo de Lester, mas que tem muitos conflitos com seu próprio pai.

A narrativa do filme tem como forte característica, segundo nossas interpretações, o fato de representar como os personagens moldam a autoimagem e o estilo de vida pessoal baseados na expectativa social. Ao decorrer do filme, é possível notar que os personagens mudam o jeito de viver por causa da aprovação social e pelas opiniões de pessoas de seu interesse.

### **Análise Crítica**

Beleza Americana se trata do drama da vida de Lester Burnham e pessoas ao seu redor, narrado pelo próprio personagem principal. Desde o início, apresenta-se a frustração do protagonista sobre os diferentes aspectos da sua vida - em uma das cenas iniciais, ele relata como o momento em que se masturba no chuveiro, ao acordar, é o “ponto alto” do dia. Diante de tantas frustrações: financeiras e conjugais e sua relação apática com a filha Jane, o protagonista se vê desmotivado até o ponto em que, em uma das primeiras cenas, sente-se atraído por uma colega de sua filha durante uma apresentação de líderes de torcida da escola. Logo nesse momento, a produção do filme se volta inteiramente para a construção de uma cena sexualizada e chamativa no sentido de demonstrar os interesses do protagonista sobre Ângela.

Ricky inicialmente parece um personagem bizarro, que filma Jane durante vários momentos do dia sem pedir permissão. Ela, entretanto, se interessa por ele, e ambos começam um relacionamento bastante profundo. É interessante como numa cena, ao Jane dizer a Ângela que sabia que ele as estava filmando, e Ângela começar a dançar na janela, Ricky ignora Ângela e se interessa apenas pela beleza de Jane. Isso marca a diferença na forma de expressão das duas.

Ângela Hayes se caracteriza como uma representante da imagem feminina divulgada como padrão de beleza pelas mídias atuais (jovem, loira, magra e alta), voltando seu discurso durante todo o filme, à sua aparência e à sua preocupação em relação ao corpo ideal para uma carreira de modelo. Isso é uma problemática bastante visível no contexto da adolescência, quando a identidade do sujeito mostra-se em etapa de mudança e se torna difícil definir e descobrir, por parte do próprio sujeito, quem ele realmente é. Assim, a preocupação que se tem sobre o corpo e sobre como que ele aparenta se torna elevada. Apesar desse padrão de beleza representar apenas uma pequena parcela da população (MALDONADO, 2006; COSTA et al., 2001), ele é constantemente bombardeado pela mídia aos jovens e à sociedade de uma forma geral, transmitindo um valor cultural referente à autoimagem.

Esse valor acaba se relacionando intimamente com a questão da sexualidade, como a própria personagem demonstra, ao passo que ela equipara “ser desejada” a “ser atraente”, e coloca este último como um fator facilitador da conquista de sua carreira ideal (ser modelo). Consequentemente, ser desejada e sexualmente ativa se tornam fatores extremamente relevantes para a mesma, de forma que ela relata, em várias cenas do filme, pessoas com quem se relacionou sexualmente e sempre reafirma como isso é um fato recorrente em sua vida - o que, ao final

do filme, mostra-se uma mentira, que ela utiliza para manter a imagem que pretendia preservar.

Nesta cena de revelação, na qual ela diz “é a minha primeira vez”, o protagonista Lester está prestes a tirar sua roupa e a mudança da imagem da garota transmitida a ele é nítida. Esse, ao ouvir essa afirmação, muda completamente sua postura em relação a ela, colocando-a sentada e a cobrindo com um cobertor, em um caráter afetivo-protetor - ou seja, a impressão que ele tem da personagem passa de “garota com quem pode se relacionar sexualmente” a “garota frágil, que necessita de cuidados”, quase que uma relação paternal.

Esses momentos do filme vão ao encontro com os apontamentos de Maia (2008) sobre como a sexualidade do sujeito se expressa no seu contexto social e nas interações sociais, mas como também nessa etapa da vida, a adolescência - na qual Ângela se encontra - há também uma dificuldade de se assumir papéis sexuais adultos, apesar de haver uma negação de referenciais sociais próximos. Consequentemente, a personagem tenta pregar ao longo de todo o filme uma imagem sobre si mesma que não está ainda consolidada, o que fica evidente na cena com Lester, na qual ela muda toda a sua postura.

Nesse sentido, o filme se mostra uma boa forma de ilustração da importância da sexualidade para a autoimagem, mas é problemático quando se considera que este faz pouca ou nenhuma menção sobre as diferentes questões éticas, morais e legais acerca do fato de um homem de 46 anos desejar e se envolver com uma garota de 15-16 anos. A única personagem que o repudia por tal comportamento é sua filha, Jane, mas mesmo assim o faz apenas por considerar “nojento” que o pai se envolva sexualmente com uma amiga, e não pela diferença de idade.

Lester também é um personagem que passa pela insegurança e tentativa de mudança da autoimagem, quando, ao se sentir atraído por Ângela e ouvi-la dizendo que gostaria que ele ficasse mais forte, começa a fazer exercícios físicos regularmente, preocupado com sua aparência. A aparência de beleza padronizada- juventude e corpo magro e musculoso- acaba sendo um referencial da garota para que ele seja correspondido. Essa preocupação ilustra o diferencial apresentado por Del Ciampo e Del Ciampo (2010) de que, embora homens e mulheres busquem por um corpo ideal, é comum que as mulheres desejem um corpo magro e os homens um corpo forte. Nos dois casos, o padrão de beleza ideal promete a “felicidade eterna”, o que, sabemos, representa apenas um engodo.

O filme mostra, ainda, como o personagem passa a se sentir mais confiante e satisfeito consigo mesmo ao obter uma reação de medo e surpresa das pessoas ao seu redor diante da mudança brusca de seu comportamento - ele passa a ter cada vez mais, ao longo do filme, um comportamento autoritário e agressivo. Querendo ou não, isso provoca uma mudança na forma como as pessoas reagem a ele, e, sentindo-se ativo em seu ambiente social, Lester passa a se sentir melhor. Podemos sugerir que o padrão de masculinidade vigente, associado à violência e à agressividade, é evidenciado, na medida em que a autoestima e sentimentos de virilidade envaidecem o protagonista.

No personagem Coronel Frank Fitts, percebe-se uma representação do conceito de identidade sexual, ao passo que este se refere a um conceito amplo e que se distingue da mera função biológica, voltando-se a uma delineação marcada pela interação com os pais, fatores morais, culturais, sociais, religiosos, entre outros, iniciada desde os primeiros momentos de vida e definida na adolescência (COSTA et al., 2001). O coronel é um personagem marcado por uma

desconfiança constante de que seu filho (Ricky Fitts) seja gay, reforçando um preconceito explícito em comentários e julgamentos sobre seus vizinhos, um casal homossexual.

Durante todo o filme, as aparições do Coronel Frank Fitts são marcadas pela reafirmação constante de que ele é um fuzileiro naval. Considera-se, então, que este é sua principal definição/visualização de identidade, o que volta a percepção do espectador para a forma como este contexto militar molda e ressalta sua visão de mundo - o que vai ao encontro aos apontamentos de Del Ciampo e Del Ciampo (2010) sobre o estereótipo e a idealização estética que são constantemente divulgados pela cultura midiática - e seu preconceito acerca da sexualidade. Nas cenas finais, no entanto, Fitts apresenta um conflito identitário sexual ao tentar se aproximar sexualmente do protagonista Lester Burnham. Ao ser rejeitado, apresenta-se imensamente frustrado, o que pode ser relacionado tanto à sua frustração por não conseguir realizar seu desejo erótico até então escondido, quanto por se sentir confuso com sua própria identificação sexual. Nesta perspectiva, a questão da autoimagem se mostra presente perante a forma como o Fitts aparenta frustrado consigo mesmo e com aqueles ao seu redor.

Outra personagem na qual vemos a questão da autoimagem e das expectativas sociais é Jane. Sua amizade com Ângela expõe duas formas de lidar com o mesmo tipo de expectativa, já que Jane é preocupada com sua beleza e chegou até a juntar dinheiro ainda pré-adolescente para fazer cirurgia plástica nos seios quando crescesse. Ela e Ângela são inseguras com a aparência, mas reagem de formas diferentes. Ângela cria uma falsa imagem de poder sexual, enquanto Jane é retraída e, como ela mesma cita em uma cena inicial, prefere usar roupas que a tornem menos atraente.

Carolyn, esposa de Lester, também passa por um processo referente à imagem. No caso, não se trata de uma

imagem necessariamente sexual, mas é bastante marcada sua frase de que “para ter sucesso é necessário expor ao mundo uma imagem de sucesso”. Essa frase também é dita por um homem da mesma profissão que ela, Buddy, que se torna seu amante. Com ele, inclusive, ela possui uma vida sexual ativa, apresentando um comportamento totalmente distinto dos que apresenta quando está com seu marido Lester. Apesar de o casamento da personagem possuir uma série de variáveis diferentes que influenciam na apatia relacional, é evidente o impacto da satisfação sexual na construção da relação afetiva de Carolyn com Buddy. Essas cenas ilustram os apontamentos feitos sobre o aspecto abrangente de sexualidade (não só como um ato sexual, mas como uma gama de outras variáveis, como afeto), assim como encontramos em Leite, Andrade e Moraes (2009).

De certo ponto de vista, pode-se dizer que o filme expõe desejos, inseguranças, fachadas e insatisfações quanto à sexualidade, sua expressão e aceitação. No entanto, ele pode levar a múltiplas interpretações. O filme gera muitas críticas sobre o modo de vida americano, ao problema da hipocrisia e da repressão e de como as pessoas se mostram ao mundo e de como veem a si mesmas. Além disso, uma vivência aparentemente estável de sentimentos e relacionamentos mostra-se flexíveis em relação ao mundo (principalmente Lester em relação ao casamento e ao trabalho).

É difícil dizer se o conteúdo apenas reforça ou questiona estereótipos sociais, já que o tom irônico do filme faz com que a percepção da crítica aos mesmos dependa muito do espectador. Não é um filme que esclareça nitidamente questões científicas, mas também não pode ser visto apenas como reforçador de crenças, já que apresenta críticas sociais importantes e que tiveram grande impacto cultural desde seu lançamento, considerando aqui, o



contexto de uma sociedade norte-americana e suas especificidades culturais diferentes das brasileiras.

Nossa opinião é de que ele possui um aspecto educativo, na medida em que pode colaborar para que um educador mobilize e oriente as discussões e críticas sobre os padrões de beleza e de sexualidade vigentes, uma vez que, segundo Maia (2007), o tratamento de tais temas relativos à sexualidade na adolescência é de considerável importância do desenvolvimento cognitivo, psicológico e afetivo, marcando a forma como nos relacionamos com outras pessoas na vida adulta.

Do ponto de vista psicológico, a temática do filme é especialmente interessante, por levantar muitas questões como: crise de identidade (em quase todos os personagens, mas principalmente em Lester, Jane e Coronel Fitts), conflitos familiares e intergeracionais (a relação conturbada de Lester com Carolyn e Jane e de Fitts com sua esposa Barbara e o filho Ricky); sofrimento no trabalho, com a competitividade e a falta de sentido das atividades laborais (Carolyn como corretora imobiliária e Lester trabalhando numa agência de marketing e, depois, demitindo-se para trabalhar numa lanchonete); e a repressão sexual e suas consequências, como preconceito e sofrimento profundo, no caso do Coronel Fitts. Este último elemento, juntamente ao tema da autoimagem, são os pontos mais importantes de contribuição à área da Sexualidade e Educação Sexual.

### **Considerações Finais**

A ideia da beleza, relacionada ao título do filme, é um conceito que se transforma enquanto o espectador tenta compreender a trama. Pode-se, de início, relacioná-lo à questão da beleza física, primeiramente exposta pela figura de Ângela. Porém, no momento em que Ricky surge na

narrativa e inicia seu relacionamento com Jane, a beleza pode passar a ser entendida de outra forma.

O tema da beleza vem à tona quando Ricky mostra para Jane o que considera seu vídeo mais bonito, em que uma sacola de plástico “dança” para ele, sendo movimentada por um redemoinho de vento. E retorna quando, ao final do filme, o já morto Lester diz não estar bravo por morrer, pois é difícil ficar assim quando há tanta beleza no mundo. Pode-se entender essa transformação na exposição artística do conceito de beleza de duas formas. Uma forma irônica, em que a beleza seria aquilo que se tenta preservar na aparência, havendo por trás uma grande parcela de tragédia e o lado feio, que não pode ser escondido por muito tempo; ou outra forma, talvez mais adequada, de que a beleza é algo que se estende a tudo, inclusive à vida em seu aspecto trágico, em todas suas dimensões de felicidade e sofrimento, dependendo apenas da pessoa que percebe reconhecer se há ou não beleza ali.

Trata-se de um conceito mais móvel de beleza, que passa pela construção da percepção do mundo no próprio desenrolar da vida de cada pessoa. A primeira interpretação é a que mostra a beleza como algo que se pode perseguir e alcançar, sendo irônica a crença de que é possível alcançá-la por completo, levando em conta a dicotomia belo-feio. A segunda interpretação é a da beleza como experiência de deslumbramento, que engloba inclusive o monstruoso.

De qualquer modo, a tônica é a contradição, a ambiguidade, a dialética e a flexibilidade de conceitos. Assim, de tal forma, as duas interpretações não são de fato excludentes, já que ambas lidam com a mesma questão: a de que não há beleza sem feiura, sendo essas experiências partes fundamentais da experiência humana, manifestando-se na própria imagem que temos de nós e

dos outros no cotidiano, articulando nossas atitudes, relações pessoais e morais, e, inclusive, a sexualidade.

## Referências

BERTERO, C. M. Affected self-respect and self-value: the impact of breast cancer treatment on self-esteem and QoL. **Psycho-oncology**, **11**, 356-364, 2002.

COSTA, M. C.O.; LOPES, C. P. A.; SOUZA, R. P.; PATEL, B. N. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, vol. **77**, Supl. 2. 2001.

OLIVEIRA, P.L; CARVALHO, P. H. B. Insatisfação, checagem corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares em estudantes de cursos da saúde. **J Bras Psiquiatr.**, vol. **66**, n.4, p.216-20, 2017.

DEL CIAMPO, L. A.; DEL CIAMPO, I. R. L. Adolescência e imagem corporal. **Adolescência & Saúde**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 4., p.55-59, 2010.

LEITE, K.C.A; ANDRADE, S.N.de; NOVAES, C.C.B.S. Mastectomia e auto-imagem: a relação com a sexualidade sob a ótica da mulher atendida no programa Unacon do Hospital Regional de Araguaína. **Anais do 2º Seminário Nacional de Diretrizes para enfermagem na atenção básica de saúde**. Recife: 2º SENABS, 2009. Extraído de: [http://www.abeneventos.com.br/2senabs/cd\\_anais/todos\\_os\\_trabalhos.htm#L](http://www.abeneventos.com.br/2senabs/cd_anais/todos_os_trabalhos.htm#L). Acesso em 02.08.2019.

MAIA, A.C.B. Reflexões sobre a sexualidade na adolescência. **Revista Psicopedagogia on line.**, s/p, 2007. Extraído de: <http://www.psicopedagogiaonline.com.br/index.php/artigos>. Acesso em 02.08.2019.

MAIA, A. C. B. A educação sexual repressiva: Padrões definidores de normalidade. In: SOUZA, C. B. G.; RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade, diversidade e culturas escolares**:

contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores. Araraquara: FCL/Unesp Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2008, p.67-117.

MALDONADO, G. de R. A educação física e o adolescente: a imagem corporal e a estética da transformação na mídia impressa. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, vol. 5, n.1, p. 59-76. 2006.

PARKER, P. A.; BAILE, W. F.; DE MOOR, C.; COHEN, L. Psychosocial and demographic predictors of quality of life in a large sample of cancer patients. **Psycho-oncology**, vol. 12. p. 185-193., 2002.

SMOLAK, L. Body image in children and adolescents: where do we go from here?. **Body Image**, vol 1, n. 1, p. 15-28., 2004.  
SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: Macmillan, 1953.

SKINNER, B. F. **O comportamento verbal**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix. Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

VAN DEN BERG, P; PAXTON, S.J.; KEERY, H.; WALL, M.; GUO, J.; NEUMARK-SZTAINER, D. Body dissatisfaction and body comparison with media images in males and females. **Body Image**, vol 4. p.257–268. 2007.



## Capítulo 3

# PERFUME, A HISTÓRIA DE UM ASSASSINO: ANÁLISE FREUDIANA SOBRE FETICHISMO

Andressa Carolina Donato  
Caio Eduardo Gonçalves Lunardi  
Natália Cordón Fortuna Pereira

### Introdução

O termo fetiche é derivado do português feitiço (FERREIRA, 1986) e aparece pelas primeiras vezes na literatura em meados do século XV, para descrever as figuras sagradas e objetos, pessoas ou partes dos corpos investidos de poderes sobrenaturais ou espirituais. Freud (1905), em sua obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, retira o conceito fetiche da sexologia do século XIX para descrever os objetos sexuais pervertidos, isto é, não comumente utilizados para fins sexuais e que recebem alto investimento libidinal de um sujeito. Na mesma obra, o autor considera patológica a situação em que estes objetos se tornam substitutos inadequados para o objeto sexual, tomando o lugar do objetivo normal (FREUD, 1905), ou seja, quando esses objetos fetichizados se tornam o único alvo da pulsão sexual, desprendidos de uma determinada pessoa, denominando o *fetichismo*.

De maneira geral, pode-se identificar o fetichismo como uma atribuição a uma pessoa, objeto, partes do corpo ou características que emanam de outro objeto ou sujeito, ocorrendo um desvio em relação ao foco de

interesse sexual e prazer fixado em uma fonte que originalmente não provê esse sentimento.

No contexto da época, ao trazer essas discussões em voga, Freud estende as noções sobre sexualidade, colocando em xeque os conceitos definidos convencionalmente, discutindo os desvios referentes ao objeto sexual e relacionando as formas ditas normais e anormais sobre a expressão da sexualidade (QUINODOZ, 2007). Também contextualizando o período em que foi publicada a obra, o caminho do desenvolvimento psicosssexual “normal” era relacionado à união dos órgãos genitais na relação sexual, isto é, neste recorte histórico, a maneira de se relacionar com o sexual estava sobreposta pelo entendimento médico-científico de tal experiência.

O fetichismo configura-se como uma temática, em geral, abandonada tanto pela academia, quanto nos discursos cotidianos. Quando o tema é pautado, há um olhar pejorativo ou patologizante em relação à questão, denominando ainda experiências sexuais consideradas desviantes, como por exemplo, o sadomasoquismo. A psicanálise é um campo que se propõe a discutir e entender esses fenômenos, principalmente quando abordamos os entendimentos de Freud acerca do desenvolvimento humano, inseparável do desenvolvimento psicosssexual.

Apesar das limitações da época, o autor dissertou em suas obras sobre as perversões de maneira minuciosa, considerando-as “raramente ausentes da vida sexual das pessoas sadias”, na tentativa de retirar a carga de censura e patologização que traziam as práticas. No momento atual e no contexto acadêmico, em que as discussões sobre as expressões da sexualidade aparentam ser mais receptivas e liberais, o fetichismo ainda não é um assunto que resulta em publicações nas últimas décadas, apenas revisões de literatura. Porém, há contextos, como o da arte, por exemplo, em que o fetiche é tratado de maneira mais

explícita e aprofundado, como no filme que abordaremos neste capítulo: “Perfume: a história de um assassino”.

Como abordado anteriormente, Freud dedicou-se em definir o fetiche a partir do funcionamento psíquico da perversão. Segundo essa abordagem, o fetichismo é a situação em que algo é colocado no lugar do objeto sexual, um item ou parte do corpo, por exemplo, o valor do desejo é dimensionado por algo que não é usualmente utilizado para fins sexuais. Também há a concepção de que o fetiche funciona como um memorial de algo, de um vazio, e essa falta é proveniente do processo de castração em que há a percepção da falta do falo materno. A natureza do objeto substituído relaciona-se com a relação simbólica de uma ausência que é vivida pelo sujeito, havendo uma infinidade de deslocamentos, todos esses se configurando como uma mudança do olhar, para onde se direciona o desejo. O fetiche funciona como um remediador contra a ameaça da castração preenche o vazio da inexistência do falo; isto é, a presença perceptível do objeto fetichizado ameniza a angústia do vazio e a recusa da perda (MELLO, 2007).

O fetichismo é um fenômeno que vai para além da dependência a um objeto qualquer. A relação de desejo do sujeito deve ser revista e associada à história de vida; sendo assim, as relações de desvio podem ser compreendidas. Há diferentes ideias sobre a natureza do fetichismo, e, para a psicanálise freudiana, o mesmo é um processo de defesa do ego, ou seja, algo que está relacionado à constituição do sujeito e o olhar que se teve a ele (SALES; DE OLIVEIRA; PACHECO-FERREIRA, 2016).

O fetichismo também é encontrado como um exemplo na definição de parafilias, quando agrupadas por modos de relação com o objeto, ou seja, se encontra no arcabouço de modos variados de manifestar e expressar o desejo. Nesse tema, considera-se importante ressaltar no



presente capítulo essas variações sexuais consideradas patológicas, mas que não necessariamente são.

A parafilia é o interesse sexual que se diferencia, por exemplo, das práticas de estimulação genital, carícias preliminares com parceiros humanos e em sua forma consensual, e que caracterizam interesses maiores e mais intensos que os interesses “normofílicos”. Ou seja, as parafilias podem se desenvolver em torno de certo objeto, lugar, situação, e não pelo ato sexual propriamente dito, caracterizando diferentes finalidades do desejo e dos meios de se extrair prazer. Elas apresentam cunho obsessivo, incontrollável e impulsivo, podendo ter um aspecto rígido, e por isso, causando sofrimento no sujeito ou desencadeando um transtorno parafílico (DE JESUS LOPES, 2018).

Devido ao valor moral estabelecido pela sociedade perante a expressão não convencional do desejo, uma rejeição social é estabelecida perante o sujeito, podendo gerar uma negação de seu próprio desejo sexual para se sentir aceito na sociedade. Resumidamente, a parafilia depende da forma, intensidade e do contexto em que acontece, e por ser caracterizada pelo imediatismo e impulsividade, algumas formas de manifestá-la podem levar a exposições a situações perigosas e até mesmo irracionais.

Esta é considerada um fenômeno multicausal e sua manifestação pode ser influenciada pela história individual do sujeito, suas experiências na infância ou na adolescência, suas relações com o meio, seu desenvolvimento sociocultural e emocional, etc. (ASSUMPCÃO, 2014).

No filme em questão, a história de vida do personagem permeia experiências sinestésicas e profundas, como abandono parental, dificuldades socioeconômicas, relacionais, e que, pensando o contexto em que está inserido, o tornam um indivíduo único. A obra como um todo é passível de análises correlacionadas aos

temas aqui apresentados e que aguçam a necessidade e a importância das discussões sobre expressões da sexualidade, pensando-a em seu sentido social e histórico.

### Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Perfume: The Story of a Murderer
Nome Traduzido	Perfume: A História de um Assassino
Gênero	Drama/Crime
Ano	2006
Local de lançamento e Idioma original	Alemanha/Espanha/EUA/França, Inglês.
Duração	2h27min
Direção	Tom Tykwer

Baseado no livro *O Perfume*, do alemão Patrick Süskind (1985), *Perfume: A História de um Assassino* narra a história de Jean-Baptiste Grenouille, interpretado na vida adulta por Ben Whishaw. Nascido em meio a uma feira nas ruas de Paris e abandonado pela mãe, Grenouille cresce descobrindo os odores do mundo, tendo uma alta e incomum aptidão para sentir cheiros. Sua obsessão por conservar todos os cheiros em sua memória o leva a assassinar jovens mulheres para retirar os odores de suas peles e transformar em um perfume contendo todos eles, produzindo a melhor fragrância que o mundo já conheceu.

## Análise Crítica

### ***A incessante busca pela fragrância perfeita***

Jean-Baptiste Grenouille foi um bebê nascido nas ruas imundas e fedorentas de Paris do século XVIII. Sua mãe, uma mulher jovem e bela, já havia dado a luz a outros quatro bebês, todos eles nascidos mortos que ela jogou fora com os restos de peixe estragado. Como ela era feirante e vendia peixes, no momento do parto de Jean-Baptiste, ela deita no chão, corta o cordão umbilical com um facão e empurra o bebê imóvel para baixo do balcão com os peixes estragados, imaginando que ele estaria morto como os outros.

Quando um bebê nasce, ele está em completo desespero, e as primeiras impressões do mundo são possibilitadas pelos registros mnêmicos produzidos pelas percepções sensoriais ligadas a afetos provindos de um cuidador, especialmente a mãe, de onde ele retira suas satisfações biológicas, e a toma como primeiro objeto sexual (FREUD, 1914). Ao lutar para sobreviver, as primeiras percepções que Grenouille tem do mundo e, portanto, de si mesmo, são os odores fortíssimos de putrefação, sons e odores de animais sendo cortados em meio à multidão e o completo abandono de sua mãe: não sente seu cheiro, o qual procura durante toda a vida. Seu choro denuncia que sua mãe havia abandonado o recém-nascido no chão, e ela é punida com enforcamento. Logo, seu primeiro choro de vida foi o responsável pela morte da sua mãe.

O abandono por parte das figuras cuidadoras é constante durante a infância de Grenouille. Ele é enviado para um orfanato, onde as outras crianças, em condições precárias de vida, tentam matá-lo, mas são castigadas pela responsável. Jean-Baptiste Grenouille é, então, receptáculo de ódio e rejeição. Da mesma forma que só introjetara objetos maus, tornara-se ele próprio um objeto mau que só

sabia odiar e rejeitar, nunca dar amor e cuidado, pois nunca os recebera. Sua vida era baseada no sugar, até a última gota de vida, tudo o que podia para garantir sua sobrevivência em um mundo sempre tão hostil com ele.

Crescendo, Grenouille descobre que possui uma habilidade: um olfato apurado para muito além do comum, capaz de reconhecer cheiros sutis a longas distâncias e associá-los com as pessoas e coisas que os emitiam. Seu mundo é construído a partir dos cheiros; pouco a pouco, ele cria uma espécie de inventário de odores e também o objetivo de possuir todos os odores do mundo para si, marcando sua voracidade. Quando cresce, é vendido como escravo de curtume, trabalhando incessantemente até a vida adulta.

Adentrando Paris em função de um trabalho, ele se depara com uma infinidade de novos odores, incluindo as perfumarias da cidade. Grenouille encontra um que chama sua atenção, exalado por uma moça bela e jovem, um cheiro que nunca queria perder na vida. Em função de sua enorme atração por aquele cheiro e desejo de sugá-lo para si, faz sua primeira vítima de assassinato. Quando ela tenta resistir à sua proximidade e ele tampa suas vias respiratórias para que não gritasse e denunciasses sua inadequação, e a mata asfixiada sem intenção. Ele percebe que aquele odor nunca mais voltaria conforme o corpo esfriava, então pede para o mestre Baldini, um famoso perfumista parisiense em decadência com a chegada de novas fragrâncias concorrentes, para que o ensine a arte de conservar os odores, pois os queria todos para si. O mestre perfumista diz que não poderia ajudá-lo, mas ouvira sobre uma técnica em Grasse que poderia.

Após fazer o negócio de Baldini reascender sua carreira com seu talento olfativo para produzir novos perfumes, Grenouille parte para Grasse, onde poderia aprender uma técnica de conservação de odores. No

entanto, Grenouille desvia seu caminho para longe de todos os odores do mundo, em uma gruta isolada nas montanhas, onde não consegue sentir nenhum odor além do das pedras mortas. Não fica claro, no filme, quanto tempo ele passou na gruta, embora seus cabelos tivessem crescido consideravelmente. Na gruta, ele encontrou um refúgio psíquico, uma área da psique em que podia refletir sobre sua própria existência, afastando-se de todo o ódio e a repugnância com que o mundo sempre o tratou. Lá dentro, ele nota que não possui um cheiro próprio.

Em Grasse ele percebe que não conseguiria conservar odores de seres vivos, da forma que gostaria, mas desenvolve uma nova técnica que consistia em enrolar mulheres em um material com banha animal e depois recolher a banha da superfície do corpo, fervê-la e obter um óleo essencial com o processo. Para obter a fragrância perfeita, Grenouille inicia uma série de assassinatos que, para as autoridades de Grasse, não tinham claro padrão para que solucionassem os crimes, pois nunca imaginariam eles que seu objeto-fetichê era o cheiro de suas vítimas.

É interessante observar que, para o perverso, é comum ignorar as consequências dos atos para a obtenção do prazer sexual com o objeto-fetichê, mesmo que essas possam prejudicar ou até mesmo matar outras pessoas. Grenouille, como um perverso, não responde a nenhuma lei que não seja seu próprio desejo, por isso não sente remorso pelas suas atitudes.

Muitas moças são perseguidas nesse processo de produção da fragrância perfeita, situação alarmante para as autoridades de Grasse. Quando a filha de um dos senhores mais influentes é feita de vítima, e sua fragrância está completa, Grenouille é encontrado, preso e condenado à morte pelos assassinatos em série, mas leva consigo o perfume de sua criação. O efeito do odor produzido é devastador. Um cheiro que fazia com que todos a sua volta se

contraíssem em devoção, que fazia com que fosse finalmente amado. A cena em que ocorreria sua crucificação pelos assassinatos, toma rumos completamente opostos, pois ele está usando em seu corpo o perfume que criara com a finalidade de receber o amor que nunca recebeu de sua mãe e de seus cuidadores desde a primeira infância. É declarado inocente pelo povo e pelas autoridades, pois estão todos hipnotizados pelo perfume.

Grenouille percebe, no entanto, que todo aquele amor era artificial. Ele nunca poderia amar como as outras pessoas amavam, pois também não sabia como era receber amor. Seu vínculo com a realidade era baseado no ódio e na rejeição e não poderia atingir gozo algum que não fosse baseado no odiar e no ser rejeitado. Ele caminha até o local onde nasceu em Paris, levado até lá por seu olfato, e derrama sobre si todo o restante do conteúdo do frasco, em seguida é devorado vivo pelas pessoas que lá estavam.

Uma interpretação metafórica possível dessa cena é a de uma mãe que estabelece um vínculo de amor e cuidado tão intensos, que dedica sua própria vida incondicionalmente ao bebê a ponto de “devorá-lo”, representando todo o amor maternal e o cuidado que nunca recebera na vida. Outra interpretação possível é uma metáfora bíblica: comer a carne e beber o sangue de Cristo para obter vida eterna. Da mesma forma que um perfume eterniza elementos da realidade, Grenouille procurava eternizar-se como sujeito no mundo. Para tornar-se sujeito desejante, o indivíduo é antes objeto do desejo devorador da mãe.

### ***Fetiche e o olhar crítico***

Questões relacionadas à sexualidade devem estar atreladas a questões culturais nas quais o grupo ou sujeito está inserido, a maneira como as pessoas se relacionam sexualmente não é totalmente livre, por mais que haja particularidade no desejo, esse se enquadra no contexto

em que o sujeito está inserido. Um exemplo é a questão da homossexualidade, que em alguns lugares é considerado crime e em outros o casamento entre pessoas do mesmo sexo é permitido por lei. A cultura juntamente a religião são instâncias que delimitam a sexualidade; no filme há uma presença marcante do catolicismo na vida cotidiana. O filme retrata uma época de muita repressão, em que fugir às ideias cristãs era um risco contra a vida.

O filme mostra um contexto diferente do que vivemos, entretanto, aproxima-se a realidade da onda conservadora que estamos vivendo na atualidade. Por mais que a religião atualmente, 2019, não seja parte da constituição do Estado como no século XVIII, pode-se refletir como há ainda instâncias que permeiam a vida individual, por exemplo, a sexualidade estava estritamente atrelada ao casamento e, nesse contexto, não há espaço para o fetiche. Ao fim do filme há uma cena em que o personagem principal dissemina o perfume para milhares de pessoas, toda a repressão que havia em nome da ordem se desmorona, há uma grande orgia, demonstrando que, com o perfume, as pessoas se libertam e o desejo aflora-se.

A obra é marcada pelo contexto do século XVIII na França, porém há como estabelecer uma articulação com outros contextos em que o fetichismo ocorre, com isso há uma demonstração de como esse fenômeno não é restrito a um período ou local, o que muda é a maneira como é visto.

Os temas abordados neste capítulo são apresentados pelo filme de forma narrativa e, em grande parte, narrado em terceira pessoa, explicitando a história de Jean-Baptiste Grenouille. A intensa busca do personagem por um aroma completo e perfeito o torna obsessivamente empenhado em preservar os odores das mulheres e que o fazem motivar atos vistos pela sociedade como odiosos. O fetiche de Grenouille é escrachado pelo fato de o mesmo ser uma pessoa com

grandes habilidades olfativas, mantendo a maioria de suas relações com o mundo por intermédio das mesmas, quase que se comunicando pelo cheiro das coisas. Isso faz com que sua sexualidade também seja, de certa forma, expressa e vivida por esse sentido. A história do personagem é tratada de forma dramática e com um teor de suspense, porém, como já citado anteriormente, as questões da sexualidade do mesmo são explicitadas de modo sutil.

Levar em consideração que a procura eterna de Grenouille por seu próprio cheiro, que seria um cheiro cativante do amor da mãe que o rejeitara ao nascimento, assim como todos que o cuidaram e não suportaram sua destrutividade, é uma interpretação mais aprofundada do filme. Uma análise levando em conta ideias calcadas na psicanálise exige instrumentalização, para analisar de forma crítica o fetichismo como uma estrutura psíquica — ou seja, uma forma, que não outra, de determinado indivíduo existir no mundo — um aparato teórico é preciso.

A partir de esse olhar crítico, o filme seria capaz de esclarecer preconceitos sobre essa forma de vivência da sexualidade humana, embora fosse necessário discutir a partir de que ponto os meios utilizados por um fetichista na busca pela satisfação sexual podem ser prejudiciais a outros e a ele mesmo.

O filme gera, primordialmente, um espanto sinestésico, por meio de reflexões acerca da forma de se expressar o desejo, e, ao mesmo tempo, o quanto isso pode se tornar doentio e passível de ser caracterizado como um transtorno, trazendo a tona um assunto pouco abordado e quando feito, resvalando preconceitos e moralidades. Porém, acreditamos que, de certa forma, pode ter um viés reflexivo quanto à olfatofilia (fetiche por cheiro), mas que não parece ser o foco da trama, apenas pensada para abordar o tema, gerar um desconforto e uma história



propriamente dita, mas o fetiche em si não é visado com base em uma crítica, segundo nossa interpretação.

Alguns outros fatores que encontramos passíveis de serem analisados quanto à criticidade do filme seriam: a coisificação do protagonista, marcado por um contexto de exploração e sem qualquer peculiaridade social; a ordenação social em que é formado, ou seja, marcado por um desapego ao sentimentalismo e o tornando também um indivíduo frio, calculista e abstrato no mundo, e, a condição existencial do personagem, que gera uma reflexão muito interessante quando se pensam nas relações humanas da época, o caráter degradante do odor de Paris e uma pobreza exacerbatante que é retratada. A ideia do “fedor” abre espaço para a condição decadente de todas as classes sociais, e que posteriormente fomentaria a luta burguesa pela emancipação.

Entretanto, apesar de não considerarmos que o tema fetichismo é tratado de forma crítica no filme em questão, não podemos deixar de explicitar que o final do filme se mostra a desconstruir alguns padrões e estereótipos. A cena final, como já citada anteriormente, é muito marcante, podendo gerar, pelo menos, uma mobilização do julgamento sobre as parafilias, por exemplo. A ideia de tratar do Triolismo, um tipo de parafilia que busca a satisfação sexual na prática sexual com mais de duas pessoas ou em orgias coletivas, e da olfatofilia, podem gerar no espectador diversos efeitos, ou no sentido de reforçar padrões da parafilia como algo degradante do sujeito, que pode levá-lo a cometer atos como o assassinato, ou como escancará-lo em uma cena de orgia coletiva, com o sentido mais romântico e transcendente, podendo gerar um entendimento menos estereotipado das práticas.

### **Considerações Finais**

No caso específico de *O Perfume*, mais uma vez, torna-se necessário mencionar a população-alvo da exibição do filme

como fator de importância na apreensão de seus conteúdos, metáforas e mensagens sutis, pois ela depende de um conjunto de conhecimentos prévios muito específicos. Por ser um filme sobre fetichismo que se propõe a demonstrar com cenas fortes um extremo da perversão (em seu sentido psicanalítico) e do drama existencial humano. Os assassinatos presentes no filme como meios para a satisfação do fetichista Grenouille acabam por fortalecer determinadas crenças presentes no senso comum ligadas a um estigma negativo de vivências sexuais consideradas, tradicionalmente, como desviantes ou perversas.

A temática e o material de análise escolhidos foram de grande importância para a formação de Psicólogo. Um filme que foi capaz de exemplificar para nós, estudantes de Psicologia, diversos aspectos da estruturação do fetichismo como vivência da sexualidade humana pouco explorada no cotidiano, devido a fatores estigmatizantes ligados às práticas, aos objetos-fetice e aos sujeitos praticantes.

É necessário trabalhar o tema concomitantemente com uma base teórica que possibilite a apreensão de elementos importantes do filme no que diz respeito à construção do Eu de um indivíduo fetichista. Vemos que é necessário ir além na abordagem de estigmas, pois, em situações reais, o profissional que vai educar sobre o tema e/ou lidar com pessoas fetichistas, pode não ter acesso a toda a completude da história de vida e construção do sujeito em questão e, ainda assim, deve ponderar sobre a complexidade na vivência da sexualidade humana.

## **Referências**

ASSUMPÇÃO, A. de F. A. **Avaliação das abordagens terapêuticas para agressores sexuais portadores de transtornos parafilicos**. 2014. 103 p. Dissertação (Mestrado

em Medicina Molecular) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FERRAZ, F. C. **Perversão**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006, 112 p.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 623.

FREUD, S. **Obras completas** - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos (1901-1905). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-55.

FREUD, S. **Obras completas** - Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 9-37.

DE JESUS LOPES, Y. As parafilias e os transtornos parafilicos, uma perspectiva das variações sexuais normais e patológicas. **Revista Psicologia.pt**, Porto, 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1179.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

MELLO, C. A. A. Um olhar sobre o fetichismo. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 71-76, set. 2007.

PIRES, R. B. W. Fetichismo Religioso, Fetichismo da mercadoria, Fetichismo sexual: Transposições e Conexões. **Revista de Antropologia** (USP. Impresso), v. 57, p. 347-391, 2014.

QUINODOZ, J. **Ler Freud**: Guia de leitura da obra de S. Freud. Artmed Editora, 2007.

ROBERTO, M. C. M. S. et al. Estudo introdutório acerca do fetichismo. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 106-112, dez. 2009.

SALES, J. L.; DE OLIVEIRA, R. H.; PACHECO-FERREIRA, F. Clivagem: a noção de trauma desestruturante em Ferenczi. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 68, n. 2, p. 60-70, 2016.

## Capítulo 4

### **THE UNDATEABLES: REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Lauren Cristine Aguiar Nunes  
Luisa Aliboni de Toledo e Silva  
Kananda Amancio Pinheiro

#### **Introdução**

A sexualidade humana é um fenômeno de complexa amplitude que contempla dimensões históricas e culturais, extrapolando a predominante associação simplista do termo a sexo (MAIA, 2010). Este fenômeno abrange aspectos biológicos, psíquicos e sociais e tem uma relação intrínseca com as aprendizagens, crenças, ideologias e imaginações. Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo delimitação daquilo que é ou não sexualmente possível, a sexualidade vai além do corpo e da genitalidade. Para Maia (2006, p.9):

Sexualidade não é um fenômeno exclusivamente biológico e não pode mais ser compreendida como um artefato apenas natural, pois, os animais fazem sexo, a partir de um impulso instintivo e inato, para a reprodução. Nós humanos, entretanto, vivemos o sexo na nossa sexualidade e, portanto, ele é uma questão cultural.

Neste sentido, as determinações da sexualidade variam conforme a cultura e o momento histórico. Para Maia (2006), o sexo para seres humanos, diferentemente dos demais

animais, ultrapassa a noção de reprodução. A sexualidade humana incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade das práticas, dos corpos, dos desejos e fantasias sexuais, dos prazeres e vínculos, é construída socialmente e implica na relação entre a subjetividade e a atividade corporal, mediadas pela cultura.

Ao longo dos anos, o conceito de sexualidade teve diferentes representações sociais permeadas por ideais, valores, juízos e regras de cada época. O sexo era visto ora como fonte de reprodução, ora como fonte de prazer e, em cada momento histórico, as representações sociais ditavam se esse prazer era algo a ser cultuado ou condenado/reprimido.

Na sociedade ocidental, em geral, o sexo foi comumente atrelado à reprodução e recaíram sobre ele inúmeras formas de repressão. Esses ideais repressivos já existiam desde muito tempo na sociedade, no entanto eles ganharam força por influência do discurso religioso. Foucault (1988) afirma que a sexualidade é um dispositivo histórico e que sempre houve instituições que realizaram sobre ela uma determinação de normatização e que na relação do discurso com a prática evidenciam-se relações de poder e controle.

A noção de sexualidade atual foi construída sobre um discurso regulamentador. Logo, a identidade dos sujeitos e a maneira como que se relacionam uns com os outros foram e são pautadas nessas definições pré-estabelecidas, em que raça, classe social, gênero são recortes importantes quando falamos do sujeito pertencente a cada um desses marcadores sociais. O momento histórico e cultural não só molda a sexualidade humana, como também dita, regulariza e normatiza os comportamentos sexuais através dos discursos sociais presentes em determinado contexto. Assim, a cultura é um fator influente na constituição da sexualidade, nas considerações do que é o desejo, o

erotismo, as relações afetivas e sexuais, os sentimentos de amor, as construções de gênero, os padrões de estética e beleza (MAIA, 2010).

Atualmente, os padrões de beleza são muito rígidos e são considerados sujeitos bonitos aqueles que possuem o corpo perfeito: magros, com nádegas e seios grandes e empinados, músculos definidos, pele bronzeada, lábios grossos, com ausência de celulite, estrias, manchas ou espinhas na pele, e com aparência jovem, sem rugas, vincos no rosto, marcas de expressão e flacidez (RODRIGO; FERREIRA; 2009). Há uma busca constante por obter tais características, bem como encontrar pares que se encaixem nelas. Aqueles que não se adequam a esses padrões são, muitas vezes, rejeitados por seus possíveis pares no convívio social. Assim como a sexualidade, a deficiência é um fenômeno socialmente construído e por isso é influenciado pelo contexto histórico e cultural no qual está inserido (MAIA; RIBEIRO, 2010).

As concepções culturais de deficiência se transformaram ao longo de diferentes momentos históricos. Um resgate à esta história pode contribuir para a compreensão do modo como as sociedades lidaram com a diferença e como se conservam até hoje estigmas e mitos acerca da suposta anormalidade (CAMARGO; GOULART JUNIOR; LEITE, 2017). De acordo com Fernandes, Schlesener e Mosquera (2011), houve um momento na história, na Idade Antiga, em que era permitida a morte intencional ao nascer de crianças com deficiências e, as que sobreviviam, eram abandonadas em cestos, exploradas como pedintes ou se tornavam humilhantemente atrações de circo. Existia também a visão de que as crianças nascidas deficientes eram “castigos de Deus” e necessitavam de punições para serem purificadas. Com o surgimento do Cristianismo, amparado pela doutrina de piedade e amor ao outro, surgiram instituições como os hospitais de caridade

e asilos com caráter assistencialista para o fornecimento de cuidados, educação e proteção.

Ocorre que, neste "Paradigma das Instituições", se por um lado os indivíduos não mais eram levados à morte, eram por sua vez segregados do convívio social e aglutinados em locais exclusivos e marginalizados. Adiante, no "Paradigma de Serviços", marcado pela luta contra a não-segregação, o foco passou a ser a integração destes indivíduos por meio da capacitação, habilitação ou reabilitação em centros especializados, além da inserção dos estudantes com deficiência em ambientes regulares de ensino (SANTOS; VELANGA; BARBA, 2017).

Essa mudança de paradigma avançou absolutamente em relação às anteriores. No entanto, nesta perspectiva as intervenções ainda são bastante focadas no indivíduo, o qual deve se adequar e se aproximar cada vez mais dos padrões de normalidade impostos pela sociedade. De qualquer modo, há uma maior responsabilização social em relação à promoção de direitos e de acesso aos suportes físicos, psicológicos, sociais e instrumentais para a garantia da participação dos sujeitos na vida comunitária. (CAMARGO; GOULART JUNIOR; LEITE, 2017).

Omote (2018) aponta que a Declaração de Salamanca de 1994 foi um marco das discussões sobre uma nova forma de compreender e lidar com a deficiência: a inclusão. Neste processo, o foco de atenção deslocou-se da Pessoa com Deficiência (PcD) para o meio social. Para que a inclusão ocorra satisfatoriamente é necessário que, além das intervenções individuais, a sociedade esteja apta a modificar-se e adaptar-se a fim de acolher a PcD para o acesso e a convivência plena no espaço comum.

De acordo com a perspectiva sócio-histórica, Vigotsky (1997) vai na contramão de visões deterministas e biologizantes e compreende a deficiência como uma das manifestações possíveis no processo de desenvolvimento

humano, com diferenças não somente quantitativas, mas também qualitativas do desenvolvimento considerado típico. Tal perspectiva permite o reconhecimento do sujeito com deficiência como agente de sua própria trajetória, cuja conduta é mediada pelas condições históricas e socioculturais concretas (DIAS; OLIVEIRA, 2013). Assim, as condições biológicas não são necessariamente determinantes no desenvolvimento de pessoas com deficiência, pois as condições sociais, como a estimulação produzida por vias alternativas e o aporte cultural, é que irão impulsionar o desenvolvimento do sujeito.

No entanto, geralmente a avaliação social que se tem sobre as PcDs reforça o estigma da incapacidade, do impedimento e da invalidez e é comum a concepção de que ser “deficiente” é estar fora da curva de normalidade. Segundo Omote (2006), as referências de normalidade perpassam pelo ideal de corpo útil para o trabalho e pela valorização do corpo falsamente belo, padronizado em limites estéticos de peso, altura, cor e forma. Assim, os indivíduos que fogem do modelo jovem, masculino, cristão, heterossexual, produtivo para o trabalho, branco e fisicamente perfeito sentem a força da rejeição à diferença e o afastamento do ideal que os situa numa posição de desviantes.

Quando fala-se em sexualidade e PcDs, geralmente associa-se às limitações e barreiras físicas encontradas. No entanto, as pesquisas sobre sexualidade e deficiências têm demonstrado que não se pode afirmar as dificuldades que elas terão ou não no campo sexual. Os tipos de deficiência e as expressões da sexualidade são diversos e não se deve rotular e generalizar suas potencialidades. (MAIA, 2006; MAIA; RIBEIRO 2010)

Apesar das pesquisas na área, ainda predomina no senso comum uma série de percepções errôneas sobre o desenvolvimento da sexualidade de PcDs. Maia e Ribeiro



(2010) categorizaram os cinco principais mitos envolvendo as PcDs e suas implicações. O primeiro mito diz respeito à crença indevida de que as PcDs são assexuadas e à visão infantilizada destes sujeitos, negando-se, sobretudo, a presença da sexualidade já no período da infância. Assim, são negligenciados cuidados contra situações de abuso e acesso à educação sexual.

O segundo mito, difundido no senso comum, é de que as PcDs, sobretudo as com deficiência intelectual, são hipersexuadas, apresentando desejos incontrolláveis e exacerbados. Esses comportamentos, muitas vezes manifestados fora das regras sociais, devido à ausência de educação sexual, são comumente associados à rótulos de inadequação.

O terceiro mito refere-se à imagem destas pessoas, vistas como pouco atraentes, indesejáveis e incapazes de manter um relacionamento amoroso e sexual. Comumente considera-se, principalmente no contexto familiar, que essas pessoas são incapacitadas de realizar feitos por si mesmos, logo são inabilitadas para conhecer alguém com quem se relacionar e manter um vínculo estável e gratificante.

O quarto mito é de que as PcDs não conseguem usufruir do sexo normal e têm disfunções sexuais relacionadas ao desejo, à excitação e ao orgasmo. Por fim, também se perpetua o quinto mito de que as PcDs são estéreis, que seus descendentes também terão deficiências ou que essas pessoas não terão condições de cuidar deles (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Considerando o exposto, o presente capítulo pretende discutir, a partir da série documental britânica “*The Undateables*” disponível na plataforma *Netflix*, a busca de PcDs por encontros amorosos e reciprocidade afetiva, bem como os desafios encontrados neste caminho

provenientes dos preconceitos e estigmas existentes sobre estas pessoas.

## Vídeo Analisado

Tipo do Material	Série documental
Título Original	The Undateables
Nome Traduzido	Sem tradução
Gênero	Documento/ Reality Show
Ano	2012
Local de Lançamento e Idioma Original	Reino Unido- Inglês
Duração	1h00min
Direção	Guy Gilbert, Sean Lewis (Episódio 1)

A série documental "*The Undateables*" acompanha encontros marcados por agências de namoro entre PcDs e outras pessoas, PcDs ou não. Algumas agências, situadas na Inglaterra, optam por fazer encontros totalmente às cegas, sem informar a presença de deficiências e outras optam por explicitá-las. São diversos episódios e cada um deles narra a história de três pessoas diferentes no que diz respeito às deficiências, faixas etárias e gêneros, acompanhando-as na busca por um encontro através das agências de relacionamentos. Para a presente análise, foi selecionado o primeiro episódio da primeira temporada, em que apresenta-se a história de "Shaine, Justin e Carlyne".

Shaine é um poeta de 31 anos e possui um transtorno de aprendizagem não especificado. Mora em uma casa de suporte e nomeou seu flat como Rosie. Shaine nunca teve um relacionamento, sente-se tão sozinho que trata sua casa como uma amiga mulher, com quem pode conversar. Ele escreve muitos poemas de amor, mas quer encontrar uma

pessoa que seja sua inspiração e dar sentido às suas poesias, de modo a expressar seus próprios sentimentos amorosos.

Justin é assistente de estoque, tem 39 anos e vive com seu gato. Assim como Shaine, ele nunca namorou e nem teve um encontro amoroso. Ele tem uma doença chamada Neurofibromatose 1 que provoca o crescimento anormal de tecidos nervosos pelo corpo, formando pequenos tumores. No caso de Justin, o tumor e as deformações ocorreram em seu rosto e os tumores faciais avançaram ao ponto dele ter que remover um olho e colocar uma prótese ocular. Ao longo de sua vida, já passou por centenas de procedimentos cirúrgicos para remoção desses tumores. Justin comenta sobre as pessoas o encararem com frequência e sobre ser alvo de curiosidade das crianças na rua. De acordo com as funcionárias da agência de encontros, a deformidade no corpo e rosto de Justin é uma das mais acentuadas já vistas por elas e, que de acordo com suas experiências, torna-se um empecilho relevante para conseguir pares amorosos para ele.

Carolyne tem 29 anos e usa cadeiras de rodas. Ela foi dormir após uma noite de festa com as amigas e acordou com muita dor no peito. Um dos vasos de sua medula espinhal havia se rompido e, da noite para o dia, ela perdeu os movimentos do peito para baixo. Seu relacionamento de dez anos terminou após um ano deste incidente. Após o término ela teve curtos relacionamentos e procurou ajuda na agência de relacionamentos para encontrar um companheiro. Ela acredita que se não fosse pela paralisia, atualmente já estaria casada e com filhos. Carolyne relata que já aconteceu diversas vezes de homens, ao conhecerem-na, perguntarem se “tudo ainda funciona normalmente”, ou seja, se ela ainda consegue ser sexualmente ativa. Carolyne é vista muitas vezes como um

objeto de fetiche sexual, que desperta curiosidade por sua deficiência física.

Uma das agências, “*Star in the sky*”, procurada por Shaine, foi criada por duas irmãs diagnosticadas com distúrbios de aprendizagem e funciona especialmente para pessoas que apresentam distúrbios de aprendizagem. A dificuldade de PcDs se relacionarem as motivou e, através desse serviço, buscaram ajudar essas pessoas a encontrarem amigos e possíveis parceiros afetivos. As funcionárias se dirigem até a casa da pessoa, conhecem-a e, entrevistam, perguntando sobre seus interesses, *hobbies* e expectativas sobre relacionamentos. Diante dessas informações e fotos, cruzam os dados com os de outras pessoas já cadastradas nos arquivos e também promovem eventos para que as pessoas se conheçam, como o chamado “*Speed Dating*”. A agência procurada por Justin chama-se “*Searchmate*”, engloba pessoas com deficiência no geral e funciona de modo semelhante à “*Stars in the sky*”.

### **Análise Crítica**

A análise da série permite destacar pontos positivos na construção midiática das narrativas, como abordar de maneira digna o tema da afetividade - componente importante da sexualidade - de pessoas com deficiência, evitando estereótipos e sem utilizar tons humorísticos característicos de outras produções, que reforçariam preconceitos e colocariam os participantes em situações constrangedoras.

A visão apresentada das histórias contadas no episódio em questão rompe alguns mitos em relação às PcDs. O primeiro mito desfeito, em concordância com Maia e Ribeiro (2010), refere-se à ideia errônea de que as PcDs são assexuadas. Fica evidente nos relatos das pessoas a expressão de seus desejos em relação ao outro,

imaginando como seria um relacionamento afetivo, como Justin diz:

*"Seria bom voltar para casa, ter alguém para além do gato, ter um dedo de prosa com alguém, encontrar alguém nos fins de semana... Nós sairíamos de férias, eu cuidaria dela e ela cuidaria de mim".*

Ou até mesmo idealizando o sentimento de amor, como diz Shaine:

*"Quando você está escrevendo um poema e percebe que não tem ninguém para quem escrevê-lo. Acho que é hora de encontrar um amor verdadeiro [...] O amor pode ser bem esquisito, pode ser estranho, pode ser bonito, pode ser mágico, pode ser excitante, pode ser como uma droga, sei lá. Acho que o amor é realmente louco às vezes".*

Outro mito que é desfeito é o de que os deficientes são totalmente dependentes de outras pessoas. Shaine, Justin e Carolyne vivem sozinhos e aparecem realizando suas tarefas diárias sem o auxílio de ninguém. Justin também é mostrado tomando cerveja, em um momento cotidiano de lazer com um grupo de amigos, onde expressa suas expectativas sobre ter se inscrito na agência de relacionamentos. Tal cena demonstra Justin inserido em um círculo social e denuncia o discurso de que as PcDs não conseguem interagir com outras pessoas.

É interessante observar no caso da agência "Stars in the sky", o empoderamento das irmãs Lolita e Pauline, duas PcDs, reconhecendo os próprios direitos e lutando para que outras pessoas como elas tenham acesso à eles. Pauline disse:

*"Pessoas com deficiência podem achar meio difícil encontrar o amor. Estamos tentando ajudá-las a encontrar pessoas e*

*novos amigos. Ficamos surpresas que desde que começamos isso tenhamos ido tão longe. E não fracassamos".*

Uma colaboradora da agência "Stars in the sky" comenta: "Recentemente tivemos um casamento. E uma "bênção gay" [risos]. Tivemos também alguns noivados." Esta fala é relevante no sentido de destacar que, na contramão da heteronormatividade, PcDs também podem ter seu desejo orientado em variadas direções. Há PcDs que se reconhecem como homossexuais e isso não pode ser desconsiderado (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Outro ponto positivo, e que também contribui para a desconstrução de um mito, foi o fato de a agência de Carlyne e de Justin terem promovido o encontro deles com pessoas sem deficiência. Ainda segundo Maia e Ribeiro (2010), muitas vezes a família pode desejar e esperar que o sujeito com deficiência encontre um par amoroso também com deficiência, negando a possibilidade desta pessoa viver vínculos afetivos diversos.

Percebe-se que um dos maiores desafios de uma PcD é lidar com o olhar do outro, uma vez que a sociedade, apesar dos recentes discursos de inclusão, ainda tem dificuldades para conviver com o diferente e com o que foge dos padrões normativos. Nesse sentido, a PcD se depara com dificuldades para encontrar alguém que a represente e que compreenda seus sentimentos e desejos.

Por esse ângulo, cabe destacar que Justin foi quase tomado pelo sentimento de desesperança:

*"Você nunca vê uma pessoa desfigurada conseguindo uma garota. Mas se não tentar não vai saber. Estou aceitando isso porque obviamente quero mudar, quero que algo aconteça. Quero que aquela pessoa especial esteja comigo. Obviamente sou uma escolha difícil. Obviamente vou ficar solteiro pelo*

*resto dos meus dias. Talvez não. Me diga você. Não sei por que, se soubesse eu mudaria”.*

No entanto, ele conseguiu um encontro com Tracey, uma amante de gatos, que confessou:

*"Em um primeiro momento é chocante, por tratar-se de uma deficiência óbvia. Mas ainda assim existe uma pessoa ali, então decidi conhecê-lo".*

De maneira geral, a série não esclarece questões científicas e em nenhum momento é convocado um discurso especialista, de médicos, psicólogos, entre outros. São as experiências reais relatadas pelas próprias pessoas das suas percepções e vivências sobre o amor e o acompanhamento dos encontros que dão a tônica da série, não havendo um discurso de superioridade que pudesse tendenciar o telespectador.

A série por si só, da maneira como é construída, suscita reflexões sobre os padrões de beleza que frequentemente estão em discussão. Malysse (2002) afirma que mesmo corpos saudáveis, são vistos como imperfeitos e com a necessidade de passar por diversos procedimentos cirúrgicos para tentar se aproximar das normas veiculadas pela mídia. Se essa busca para se encaixar nos padrões, e a falha dela, resulta em indivíduos altamente empurrados para as condições estigmatizantes, destaca-se ainda mais a situação das PcDs, onde a tentativa de se assemelhar com o padrão é ainda mais difícil e muitas vezes totalmente inviável.

Ainda, a série contextualiza a temática eficientemente do ponto de vista do psicólogo: trazendo relatos pessoais, cotidiano, história, sentimentos, conquistas e derrotas dos participantes, aproximando-os do espectador,

sensibilizando-os e trazendo à tona temas pouco comuns, que talvez nunca tenham sido alvo de reflexão.

Como pontos negativos, é possível destacar que a série não mostra a continuidade, ou não, dos relacionamentos com os pares, mostrando apenas superficialmente os encontros. Além disso, como se observou no encontro de Shaine e Jackie, há um reforço aos estereótipos de falta de independência dos PcDs. Jackie realiza tarefas que exigem responsabilidade (voluntária no clube de jovens) e Shaine mora sozinho e isso mostra que os dois possuem autonomia suficiente para terem um encontro, mesmo assim um colaborador da agência os acompanhou. É bem verdade que a luta por uma sociedade inclusiva pressupõe que haja uma mudança na maneira de se olhar para PcDs.

Por quê, então, não idealizar que esta mudança abarque todos os aspectos constitutivos do ser humano, que elas possam expressar sua sexualidade e que também sejam olhadas, desejadas e cultivadas afetivo e sexualmente?

Em tempos de aplicativos para relacionamentos, pode-se dizer que as iniciativas de agências de relacionamentos voltadas a uma determinada população socialmente excluída, abordadas na série “*The Undateables*”, vão na contramão dos preconceitos e contribuem para a inclusão destas pessoas na sociedade. Elas permitem que as PcDs ampliem sua rede social, compartilhem interesses, histórias pessoais, planos e que ultrapassem a barreira inicial da atração física, dando espaço para conhecer o outro através de conversas, olhares, risadas, que podem culminar em um namoro, uma amizade ou em uma companhia para sair.

Iniciativas assim são importantes, pois além da desqualificação dos PcDs como possíveis parceiros sexuais/afetivos, eles encontram também dificuldades em



terem informações sobre métodos preventivos de infecções sexualmente transmissíveis (IST), contraceptivos, entre outros, por motivos já discutidos anteriormente, como a infantilização, a crença que essas pessoas não possuem desejo sexual e a falta de uma educação sexual formal. Mesmo sendo de extrema importância a família e escola serem o suporte e o meio para que os PcDs sejam ensinados sobre questões que envolvem sexualidade, há uma falha nesse processo educativo.

A família é uma importante estrutura social para o crescimento e o desenvolvimento de crianças, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da sexualidade e à educação sexual (BARBOSA; DA COSTA; VIEIRA, 2008; MAIA, 2006) Um estudo realizado por Bezerra e Pagliuca (2010) reafirma essa problemática. Segundo os autores, as informações se restringem à sexualidade ligada à genitália, pois ainda hoje os pais têm dificuldade de dialogar sobre esse tema. Os pais sentem profundas dificuldades ante a sexualidade das filhas adolescentes. Diante disso, acabam por transferir o papel educativo a terceiros, e, desse modo, reproduzem formas disciplinares de controle e perpetuam um ciclo por muitas gerações.

Assim como para os indivíduos com desenvolvimento típico, a sexualidade das PcDs é também uma questão de saúde e deve ser compreendida e tratada como algo tão importante quanto outros cuidados. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) criou uma cartilha para tratar do assunto e relembrou que a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), afirma que os direitos são universais, indissociáveis, e interdependentes para todas as pessoas. Incluem-se dentro desses direitos os direitos sexuais e sua restrição implica negar a natureza humana desses

indivíduos e, conseqüentemente, todos os seus demais direitos.

## **Considerações Finais**

O estudo e a compreensão de populações marginalizadas, tal como as pessoas com deficiência, é um salto importante para pensar nas possibilidades de maior inclusão, e torna possível lutar contra preconceitos e violências. A série proporciona a quebra de estigmas e crenças sobre a sexualidade de pessoas com deficiência e sobre a independência delas, uma vez que as pessoas que são acompanhadas possuem grande autonomia. "*The Undateables*" torna-se interessante como material de estudos, uma vez que nos aproxima da realidade das pessoas com deficiência sobre as dificuldades e as possibilidades que encontram na expressão de sua sexualidade.

A série pode também ser uma ferramenta interessante para ser utilizada como material educativo em um planejamento de educação sexual formal, tanto para pessoas com deficiência como para pessoas sem deficiência, aproximando vivências muito distintas e contribuindo para a compreensão das diferenças e para a quebra de estigmas. É imprescindível, por exemplo, que os professores saibam lidar nas escolas com a sexualidade das PcDs de forma a não reproduzirem os estereótipos do senso comum e a série pode ser um importante instrumento para reflexão e debate.

A temática escolhida para este capítulo - sexualidade e pessoas com deficiência - também é fundamental para a atuação de psicólogos, uma vez que a profissão deve, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005): promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuir para a eliminação

de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

## Referências

BARBOSA, S. M.; DA COSTA, P. N. P.; VIEIRA, N. F. C. Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção HIV/AIDS. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 6, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Direitos sexuais e reprodutivos na integralidade da atenção à saúde de pessoas com deficiência**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BEZERRA, C. P.; PAGLIUCA, L. M. F. The experience of sexuality by visually impaired adolescents. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n. 3, p. 578-583, 2010.

CAMARGO, M. L.; GOULART JUNIOR, E.; LEITE, L. P. O Psicólogo e a Inclusão de Pessoas com Deficiência no Trabalho. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 799-814, Set. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA- CFP. **Código de ética profissional do psicólogo**. XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia Brasília, agosto de 2005.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris**. 10 de dezembro de 1948.

DIAS, S.; OLIVEIRA, M. Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 19, n. 2, p. 169-182, 2013.

FERNANDES, L. B.; SCHLESENER, A.; MOSQUERA, C. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **Revista do**

**Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia.** Curitiba, v.2, p.132-144, 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MAIA, A.C. B. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Psicopedagogia On Line**, v.1, p. -, 2010.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Deficiências.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MAIA, A.C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, Aug. 2010.

MALYSSE, S (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: M. GOLDBERG. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record Ed., 2002.

OMOTE, S. Atitudes Sociais em Relação à Inclusão: Recentes Avanços em Pesquisa. **Rev. bras. educ. espec.**, Bauru, v. 24, n. spe, p. 21-32, 2018.

OMOTE, S. Inclusão e a questão das diferenças na educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 251-272, out. 2006.

RODRIGO, P. de A.; FERREIRA, R. F. Beleza, identidade e mercado. **Psicologia em Revista**, v. 15, n. 1, p. 120-140, 2009.

SANTOS, J.P. da C.; VELANGA, C.T.; BARBA, C. H. Os paradigmas históricos da inclusão de pessoas com deficiência no Brasil. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 14, n. 35, p. 313-340, 2017.

VIGOTSKI, L. **Fundamentos de defectologia.** Obras completas. Tomo cinco. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.



## Capítulo 5

# ENTER THE VOID, VIAGEM ALUCINANTE: RELAÇÕES ENTRE O USO DE SUBSTÂNCIAS E A SEXUALIDADE

Pedro Carvalho Gomes  
Ariela Cursino Lanfranchi

### Introdução

#### ***Sexualidade e educação sexual***

Falar sobre sexualidade implica retomar a contribuição de alguns aspectos importantes: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se deve falar da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são, acima de tudo, relações sociais construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes, segundo Nunes Silva (2000). Da mesma forma, a sexualidade é composta de experiências e desejos, sentida e percebida na subjetividade e na vivência do indivíduo, diante a “aprovação social”. A sexualidade, então, ocupa o terreno híbrido entre a identidade individual e os papéis e expectativas sociais.

Dessa maneira, não temos como tratar a sexualidade humana de maneira a-histórica, sem considerar a sociedade em que estamos inseridos e os conflitos que a compõe. Para abordar este assunto de maneira que abarque a diversidade, é necessário falar sobre os movimentos sociais identitários e de igualdade de gênero, debatendo de forma crítica e libertadora, visando a desconstrução dos

estereótipos e a consciência da mobilidade dos valores que compõe a sociedade. Nas palavras de Nunes e Silva (2000), a verdadeira educação sexual está implicada numa transformação social mais abrangente.

Para uma compreensão mais profunda da sexualidade humana é preciso definir a sua constituição significativa. A sexualidade humana não está sujeita ao determinismo biológico, restrita ao mundo natural. É uma esfera que passa além disso; ela contém a intencionalidade no sentido de consciência e de experiência de sentido, no sujeito humano. É, portanto, a dimensão existencial, original e criativa em sua expressão e vivência. E essa dimensão é dinâmica, dialética e processual. Não se pode reduzir a sexualidade a um substrato único, imutável, eterno. A sexualidade, isto é, as formas e significações da atividade sexual são históricas processuais e mutáveis. Isto significa que a sexualidade está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido. (NUNES; SILVA, 2006).

Só é possível uma educação sexual nessa perspectiva dupla: de um lado crítica de todas as construções, significações e modelos históricos e sociais, que envolvem as proibições, os interditos e as permissões; e de outro, o pessoal, o afetivo, o existencial, que a educação tecnicista tende a sufocar num discurso objetivo e distante. Ao educador que se ocupar dessa questão está o desafio de encontrar o justo meio de transmitir essa contradição de maneira honesta e significativa. Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade (ROJAS, 2002).

A pedagogia histórico-crítica afirma que a função da escola é socializar o conhecimento artístico, científico e filosófico mais desenvolvido produzido pela humanidade, visando atender aos interesses da classe trabalhadora na luta

pela superação da sociedade capitalista (SAVIANI, 2005). Dentro de todo esse espectro, faz-se necessário selecionar, dentre os conhecimentos objetivos produzidos historicamente pela humanidade, aqueles que se tornaram essenciais para a compreensão e a transformação intencional da realidade. A sexualidade, portanto, se encaixa como um destes temas, sendo determinante para os papéis sociais em que se organiza a sociedade de classes e ferramenta essencial para a libertação de fato da estereotipia da alienação.

Para a psicanálise, a cultura é resultado da repressão sexual, pois, quando impossibilitada de atingir seu alvo sexual, a libido é desviada para atividades socialmente valorizadas, tais como o trabalho e a produção artística, ou para outros fins. Sendo assim, a psicanálise torna possível afirmar que a sexualidade antecede historicamente a cultura, o que se configura como uma inversão na compreensão da realidade, dado que a sexualidade é produto da vida em sociedade (SILVA, 2014). Além disso, a psicanálise naturaliza o trabalho alienado, afirmando que o trabalho jamais poderá se constituir como a fonte principal de satisfação do ser humano, dado que existe uma “natural aversão humana ao trabalho” (FREUD, 1905, p. 2).

Portanto, para a pedagogia histórico-crítica, que se baseia no marxismo, a psicanálise não pode ser apresentada nas escolas como modelo explicativo da formação do indivíduo porque seu fundamento não abarca conhecimento científico objetivo, pois, como demonstra Marx, justamente o trabalho é o traço distintivo (categoria ontológica) do ser humano. Consideramos então que assim como a inteligência, a sexualidade será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura.

Uma alternativa para o tratamento da sexualidade na escola coerente com os pressupostos da pedagogia histórico-crítica é a discussão do tema a partir da leitura dos clássicos universais, os quais apresentam relações afetivas,



sexuais, de gênero, sob a perspectiva do momento histórico em que foram escritos, o que coloca em evidência o caráter histórico e social da sexualidade humana. Em outras palavras, a história da sexualidade está objetivada nos produtos da cultura e, portanto, a compreensão da sexualidade como fenômeno histórico-cultural vincula-se à apropriação do patrimônio cultural da humanidade. - de acordo com os critérios de referência e permanência que definem os clássicos.

### ***Sexualidade e drogas: proibição do prazer***

Ao se tratar de relações históricas que se objetivam em relações humanas, elas traduzem-se na concretude sobre a individualidade do ser manifestando-se na forma de agir, pensar, conhecer e, a todos esses componentes culturais, as quais a sexualidade também está inserida (GROSSI, 1998). Ou seja, o ser humano é multideterminado pelo meio em que está inserido. Neste ínterim, a questão da drogadição também não foge desse espectro, o qual está inserida sobre uma série de ideias e preconceitos construídos nas relações sociais. Ao relacionar um com outro, encontra-se uma série de similitudes o qual se observa ao longo da história em que ambos foram reprimidos constantemente sob uma série de questões que envolvem variáveis culturais, interesses financeiros, políticos e religiosos que privilegiam certos tipos de expressões de individualidades, assim como o uso de algumas substâncias, normatizando um padrão comum a elas e deixando as outras sob a marginalização.

Assim, a permissividade e a proibição de um componente de determinada conjuntura a partir de instituições responsáveis ocorrem sob a sua regulação por meio de rituais, legalidade, coerções que desempenham determinada função social. Quanto ao uso de drogas, tanto sua função social quanto o seu uso diverso conforma-se a

que tipo de experiência que ela proporciona, seja ela sensorial, motora e/ou cognitiva. Segundo Carneiro (2002), remonta a perspectiva histórica materialista sob a ótica de proibição e legalidade das drogas quanto a sua função social, revelando que as principais drogas proibidas com a ascensão do capitalismo no ocidente foram relacionadas à recreação e, assim, as substâncias que traziam prazer, êxtase e relaxamento foram severamente marginalizadas conforme o tempo. Restaram aquelas drogas que serviam aos interesses econômicos específicos, e foram substituídas por drogas “corretivas”, que inseridas na lógica médica, são chamadas de medicamentos, os quais dispõem a sensação de sobriedade, foco, aliviam dores e que se conformam ao sistema produtivo.

O sexo, parte componente da sexualidade, também foi severamente reprimido ao longo do curso histórico, passando por uma série de restrições, principalmente morais, pelas agências controladoras em face ao prazer e o êxtase proporcionado por essa prática (SILVA; SANTOS; LICCIARDI; PAIVA, 2008). A ideia de pureza e do corpo imaculado remete a perspectiva cristã que imbuí uma série de valores sobre o desejo carnal, assim, o atribuindo como impuro, lascivo e até mesmo perverso. Isso não significou que essa prática fosse considerada de todo mal pelas instituições cristãs, mas sim controladas pelos valores cristãos: deveria ser exercida sob determinadas maneiras que respeitassem suas regras e rituais, como o casamento virginal, de um corpo feminino nunca antes “corrompido” e a monogamia. Outro exemplo foi o celibato clerical, o qual representava um compromisso simbólico com Deus, e o ato de não ter relações sexuais significava o ascetismo em face às tentações da imoralidade sexuais que poderiam desvirtuar dos ensinamentos religiosos.

Ainda persistindo no âmbito da proibição do prazer, Acselrad (2005) afirma que, as relações sociais que

confrontam o sistema de valores imbuído pela sociedade e ferem ao sistema produtivo vigente, recorrem ao esquema da ilegalidade. Assim, atos como o uso de drogas são considerados como criminosos, ainda que sejam temas de saúde pública e, quando essas relações são ainda mais agravadas, recaem sobre a marginalidade. O exemplo disso é a prostituição e o tráfico de drogas que ocorrem principalmente sobre as parcelas mais pobres da sociedade, que são as principais vítimas da violência oferecida por essas práticas de risco, mesmo que poucos se beneficiem com o trabalho desses.

Percebe-se que a proibição do prazer não se trata apenas dessas questões, mas de muitas outras envolvidas as quais não serão abordadas no presente capítulo, como questões identitárias de sexualidade que são severamente punidas pelo preconceito e outras formas de uso de substâncias. Contudo, é evidente a relação entre a proibição do prazer com a criminalidade, e que posteriormente podem levar a marginalização e exclusão dos indivíduos.

Segundo Tuller, de Mello Rosa e Catelan-Mainardes (2009), é importante denotar os riscos oferecidos pela droga quanto a sua dependência física e psicológica, a longo prazo ocorrem invariavelmente múltiplos danos cerebrais com morte extensa de neurônios e perda progressiva das funções intelectuais superiores.

## Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Titulo Original	Enter The Void
Nome Traduzido	Viagem Alucinante
Gênero	Drama/Fantasia
Ano	2009

Local de lançamento e Idioma original	França/ Inglês
Duração	2h30min
Direção	Gaspar Noé

A história se passa na periferia de Tóquio sob os olhos de primeira pessoa de Oscar, um usuário de drogas recém mudado para o Japão, o qual possui uma relação muito próxima com sua irmã, Linda. No início do filme, Alex, um amigo parceiro de drogas e de noites de Oscar, pergunta-lhe se já leu o livro que tinha lhe emprestado, o “Livro Tibetano da Morte” que evidencia que a morte seria uma última viagem onírica antes de perder a consciência por completo, adentrando a um vazio.

Enquanto Alex explica sobre o livro e fala sobre outras drogas, ambos caminham para um clube no qual Oscar irá vender drogas para seu outro amigo, Victor. Posteriormente, ele percebe que se meteu em uma emboscada e tenta fugir da polícia, levando um tiro no peito e morrendo.

A partir desse ponto Alex sai de seu próprio corpo e observa a sua própria morte, representando seu espírito, não possuindo qualquer barreira que o deixe de observar o mundo, porém não havendo qualquer interação com ele, assumindo a posição de *flâneur*. Nos primeiros momentos após o tiro, é mostrado seu amigo Alex lamentando por sua morte e ligando para Linda, irmã de Oscar, que estava ocupada exercendo sua profissão de *stripper*.

Entre viagens alucinantes, flashbacks da vida de Oscar e visões do mundo por um observador, são narrados os principais acontecimentos para que sua vida tenha tomado esse rumo. Dos pontos principais que podem ser citados é a morte de seus pais em um acidente de carro o qual gerou um trauma recorrente para os irmãos, vários flashbacks de

sua mãe se mostrando uma figura muito afetiva, seu envolvimento com as drogas no Japão e tráficos pequenos que possibilitaram a vinda de sua irmã dos Estados Unidos para o Japão e seu envolvimento amoroso com a mãe de Víctor, o qual nutriu o ódio do amigo.

O mundo pós morte de Oscar mostra-se ainda mais conturbado e nebuloso, pois, seu amigo Alex, é encontrado em situação de rua, sua irmã constantemente deprimida e a família de Víctor destituída por conta do envolvimento do garoto com drogas e a traição de sua mãe com Oscar, que é revelada. Várias dessas cenas são narradas de forma não uniformes e aleatórias. O desfecho do filme mostra sua irmã envolvida com a prostituição e as drogas, desfocando da cena de sexo para um seio materno que representa o carinho da mãe de Oscar.

### **Análise Crítica**

O melodrama psicodélico, “Enter the Void” começa pelos olhos literais de Oscar, um pequeno traficante de drogas, enquanto sua irmã mais nova Linda trabalha como *stripper* de boates. Uma noite, Oscar é preso em um busto policial e baleado. Como ele está morrendo, seu espírito, fiel à promessa que fez para a sua irmã - de que ele nunca a abandonaria - se recusa a abandonar o mundo dos vivos. Enquanto seu espírito vagueia pela cidade, as visões de Oscar vão se tornando cada vez mais distorcidas e mais parecidas com pesadelos. Passado, presente e futuro se fundem em um turbilhão alucinatório. O Filme continuamente penetra e explora os impulsos e desejos mais profundos e obscuros que a humanidade tem a oferecer a partir de uma perspectiva em primeira pessoa, pelos olhos de Oscar. O ritmo é lento, seráfico, a jornada é o ponto.

Após sua morte logo no início do filme, a câmera fica bem atrás de sua cabeça como se ele não pudesse ver seu próprio rosto, mas agora pode ver como outras pessoas o viam na vida. A construção das cenas através de uma viagem alucinante remontam alguns aspectos, como a ausência de modelos parentais dentro dessa narrativa, e desembocam em consequências drásticas para o desenvolvimento do protagonista, assim como suas implicações. Assim, a explicação causal para que Oscar tenha se tornado um traficante e Linda, uma *stripper* se desdobram dentro da malha social complexa que aborda as condições de vida desses personagens.

Segundo Slapak e Grigoravicius (2007) essas questões englobam o abandono, a precária condição financeira, a falta de limitações ou regras, a falta de oportunidade, os empregos sem pagamentos dignos de subsistência, a falta de escolaridade e de programas que levam a reinserção do indivíduo na sociedade. Isso tudo supera as respostas simples oferecidas pelo senso comum em relação ao envolvimento de drogas como a imoralidade do indivíduo ou a cega curiosidade que levou à ruína.

Nós, espectadores, vemos a infância idílica do protagonista e o horrível acidente de carro que torna órfão Oscar e sua irmã mais nova. Isso implica em sua separação forçada e a reunião depois de anos em Tóquio. O vazio e a maneira errônea de lidar com responsabilidades sem qualquer preocupação sobre as consequências que a droga oferece que ambos apresentam durante o decorrer da película, remete a ideia psicanalítica do mal-estar na civilização como condição do sujeito contemporâneo remontado através de várias cenas mesclando passado e presente.

Além disso, a presença da mãe na infância como papel de cuidadora principal e fonte de afeição é sempre lembrada pelo protagonista, representando-a com o

busto desnudo em alusão a fase oral, no qual o bebê quer incorporar o mundo exterior pela boca sugando os seios da mãe. O conhecimento e a experiência pelas drogas também remontam essa mesma perspectiva a qual deve ser introduzida ao organismo para obter certa satisfação.

Segundo Freud (1905) em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o tabu com maior resistência a qual sofremos é o incesto, que ele entende ser algo globalmente inconsciente, resultando numa resistência a cometer esse ato. No filme, isso é representado de duas formas: primeiramente, com a mãe que é vista como fonte de afeição, provocando a resistência inicial por meio da castração e, depois, pela figura que remete esse tabu que é o complexo de Édipo não resolvido da irmã sugerido nas cenas de erotismo fraterno. Linda sempre se mostra muito afetiva com o irmão, dando-lhe muitos beijos e abraços e cenas de diálogos em que ela aparece, com os seios de fora, o que nos suscitou essa hipótese.

De maneira nenhuma é um filme fácil ou até uma história agradável, mas muito complexa e original, que realmente atrai os espectadores para o submundo de Tóquio e o terror por trás de cada parede. A obra oferece uma narrativa distinta através da câmera representando os olhos do protagonista do filme, proporcionando uma experiência parecida a uma vivência psicodélica. Isso pode, por um lado, desmistificar crenças e ideias errôneas, mas por outro lado pode contribuir para ideias de que droga tem como seu único fim a morte, o crime, a marginalização, a prostituição, caso o espectador não tenha uma bagagem cultural para poder discutir e repensar as relações apresentadas nas cenas e nos diálogos do filme.

Apesar das reflexões e críticas representadas pelo filme, ainda assim ele recai sobre alguns estereótipos de identidade como o do *junkie*, do inglês, o “drogado”, ou “agarrado” que mostra um caráter simplista, redutor e

ambíguo dos elementos com que compõem essas figuras (FERNANDES, 2011). Além disso, todos os personagens principais da história são americanos e brancos, apesar do filme se passar no Japão.

Segundo Oliveira (2009), um exemplo análogo a drogas, principalmente as psicoativas, é o orgasmo, no qual há alterações nas sinapses dos neurônios por meio da realização de neurotransmissores e químicos que afetam diretamente o cérebro e o comportamento, atingindo a sensação de êxtase e relaxamento, mesmo que as vias de ambas sejam completamente diferentes, sendo um por meio de uma série de excitações sensoriais nas partes erógenas e o outro pela introdução da substância no corpo. Percebe-se que a restrição do prazer e as relações que fogem da normatividade mediada pela cultura, levam a uma série de coerções, assim, a masturbação, o sexo fora do casamento, a traição, relações sexuais com vários parceiros(as), o sexo por prazer, o sexo não genital, representam uma série de atos que fogem do contrato normativo, ainda que não passem das restrições legais na maioria dos países, porém quando são revelados, provocam um sentimento coletivo de insatisfação e julgamento. Esta relação é percebida pela atuação de Oscar e Linda durante o filme, que explicitam os seus empregos que beiram a marginalidade, tendo como algo velado ou proibido pelos olhos públicos.

Oscar representa a figura dual do usuário e traficante, o que é mostrado no filme por cenas do personagem comprando, vendendo e usando drogas, implicando-se em débitos e dívidas segundo sua dependência destas. Todos os âmbitos de sua vida, representados na trama, são permeados por sua adicção: seu ciclo social, a relação com a irmã, seus momentos de solidão. Enquanto sua vida em Tóquio permanece na marginalidade, com a falta de um emprego; a vida no mundo das drogas é recheada de



descobertas e experiências. Uma possível análise aqui é de que a droga entra como preenchedora do vazio, nessa situação de vulnerabilidade, elevando as sensações de prazer a uma magnitude em que não haja espaço para a frustração e a dor de encarar a realidade do desemprego e ausência dos pais.

Segundo Azevedo e Teixeira (2011), o aparato da toxicomania atua no controle do gozo dos corpos. Sendo assim, a adicção às drogas pode ser considerada como um mecanismo de controle e manutenção da ordem social por meio do gozo sobre o qual recai, com o julgamento quase irrestrito da mídia e pelas forças do Estado que visam suprimir com todo tipo de violência, pela veiculação da “guerra às drogas”, representado no filme pelos policiais que matam o protagonista.

O filme termina numa junção carnal entre o irmão e a irmã, desembocando numa experiência kármica, segundo a perspectiva do protagonista, representado por uma série de fractais, luzes, flashes psicodélicos e sexo explícitos. As cenas já estão se desvanecendo e a junção carnal entre eles se fundem com a imagem do seio da mãe, terminando a obra num ponto complexo e com o desfecho remontando as ideias principais do filme: amor, abandono, drogas, desejos sexuais reprimidos e a construção das relações sociais.

### **Considerações Finais**

O filme analisado é complexo e exige do espectador uma olhar despretensioso e distante das concepções tradicionais sobre o uso de drogas e a vivência da sexualidade. Questões sutis da narrativa despertam a compreensão teórica, a partir da leitura psicanalítica e do referencial da psicologia histórico-crítica, mais provável entre profissionais dessa área. A riqueza está justamente

neste desafio: trazer à tona dilemas humanos, a partir de projeções fílmicas.

Entender a sexualidade humana é aprender a respeito da dimensão biopsicossocial do ser humano e compreender a construção social do corpo, das relações, do prazer, do abuso, desmistificando a sexualidade considerada normal ou patológica visando à superação de preconceitos.

A relação entre a droga, prazer, sexo e abuso, deve ser problematizada para além de discursos moralistas e proibitivos. Concepções negativas sobre o uso de drogas não garantem que os jovens não queiram experimentá-la. Decisões conscientes são diferentes de decisões baseadas na repressão, que de um jeito ou de outro, não são baseadas na realidade e fomentam ainda mais a curiosidade, onde a autonomia do jovem passa pelo domínio da informação, possibilidade de esclarecimento, capacidade de reflexão e crítica.

A responsabilidade no exercício da sexualidade vincula-se ao controle da natalidade e da transmissão de infecções sexualmente transmissíveis, assim como a responsabilidade sobre as drogas diz respeito à saúde pública, evitando o surgimento de novos usuários e retirando os indivíduos cronificados pelo processo. É do compromisso ético do psicólogo respeitar os direitos humanos e dar autonomia para população, desmistificando preconceitos e criando novas possibilidades de existências.

## Referências

ACSELRAD, G; **Avessos Do Prazer: Drogas, Aids E Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz., 2005. p. 12-96.  
AZEVEDO, M; TEIXEIRA, G. Toxicomania e suicídio sob uma visão psicanalítica. **Revista Mal-Estar Subjetividade.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 623-644, 2011. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&id=S1518-61482011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&id=S1518-61482011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 15 jul. 2019.

CARNEIRO, H. **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX**. 6. ed. Rev Outubro, 2002. p. 115-128.

FERNANDES, LUÍS. Do estereótipo à visão fenomenológica: análises sobre o “agarrado”. **Revista Toxicodependências**, Porto, v. 17, n. 1, p. 17-31, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/tox/v17n1/v17n1a03.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 7. ed. [S.l.]: ESB. Obras Completas, 1905. p. 44-73.

GROSSI, P, M. **Identidade de gênero e sexualidade: análise histórica das políticas educacionais brasileiras**. Alínea Editora, 1998.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. In: Marx. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (coleção Os pensadores).

OLIVEIRA C, S, D. **Falando sobre drogas**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2013.

NUNES, C; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. 2 ed. Campinas: Autores Associados; 2006.

ROJAS, J. **O lúdico na construção interdisciplinar da aprendizagem: uma pedagogia do afeto e da criatividade na escola**. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

SAVIANI, D. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira: O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil. **UFPR**, Paraná, v. 20, n. 1, p. 1-38, jan./2005.

SILVA, Da, M, M. **Pedagogia histórico-crítica e sexualidade na educação escolar: considerações a partir da análise do tema “orientação sexual” nos Parâmetros Curriculares**

Nacionais. Edição. [S.l.]: Germinal: Marxismo e Educação em Debate, 2014. p. 78-88.

SILVA, C. G. D; SANTOS, A; LICCIARDI, D; PAIVA, V. **Religiosidade, Juventude e Sexualidade: Entre a Autonomia e a Rigidez**. 13. ed. [S.l.]: Psicologia Em Estudo, 2008. p. 683-692.

SLAPAK, S; GRIGORAVICIUS, M. Consumo de drogas: La construcción de un problema social. **Anuario de investigaciones**, v. 14, p. 239-249, 2007.

TULLER N; ROSA, D; POLLI, M; MAINARDES, S. Os sofrimentos e danos biopsicossociais de dependentes químicos em recuperação. **Revista Cesumar: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 137-174, jul./2009. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/1043>. Acesso em: 8 jul. 2019.



## Capítulo 6

# AZUL É A COR MAIS QUENTE: REFLEXÕES SOBRE O PADRÃO HETERONORMATIVO EM RELAÇÕES HOMOERÓTICAS

Thássia Elizandra Santos

### Introdução

Sabe-se que há uma crescente onda de reivindicações de direitos da população LGBTQ, incluindo uma tentativa de maior visibilidade e representatividade desses corpos e vivências. No entanto, esse tema ainda é um grande tabu quando pensamos em Educação Sexual porque essa parcela da população ainda carrega um significado de “anormalidade”, “desviante” ou mesmo “imoralidade”, além de ser considerada uma ameaça à família tradicional. Essas crenças decorrem do heterocentrismo, sistema ideológico e afetivo que afirma que a heterossexualidade é natural e, por conseguinte, superior às outras formas de experienciar a sexualidade (ESTECA, 2016).

Neste capítulo, tratamos, em específico, da homossexualidade feminina e como ela existe em uma cultura heteronormativa, por meio da análise do filme “Azul é a cor mais quente” (2013), enfatizando a frequente invisibilização de diferentes formas de identidades e relações.

Luz e Gonçalves (2013, p.2) explicam o conceito de heteronormatividade como

um sistema social e cultural que instaura e regula uma coerência entre gênero, sexo e desejo/práticas sexuais com vistas à inteligibilidade e aceitabilidade de alguns sujeitos e não de outros (TONELI & BECKER, 2010)<sup>1</sup>, assim como de algumas relações e não de outras. Essa matriz heteronormativa, tal como define Butler (2012/1999)<sup>2</sup>, naturaliza identidades aceitáveis culturalmente – por exemplo, um homem heterossexual com gênero masculino – ao mesmo tempo em que torna invisíveis, não inteligíveis ou abjetas as expressões que escapam dessa matriz. Ao instaurar a oposição masculino x feminino, a heteronormatividade sustenta-se sobre uma heterossexualidade compulsória, conceito elaborado por Rich (2010/1980)<sup>3</sup>, entendida como uma norma que estabelece ou pressupõe que todos os sujeitos sejam heterossexuais ou que se relacionem heterossexualmente.

Para que as relações homoafetivas sejam socialmente aceitas, ocorre uma tentativa de enquadramento no que é esperado de uma relação heterossexual, tendo em vista que estar o mais próximo possível dessa forma de se relacionar é o que torna essas vivências aceitáveis e cognoscíveis (LUZ; GONÇALVES, 2013). Isso evidencia, portanto, a heterossexualização das relações homoafetivas, já que apenas as relações homoafetivas que se enquadram em tal norma são entendidas pela sociedade como aceitáveis.

---

<sup>1</sup> TONELI, M. J. F.; BECKER, S. A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler. In: **IX Seminário Internacional Fazendo Gênero** – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis – SC. Anais do IX Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2010, p. 1-8.

<sup>2</sup> BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

<sup>3</sup> RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, n. 5, 2010, p. 17-44.

Assim, ao tornar natural essa maneira de se relacionar, em que mesmo sendo um casal homoafetivo composto por mulheres, predominam as formas heterossexuais de se estar em uma relação, invisibiliza-se os relacionamentos que não vivem a relação de acordo com essas normas e, como dizem Luz e Gonçalves (2013), a busca por aproximar as vivências homoeróticas ao modelo heterossexual, é um modo da sociedade exercer controle social sobre esses corpos.

Trotta e Oliveira (2014) consideram que não há diálogos e discussões sobre a lesbianidade, até mesmo entre as feministas, o que reforça o ideário de que as normas vigentes de relacionamentos devem ser seguidas. Luz e Gonçalves (2013) em suas pesquisas de revisão sobre conjugalidades afirmam que os estudos, em geral, focam no reconhecimento e na visibilidade das relações homoeróticas, ao invés das relações em si mesmas e suas diferentes formas de existirem.

Podemos notar que mesmo que esses relacionamentos se aproximem do esperado pela sociedade, ainda é possível notar ressalvas, por exemplo, ao presenciar comentários do tipo: “o casal pode ser homoafetivo, desde que não demonstre isso nas ruas, andando de mãos dadas ou se beijando”. Isso sugere que há limites dessa aceitação, em que mesmo que esses casais se sujeitem ao modo heteronormativo de se relacionar, ainda assim ocorre um estranhamento relativo a tais práticas.

Ao longo da história, as relações homoafetivas sofreram fortes penalizações, cenário que ainda persiste nos momentos atuais. Essas penalizações retratam a repressão cultural e ocultam e impedem discussões a respeito da homoafetividade através de práticas preconceituosas (DE SOUSA, 2017).



Para exemplificar essa prática, pode-se citar a regulamentação do casamento civil dos casais homoafetivos, que ocorreu em 18 de dezembro de 2012, mas não foi respeitada por diversos cartórios, que se negavam a realizar tais procedimentos pautados em suas questões “morais”. Por esse motivo, foi necessária uma nova resolução, aprovada dia 14 de maio de 2013, que obrigava todos os cartórios a realizar a cerimônia de casamento independentemente do sexo dos parceiros (ESTECA, 2016).

Em se tratando da mulher, De Sousa (2017) ressalta que historicamente ela foi marcada pela subordinação advinda dos paradigmas de uma sociedade patriarcal. Essa relação de poder acaba por sujeitar as mulheres ao desejo masculino. A repressão e o silenciamento do gênero feminino estendem-se para o campo de sua sexualidade tendo seu desejo e o prazer de seus corpos controlados pelos mecanismos sociais de regulação de poder.

Sendo assim, a represália imposta aos relacionamentos homoafetivos e ao gênero feminino acabam por condensar suas implicações frente às mulheres que possuem sua sexualidade orientada para o mesmo gênero. Pode-se dizer, então, que a mulher homossexual sofre um duplo estigma na sociedade.

Para De Souza (2017) o fato de a sociedade buscar produzir corpos disciplinados e coniventes que atendam às normas e padrões sociais, por meio do controle, da punição e vigilância, no caso em relação às imposições de rígidas e normas de papéis de gênero. E o mesmo vai ocorrer com a mulher lésbica: uma vigilância constante da performance das mulheres lésbicas e seus modos de estar no mundo: docilidade e passividade. Luz e Gonçalves (2013) explicam que

A performatividade, um importante conceito elaborado por Butler (2012/1999)<sup>4</sup>, diz respeito à execução de atos cuja repetição resulta numa ilusória estabilidade e naturalidade da identidade de gênero. A performatividade, nesse sentido, é um processo (SALIH, 2012)<sup>5</sup> que se dá no interior de um quadro regulatório rígido, podendo tanto referendar as normas de gênero e sexualidade como subvertê-las. A heteronormatividade, portanto, abriga sua própria possibilidade de subversão (BUTLER, 2012/1999).

Diante desses argumentos, pode-se pensar como uma contribuição para a Educação Sexual, a reflexão para os diversos tipos de relações afetivas e sexuais e, como mesmo na diversidade de expressões, padrões de heteronormatividade são mantidos e reproduzidos até mesmo nas tentativas de representações LGBTQs em livros, comunicações e mídias.

### Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	La vie d'Adèle
Nome Traduzido	Azul é a cor mais quente
Gênero	Drama
Ano	2013
Local de lançamento e Idioma original	França/ Francês
Duração	2h57min
Direção	Abdellatif Kechiche

O filme *Azul é a Cor Mais Quente*, produzido em 2013 pelo diretor Abdellatif Kechiche, foi baseado em uma

---

<sup>4</sup> BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

<sup>5</sup> SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

história em quadrinhos, de mesmo nome, escrita por Julie Maroh em 2010. Essa obra retrata a relação de Adèle e Emma, representadas pelas atrizes Adèle Exachopoulos e Léa Seydoux, respectivamente.

No início do enredo, Adèle possui 18 anos e cursa o ensino médio. A jovem relacionava-se com um rapaz de seu colégio, mas ficou insatisfeita e acabou rompendo com ele. As cenas que se seguem retratam Adèle refletindo sobre sua orientação sexual, uma vez que trocou olhares com Emma enquanto caminhava na rua, o que gerou fantasias sexuais com a mesma.

Seu amigo Valentin, retratado como um rapaz homossexual, a leva em uma casa noturna voltada para o público LGBTQ onde Adèle realmente conhece Emma, que é retratada neste início da narrativa com o cabelo azul e cursando Belas Artes. Depois disso, as duas começam a se conhecer e encontrar.

O vínculo entre Emma e Adèle começa a se intensificar, ocorrendo o primeiro beijo do casal, a primeira relação sexual e a apresentação de ambas para os familiares, embora a família de Adèle não saiba que elas estão em um relacionamento. Nos anos seguintes, Emma e Adèle passam a morar juntas. Adèle termina o ensino médio e passa a trabalhar como professora em uma escola primária. Enquanto isso, Emma segue como pintora.

Ambas começam a distanciar-se gradualmente, Emma passa a afastar-se nos âmbitos físico e emocional. Após isso, Adèle sai com um colega de trabalho e acaba fazendo sexo com ele. Emma descobre a traição e expulsa Adèle de seu apartamento. Adèle tenta reatar, porém Emma não aceita. A personagem passa, então, a ser retratada com uma intensa tristeza, apesar de estar satisfeita em seu trabalho como professora.

As duas se encontram em um restaurante e Adèle ainda se mantém apaixonada. Entretanto, Emma estava em

um relacionamento sério com Lise, a qual possuía uma filha de outro relacionamento. Diante disso, a artista diz à Adèle que não sente mais atração por ela, apesar de manter um carinho pela história que viveram.

O filme se encerra com Adèle visitando a exposição de arte de Emma, na qual estava pendurado um quadro que Emma pintou de Adèle durante o relacionamento. Os minutos finais se dão com Adèle conversando com um homem que havia conhecido no início do filme; ele corre atrás dela após ela deixar a exposição, porém não a encontra. O filme acaba com Adèle caminhando para um futuro incerto.

### **Análise Crítica**

A partir deste filme de drama, no qual a temática é a relação homoafetiva, encontramos o padrão heteronormativo bem presente, uma vez que as personagens, apesar de estabelecerem uma relação homoafetiva, são representadas de forma estereotipada. Sendo Adèle a figura feminina, tornando-se uma professora, enaltecendo a presença de instinto materno, habilidade com crianças e docilidade, adotando uma postura mais passiva e tornando-se a musa de Emma, posando para suas pinturas. Além disso, lida com as responsabilidades da casa, como limpar e cozinhar. Enquanto Emma se apresenta como a figura masculinizada, física, comportamental e emocionalmente, uma vez que é atribuído a ela o papel de provedora, um caráter mais ativo, corte de cabelo curto, distanciamento emocional da parceira devido ao trabalho e o caráter mais agressivo durante as discussões do casal.

Além disso, o filme retrata a vida das personagens e o envolvimento afetivo e sexual que desenvolvem ao longo de um período de tempo, que vai da adolescência de Adèle

até sua vida adulta, mostrando a sexualidade como algo natural e importante no desenvolvimento do indivíduo. Essa é uma forma importante de retratar esta temática, tendo em vista sua função essencial na estruturação da personalidade e consolidação da identidade, como apontam Cano, Ferriani e Gomes (2000), elucidando, portanto, porque o tabu em relação a essa temática gera tantos conflitos para os adolescentes e até mesmo repressões, tornando a vivência da sexualidade um problema para essas pessoas.

Apesar de não ter um objetivo educativo, algumas cenas do filme podem ser consideradas educativas, como as que representam a afetividade, desejo e práticas sexuais entre as protagonistas. Pelo fato de serem bem demoradas e detalhadas, as cenas de sexo podem servir para se pensar a relação sexual homoafetiva entre mulheres, uma vez que mostram as diversas possibilidades de estimulações com o corpo feminino, tirando o papel central do pênis. Essas cenas ainda suscitam reflexões sobre como essas relações são retratadas em outras produções cinematográficas, como os filmes pornográficos, nos quais os principais consumidores são homens e as cenas são feitas a fim de satisfazer apenas o prazer masculino, erotizando os corpos. Perceber a relação entre mulheres como favorável ao prazer obtido pela estimulação e exploração do corpo como um todo pode ser um bom meio de esclarecer a falsa ideia de que a mulher que se relaciona com outra é apenas para fetiche masculino, e também de que o sexo entre duas mulheres envolve necessariamente a penetração de um pênis de borracha.

Em contrapartida, como aponta Aronvich (2014), as cenas de sexo apresentadas no filme também tiveram como objetivo atrair o público masculino, tendo em vista a forma como foi produzida. Tais críticas referem-se principalmente ao fato de as garotas estarem

constantemente mudando de posições e uma dose de violência, ainda mais se referindo a primeira relação sexual de Adèle com outra mulher.

Aronvich (2014) ressalta também os comentários de outras blogueiras que discorrem sobre o tema, afirmando que para o público lésbico as cenas de sexo tinham mais o objetivo de atrair o público masculino, mostrando todas as posições e variações possíveis, como se fosse um comercial em que se busca mostrar todas as funções que tal produto desenvolve, distanciando-se da forma natural como uma relação sexual entre duas mulheres ocorre.

Pode-se considerar também a submissão de Adèle em relação à Emma como uma demonstração da heteronormatividade dentro das relações homoafetivas, tendo em vista que Adèle passa a ter suas vivências baseada nas de Emma depois que decidem morar juntas. A cena em que Emma recebe amigos em casa e Adèle fica alheia ao grupo, não participando das conversas, mas cozinhando e servindo a todos, elucida essa sujeição de Adèle às vontades e planos de Emma.

Como afirma Paulino (2015), o que muda no longa são os agentes do estereótipo, pois ainda há a submissão da mulher ao homem, nesse caso, da mulher feminilizada à mulher masculinizada, sendo que a personagem que se identifica com o papel visto como masculino pela sociedade interpreta o papel de dominante na relação.

A cena em que Emma avisa a Adèle que iria demorar para voltar para casa porque teria de fazer algumas coisas em seu trabalho e, então, Adèle sai com seu colega de trabalho e trai sua parceira, ressalta também o ideário de que a mulher não sabe lidar com as responsabilidades dos homens no que concerne as suas ocupações e se sentem solitárias e rejeitadas, traindo-os como vingança ou forma de lidar com os sentimentos negativos que essas situações despertam nelas. Acarretando, ainda, na crença de que a

mulher tem sua vida determinada pela vida de seu parceiro, como ocorre com as protagonistas do filme.

Além disso, reforça também a crença de que mulheres lésbicas sempre voltarão a se relacionar com homens, tanto por considerar que se relacionar com outra mulher é uma fase, quanto por acreditar que a heterossexualidade é o normal, o ideal e, mais cedo ou mais tarde, estas pessoas retornarão ao “modo certo de se relacionar”. Dessa forma, evidencia-se a heteronormatividade compulsória, por ser algo que é projetado em todos os indivíduos e preconizado pela sociedade. No dia-a-dia, este fenômeno pode ser visto quando uma mulher bissexual se relaciona com um homem e recebe questionamentos sobre o quanto ela gosta de se relacionar com homens e se isso não lhe parece mais atrativo.

A maneira como o casal termina o relacionamento também se dá de forma heteronormativa, uma vez que Emma assume o papel de ativo, agindo mais incisiva e agressivamente, enquanto Adèle se mostra mais emotiva. Além disso, quando o casal se reencontra, anos depois do término, Emma está feliz, com uma boa carreira e em um novo relacionamento, enquanto Adèle aparece chateada e demonstrando querer reatar o relacionamento.

Essa postura reafirma o padrão de homem que passa por um término e se restabelece comumente, enquanto a mulher, muito passional, sofre e continua desestabilizada com o término e com a dificuldade de achar alguém tão bom quanto seu ex-parceiro. O diálogo entre as personagens em que Adèle pergunta a Emma se o que ela tem nesse novo relacionamento é tão intenso quanto o que tiveram juntas, evidencia essa visão de que Emma está bem em um novo relacionamento, enquanto Adèle não consegue encontrar alguém ou algum relacionamento à altura do que elas tiveram.

Acerca da performance das duas personagens, a aparência de Emma é retratada como masculina, tanto pelas roupas utilizadas, quanto pelo corte de cabelo e modo de agir, em contraposição à performance de Adèle, que aparece com cabelos longos, aparência e comportamento mais semelhantes ao que é considerado feminino. Essas imagens mostram a reprodução de estereótipos, haja vista que a personagem Emma é lésbica e Adèle, supostamente bissexual. Deste modo, além de incentivar o ideário de que em uma relação homoafetiva, uma das mulheres tem de ser mais masculina, reforça a crença de que a mulher bissexual se mantém mais feminilizada, como forma de continuar atraindo os homens, enquanto a garota lésbica pode aderir às vestimentas e modos de agir mais masculinos, já que sua orientação sexual é direcionada exclusivamente às mulheres.

Em se tratando da rede de apoio de Adèle, faz-se importante ressaltar o papel de Valentin, seu amigo homossexual que a leva a uma casa noturna voltada ao público LGBTQ, onde ela conversa com Emma pela primeira. Em momentos de consolidação da identidade, ter amigos inseridos no mundo LGBTQ, em um meio em que a homossexualidade e homoafetividade são discutidas e consideradas como possíveis vivências, pode significar uma forma de empoderamento. Como afirmam Toledo e Teixeira Filho (2013), quando a família segue o padrão heteronormativo, na maioria das vezes acaba por invisibilizar as vivências homoafetivas. Desse modo, ocorre uma inversão do lugar em que a pessoa se refugia, se antes a família era o núcleo em que se encontrava proteção contra as dificuldades vividas, neste caso a sociedade passa a ser onde esse acolhimento é encontrado.

Ainda segundo tais autores, a rede de apoio das pessoas que sofrem homofobia é um fator decisório sobre o impacto destas vivências para o indivíduo, possibilitando,



ou não, o enfrentamento das discriminações, aceitando, rejeitando ou tentando dialogar com a heteronormatividade.

Ao estar inserido em um contexto heteronormativo, acompanhado apenas de pessoas heterossexuais, não há espaço para discussões e compreensões sobre a homoafetividade, especialmente quando se vive um momento conflituoso de se reconhecer como algo diferente dos demais. Esse momento de “crise”, é comum as vivências que exigem um processo de luto do projeto de vida idealizado até o momento, tanto por si mesmo, como, e principalmente, por seus familiares. Inclusive, na obra cinematográfica, Adèle apresenta Emma a seus pais como uma colega de estudos, enquanto Emma a apresenta a seus familiares como namorada.

O prazer feminino trazido na obra, por sua vez, gerou espanto no público, como apontado por Esteca (2016). Oliveira (2013) discorre sobre a forma como o prazer foi retratado no filme, mostrando explicitamente a cena de sexo entre as personagens, que foi longa e bastante detalhada, dando enfoque tanto nas posições e ações das personagens, como em suas reações. A resposta do público perante esta cena ressalta a importância de que esse tema seja abordado nessas produções, porém de outras formas, através de outras perspectivas.

Como exemplo dessas outras perspectivas, sugere-se que mulheres lésbicas pudessem ser consultadas para a produção de conteúdos literários ou cinematográficos que envolvam essas vivências, além de atrizes lésbicas poderem ser contratadas para realizar esses papéis nos filmes. Essa prática pode colaborar para a representatividade dessa população. Daí, pode-se questionar por que existindo atrizes lésbicas, foram duas atrizes consideradas heterossexuais?

Tendo em vista que o cinema é um agente de transformação social, o qual representa e interfere na realidade, a exibição deste filme fomentou muitas reflexões sobre a temática. Os grupos LGBTQs são constantemente invisibilizados ou retratados de modo a reproduzir estereótipos negativos e a representatividade desses indivíduos nesta área artística faz-se fundamental no processo de luta, libertação e transformação social. O filme analisado acaba por suprir esta demanda de gerar ao público novas produções de sentido e subjetividade, uma vez que retrata o relacionamento das protagonistas de modo a tornar legítimo o prazer de seus corpos e afetividade, embora esteja permeado pelas normas vigentes sobre como se relacionar, a heteronormatividade.

### **Considerações Finais**

Tendo em vista que o cinema se utiliza de ferramentas e/ou características advindas do meio que estamos inseridos, ele acaba por, muitas vezes, possuir um papel representativo e transformador da realidade, sendo um agente fomentador de reflexões e de discussões sobre os mais variados temas.

Neste capítulo, analisou-se uma obra cinematográfica a partir de um viés crítico na área da Psicologia e da Educação. Sua produção consolidou, ao meu ver, a importância de relacionar as questões teóricas com a apreciação do filme, de modo a desconstruir diversos estereótipos e crenças frequentemente disseminadas. Ressalta-se que a crítica ao padrão heteronormativo se estendeu até mesmo nas relações homoafetivas e por se tratarem de mulheres, também foi possível problematizar o prazer feminino, o qual foi historicamente reprimido em detrimento do prazer masculino, gênero dominante.

Enfim, o filme “Azul é a cor mais quente” tem uma inegável qualidade cinematográfica e fez grande sucesso entre o público LGBT, apesar de não ser representado por artistas efetivamente lésbicas. Entretanto, um olhar crítico desvela o engodo de uma sociedade que ainda discrimina a diversidade sexual: a cultura heteronormativa se reproduz sutilmente em vários e diferentes contextos.

## Referências

ARONOVICH, L. “**Crítica: azul é a cor mais quente/a liberdade é azul**”. 2014. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/01/critica-azul-e-cor-mais-quente.html>>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. das G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. latino-am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413>>. Acesso em 14 ago. 2019.

DE SOUSA, F. B. de. A subjetivação do corpo lésbico em azul é a cor mais quente: Do romance gráfico ao cinema. In: XIII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades. Campina Grande – PB. **Anais...** 2017. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV112\\_MD1\\_SA7\\_ID127\\_210\\_42018160039.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV112_MD1_SA7_ID127_210_42018160039.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2018.

ESTECA, F. M. **Impactos da heteronormatividade sobre a conjugalidade lésbica**: uma análise psicanalítica a partir do relato de mulheres separadas. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Doi:10.11606/T.47.2016.tde-16082016-104310. Acesso em: 2019-06-26.

LUZ, R. R.; GONÇALVES, H. Signorini. Heterossexualização das relações homoafetivas: uma realidade para se alcançar

a aceitação? In: X Seminário Internacional Fazendo Gênero – Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis – SC. **Anais do X Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 2013, pp. 1-12.

OLIVEIRA, J. “Azul é a cor mais quente: o cinema de violência e a falta de representatividade”. 2013. Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2013/12/17/azul-e-a-cor-mais-quente-e-o-cinema-de-violencia-e-falta-de-representatividade/>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

PAULINO, J. “Azul é a cor mais quente... e machista!”. 2015. Disponível em: <[http://obviousmag.org/estranha\\_loucura/2015/05/azul-e-a-cor-mais-quente-e-machista.html](http://obviousmag.org/estranha_loucura/2015/05/azul-e-a-cor-mais-quente-e-machista.html)>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 14 ago. 2019.

TROTTA, C.C.; OLIVEIRA, M. M. C. de. Tesourando a heteronormatividade: percepções sobre sexo lésbico em Azul é a Cor Mais Quente. In: Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos, 3., 2014. Vitória. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <[http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/140516578\\_o\\_ARQUIVO\\_TesousandoaHeteronormatividade.pdf](http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/140516578_o_ARQUIVO_TesousandoaHeteronormatividade.pdf)>. Acesso em 10 jul. 2019.



## Capítulo 7

### MISTÉRIOS DA CARNE: DISCUSSÕES SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL, PEDOFILIA E A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO

Deborah Placeres de Araujo  
Fernanda Santos de Souza

#### Introdução

O conceito de violência sexual engloba tanto o abuso, alvo da presente discussão, como demais consequências desse fenômeno. Haja vista o frequente uso das expressões “exploração sexual infantil”, “abuso sexual infantil” e “pedofilia” como sinônimos, cabe primeiramente estabelecer uma distinção entre estes termos. A exploração sexual caracteriza-se por uma relação mercantil, comercial, em que a moeda de troca é o corpo. Pode ocorrer de diversas maneiras, entre as quais cabe citar a prostituição, o tráfico e o turismo sexual (BRASIL, 2005).

A temática da pedofilia é, inquestionavelmente, marcante e controversa, atravessando as mais diversas áreas do conhecimento. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a pedofilia é uma doença em que o indivíduo possui um transtorno psicológico e, assim sendo, apresenta um desejo, uma fantasia e/ou estímulo sexual por crianças pré-púberes. De maneira semelhante, o CID-10 (Código Internacional de Doenças) define como "preferência sexual por crianças, quer se tratem de meninos, meninas ou de crianças de um ou de outro sexo, geralmente pré-púberes" (item F65.4). Na quinta edição do

Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais da Associação Norte-Americana de Psiquiatria (DSM-V, 2013), a pedofilia localiza-se na categoria dos transtornos de preferência sexual ou parafilias. O DSM-V caracteriza as parafilias por

qualquer interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física. [...] Um transtorno parafílico é uma parafilia que está causando sofrimento ou prejuízo ao indivíduo ou uma parafilia cuja satisfação implica dano ou risco de dano pessoal a outros. Uma parafilia é condição necessária, mas não suficiente, para que se tenha um transtorno parafílico, e uma parafilia por si só não necessariamente justifica ou requer intervenção clínica. (p. 685)

Nesse sentido, é possível traçar uma diferenciação entre a “pedofilia-doença” e a “pedofilia-criminosa”. Isto é, toda pedofilia é uma patologia, no entanto, enquanto não for exteriorizada não se pode atribuir responsabilidade ou pena por crimes sexuais. Referente a nomenclaturas, observamos que nem todo criminoso que comete crimes sexuais contra crianças e/ou adolescentes é denominado pedófilo, haja vista que o agressor pode não contar com a parafilia entre suas motivações - sendo este designado como abusador oportunista ou ocasional. Assim sendo, compreende-se que as crianças podem ser vítimas tanto de pedófilos, quanto de abusadores tidos como ocasionais.

Os pedófilos podem se transformar em agressores sexuais ao converterem suas fantasias em atos reais, porém nem todos necessariamente assim fazem, pois a perversão sexual pode ficar em estado oculto, latente, sem manifestação exterior. Por outro lado, nem todos aqueles

que agredem sexualmente de crianças são necessariamente pedófilos no sentido clínico. Assim, tecnicamente é mais adequado utilizar o termo agressor sexual para descrever as pessoas que mantêm relações sexuais com crianças e adolescentes, já que este conceito inclui os pedófilos, mas não se limita a eles.“. (RODRIGUES, 2015, s/p).

A distinção entre as nomenclaturas é crucial e necessária para a utilização adequada dos termos dispostos no âmbito jurídico. Compreendendo a pedofilia enquanto um distúrbio, como tal deve ser encarado e acompanhado, visando evitar sua exteriorização. Caso um agressor sexual seja punido criminalmente, sua pena estará relacionada à tipicidade incorrida e não à pedofilia. A seção II do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) refere-se aos “crimes em espécie”. Entre os artigos, destacam-se os artigos 240 a 241-D, que se referem ao porte, produção, transmissão ou venda de pornografia infantil, e ao assédio e abuso sexual. O artigo 241-D foi incluído pela Lei nº 11.829, de 2008, e criminaliza os atos de “Aliciar, assediar, instigar ou constranger, por qualquer meio de comunicação, criança, com o fim de com ela praticar ato libidinoso”. O Código Penal Brasileiro também discorre sobre a criminalização do abuso sexual infantil nos artigos 217-A e 218-A.

A partir de pesquisa bibliográfica sobre conceitos-chave para a definição do abuso sexual infantil, Lowenkron (2010) demarca que

A ênfase é na assimetria de poder (pela diferença de idade, experiência, posição social etc) e/ou no dano psicológico. Pode ser por força, promessas, ameaça, coação, manipulação emocional, enganos, pressão etc. O que é fundamental na definição do “abuso” é que o consentimento sexual da criança não é considerado válido, de modo que ela é sempre vista como “objeto” de satisfação da lascívia alheia e nunca como “sujeito” em uma



relação sexual com adultos ou, dependendo do caso, mesmo com uma outra criança ou adolescente mais velhos (LOWENKRON, 2010, p. 16).

Em congruência com a literatura aqui reunida, apreende-se a violência sexual infanto-juvenil como um fenômeno complexo, com raízes macroestruturais - desvinculando-se da apreensão de um problema interpessoal e isolado (HAZEU, 2004).

Frequentemente nos defrontamos com notícias de abuso sexual em canais de notícias e redes sociais. Estas ocorrências acabam por ser uma realidade cotidiana para muitas crianças e adolescentes brasileiros. Segundo levantamento realizado pelo Ministério da Saúde, entre 2011 e 2017, foram notificados no país 184.524 casos de violência sexual; dentre estes, 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45,0%) contra adolescentes. No dado levantamento, caracteriza-se como crianças os indivíduos com idade entre 0 e 9 anos e adolescentes aqueles entre 10 e 19 anos (BRASIL, 2010).

Segundo Brasil (2018), a maior parte dos autores que estudam sobre violência sexual infanto-juvenil reportam que as vítimas são menos frequentes entre o sexo masculino (92,4% em casos envolvendo adolescentes, e 81,6% em casos envolvendo crianças); enquanto que a maior parte das vítimas é feminina (74,2% das crianças e 92,4% das adolescentes).

A violência pode ocorrer em um ambiente intrafamiliar, isto é, cometida por pessoas que possuem algum tipo de parentesco com a vítima (consanguíneo ou não), ou extrafamiliar, por pessoas sem qualquer tipo de parentesco (FLORENTINO, 2015). Dados referentes ao ambiente indicam que grande parte das ocorrências se dá na residência das vítimas (69,2% envolvendo crianças e 58,2% envolvendo adolescentes). Em 37% dos casos envolve

crianças e o agressor possuía vínculo familiar; em 38,4% dos casos envolvendo adolescentes o agressor possuía vínculo familiar (familiares ou parceiros íntimos destes) (BRASIL, 2018).

Entre 2011 e 2017, verificou-se um aumento de 83% nas notificações gerais de violência sexual infanto-juvenil (BRASIL, 2018), o que torna relevante apontar que o aumento de notificações não necessariamente significa um aumento do número de ocorrências. Observa-se uma “explosão discursiva” em torno do tema, que estimula o abandono à omissão, à conivência e ao tabu do silêncio em relação à violência sexual. Faz-se necessária a reflexão: estamos diante de um aumento de casos ou diante de um aumento de denúncias? O crescimento das notificações pode estar relacionado a propostas como a Campanha de Prevenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, o Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes Educativa, e a implantação do portal “Disque 100”, cuja finalidade é acolher denúncias de violência cometida contra crianças e adolescentes. (LOWENKRON, 2015; BRASIL, 2018)

Apesar do elevado número de eventos registrados, estima-se que ainda haja subnotificação, tendo em vista que o processo de implementação do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), desenvolvido pelo próprio ministério da saúde brasileiro, não ocorreu de modo homogêneo em todo o país (BRASIL, 2018).

Dentre as razões para a perpetuação da violência e presente subnotificação, destaca-se: o não reconhecimento do abuso por parte do menor e demais envolvidos, a dificuldade de comunicação oral inerente a essa fase do desenvolvimento, a vulnerabilidade social e a desvalorização do discurso da criança (LIBÓRIO; CASTRO, 2010; SPAZIANI; MAIA, 2015).

Furniss (1993) aponta que as consequências do abuso sexual podem variar de acordo com algumas condições referentes ao(s) evento(s) abusivo(s) tais como: a idade da criança; a duração e quantidade de vezes em que ocorreu o abuso, o grau de violência utilizado no momento da situação, a diferença de idade entre a pessoa que cometeu e a que sofreu o abuso e se existe algum tipo de vínculo afetivo entre o abusador e a vítima. Outros marcadores sociais também influenciam na vulnerabilidade na infância: gênero e classe social, por exemplo. O desafio posto na atualidade é criar condições para a materialização de ações que assegurem a proteção integral da infância e da juventude e a responsabilização dos indivíduos que praticam e/ou contribuem para a perpetuação da violência sexual.

Esse movimento requer uma abordagem interdisciplinar, além do envolvimento ativo do Estado, da sociedade civil e, sobretudo, do segmento social a quem ela se destina nos espaços de discussão e deliberação (VIEIRA, 2015). Por parte da Psicologia, observa-se um grande potencial de resposta à necessidade de alternativas de prevenção e proteção. Na área da Educação Sexual, especificamente, destaca-se a relevância de práticas educativas, voltadas para diferentes grupos e faixas etárias, na identificação e confronto com aspectos históricos, sociais e culturais que cronificam o acometimento da violência, além do desenvolvimento de noções acerca de consentimento e denúncia, por exemplo.

Tendo sido localizado e delimitado o referencial teórico da presente discussão, pretende-se salientar aspectos da vivência de vítimas do abuso sexual infantil, além de contribuir para propostas de Educação Sexual. Para tal, foi selecionado um filme, com o intuito de proporcionar uma base para as reflexões apresentadas.

## Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Titulo Original	Mysterious Skin
Nome Traduzido	Mistérios da Carne
Gênero	Drama
Ano	2004
Local de lançamento e Idioma original	EUA e Holanda/ Inglês
Duração	1h05min
Direção	Gregg Araki

Para basear a presente discussão, a obra cinematográfica selecionada é intitulada *Mysterious Skin* (2004), ou, em português, *Mistérios da Carne*. Trata-se de uma ficção dirigida por Gregg Araki, diretor nipo-americano fortemente envolvido com o movimento cinematográfico “New Queer Cinema”, que trabalha frequentemente com filmes de temática, personagens e público LGBTQ+. O filme conta a história de Brian Lackey (Brady Corbet) e Neil McCormick (Joseph Gordon-Levitt), dois adolescentes que vivem no interior do Kansas, Estados Unidos, e se conheceram (quando crianças) através da liga infantil de baseball da cidade.

A *tagline* do longa anuncia: “Two boys. One can't remember. The other can't forget”. Os dois personagens, apesar de apresentarem vivências distintas, compartilham dolorosas vivências comuns de abuso sexual na infância: ambos aos oito anos de idade foram molestados pelo treinador da liga de baseball, entretanto, a maneira com que os jovens lidam com o abuso diverge.

O filme procede em avançar no tempo até o final da adolescência dos garotos, evidenciando reflexos da experiência no desenvolvimento de cada um deles. Brian sofre uma amnésia traumática, passa a ter desmaios e

sangramentos nasais que o seguem até a adolescência. Neste percurso, o garoto passa a atribuir os apagões a uma suposta abdução alienígena e não consegue se recordar da noite em que o abuso ocorreu. Já Neil passa a demonstrar alguns indícios de personalidade sociopata. Manipulador, frequentemente aproveita-se de seus colegas e de sua mãe, não demonstrando quaisquer interesses em desenvolver laços afetivos ou de confiança. Dez anos após o evento traumático, Brian, obcecado em descobrir as causas de suas perturbações resolve encontrar Neil, confirmando que ambos foram vítimas do mesmo abusador.

A contaminação por infecções sexualmente transmissíveis (IST) , assim como a homossexualidade surgem como temáticas “satélites” do filme, cujo foco central pode ser entendido como a pedofilia e a violência sexual, associando de maneira sutil essa violência a manifestações da homossexualidade, de IST e de promiscuidade.

Devido à presença de cenas implícitas e explícitas de violência, trata-se de um conteúdo que pode ser sensível a alguns públicos, sendo classificado no Brasil como “não indicado para públicos menores que 18 anos”.

### **Análise Crítica**

Mistérios da Carne difere de outros filmes americanos que também abordam a temática da pedofilia e do abuso sexual, a exemplo de “Sleepers” e “Sobre Meninos e Lobos” quanto a sua narrativa. Enquanto esses últimos abordam a polêmica temática pelo viés específico de sequelas características, a obra de Araki mostra diferentes desdobramentos de um abuso de igual gravidade, por exemplo, do garoto que mantém sua personalidade pacata e pacífica e a vítima que compreende seu abusador como modelo de “amor verdadeiro”. É comum que as tramas

apresentem o agressor como um sujeito visivelmente alterado, que pratica o crime de forma brutal, enquanto a vítima é subjugada, sexualizada contra a sua vontade e “necessariamente” torna-se assustada, reprimida ou violenta na vida adulta. Já em “Mistérios da carne”, a temática é abordada de forma mais branda, sem caracterizar a ocorrência do abuso como algo violento. A escolha de Araki por essa retratação relaciona-se diretamente ao modo como o abuso foi vivenciado por Neil, personagem principal, que inicialmente não se reconhece como vítima e o treinador como um agressor.

A trama apresenta um agressor com padrões comportamentais socialmente aceitáveis, e cujas estratégias de aproximação das crianças, possivelmente de difícil identificação, são utilizadas em grande escala em atividades de abuso, conforme já indicado pelos levantamentos do MdS (2011) e DSM-V (2013). A vítima apaixonada pelo algoz também não é algo que o espectador espera corriqueiramente, levando ao questionamento sobre o fato da vítima entender afeto e violência como equivalentes e por isso “apaixona-se” pelo agressor.

Neil, após entrar no time de baseball e começar a frequentar a casa do treinador, passa a ser molestado com certa frequência, diferentemente de Brian que foi abusado em uma única situação. Brian, apesar de não se recordar da noite em que sofreu o abuso, sofre diversas consequências: episódios de enurese noturna, desmaios repentinos, fobias específicas, hemorragia nasal, dentre outras respostas fisiológicas relativas à ansiedade.

De forma cautelosa e lúdica, o treinador envolveu Neil em um universo de fantasia, com brincadeiras e jogos. E, muitas vezes, recompensava-o com dinheiro, doces e guloseimas. Mediante a forma “afetuosa” com que o treinador lhe tratava, dizendo-lhe que era especial e “diferente dos outros meninos”, o garoto passa a ver no

treinador uma fonte de “amor”. Em termos de suporte familiar, Neil convivia com sua mãe, que se dedicava a longas jornadas de trabalho para sustentá-los, de forma que o menino era acolhido na casa de seu treinador nas ausências dela. Apesar de no início do filme, o espectador se deparar com a imagem estereotipada da mãe negligente e promíscua, ao desenrolar da trama a Sra. McCormick revela-se como uma mãe afetuosa e acolhedora, buscando constantemente ser um ponto de apoio para o filho.

O filme sugere que Neil desde muito cedo teve acesso à pornografia, tanto através de revistas e filmes, como em situações em que assistiu sua mãe tendo relações sexuais com parceiros. É nesse contexto que o sexo surge na vida de Neil. O filme demonstra comportamentos altamente sexualizados de Neil ainda na infância, através de conversas com sua melhor amiga Wendy, que mostra-se assustada seus comentários, e através de uma cena que se passa no Halloween (aparentemente aos 9 anos de idade). Neil e Wendy levam um garoto mais novo para um lugar ermo, amarram-no e acendem fogos de artifício em sua boca. Apavorada, Wendy diz a Neil que o garoto contaria o que haviam feito e Neil responde *“Existem coisas que podemos fazer para ele ficar do nosso lado. Você tem que ficar parado, vou te mostrar algo bem legal. Quando eu era menor, um homem costumava fazer isso comigo e você realmente vai gostar.”* Em seguida, praticou sexo oral no menino, deixando sua amiga horrorizada com a situação. O filme sugere que os primeiros contatos de Neil com sua sexualidade ocorreram através das situações relatadas: acesso à pornografia, presenciou relações sexuais e através da sua vivência de abuso, e não pelo diálogo cuidadoso e elucidativo que deveria haver na família ou outras instituições responsáveis. Essa lacuna se alarga quando se busca ponderar a forma como Neil interpreta as agressões que sofrera ao longo da vida.

Ao longo de sua adolescência, Neil se mostra arredio, se prostituindo e alegando um vazio que, segundo ele, nunca será preenchido da mesma forma como seu treinador o fez. É inegável que aspectos da sexualidade (baixa ou ausência de interesse em explorar aspectos afetivos e/ou sexuais) de Brian e Neil condizem com as corriqueiras formas de representação cinematográfica de vítimas de pedofilia, mas o que nos interessa são esses detalhes da abordagem que misturam e confundem a violência com o afeto.

Ao longo do filme, Brian segue as “pistas” que cruzam seu passado com o de Neil, que por sua vez segue um caminho em que se envolve sexualmente com homens sob circunstâncias de risco, até sofrer um novo ato de violência. No fim, os protagonistas se reencontram e relembram dolorosamente tudo que aconteceu. Neste momento, Neil apresenta uma postura de quem compreende que o que sofreu na infância foi também um ato violento que o marcou física e emocionalmente.

Frequentemente, em casos de violência sexual, a relação entre o agressor e a vítima é fortemente caracterizada por uma relação de poder. O poder pode ser expresso de diversas maneiras: através da força física, ameaças, sedução. São vários os motivos que podem levar uma vítima a ceder ao pacto de silêncio exigido por seu agressor, que ocupa uma posição de autoridade na relação. Seguindo um *modus operandi* de ações, o agressor utiliza-se da relação de confiança que tem com a criança ou adolescente e/ou com sua família para poder se aproximar cada vez mais, naturalizando sua presença e sua afetuosidade. Logo na primeira cena em que Neil é molestado, o treinador diz coisas como “Quando eu gosto muito mesmo de alguém, tenho um modo de mostrar o que sinto”, “Não há nada de errado em beijar alguém assim.



*Jamais deixe alguém te dizer que é errado”. “Você gostou, é normal ter gostado”.*

Em um primeiro momento, essa aproximação é recebida com satisfação pela criança, que se sente privilegiada e especial por receber a atenção e a preferência do adulto em questão. É nesse contexto em que a criança sente-se protegida na presença do agressor que o abuso costuma acontecer (AMAZARRAY; KOLLER, 1998; SPAZIANI; MAIA, 2015)

Esse contexto é fomentado pelo imaginário social de um abusador enquanto alguém que se utiliza de medo e força para agredir. Essa imagem destoa da realidade uma vez que, os abusadores também usam de métodos de “sedução” para possibilitar uma aproximação. Oferecendo bens materiais e disponibilizando-se afetivamente, por exemplo, o agressor encobre as intenções finais do contato com a vítima e segue amparado pelo ambiente social - a depender dos privilégios que esse detém. A vítima, inserida na mesma lógica, dificilmente percebe-se como vítima ou percebe a violência sofrida como tal.

É imprescindível tomar esses fatores em consideração para evitar uma “história única” para crianças que foram abusadas. Não é possível generalizar os efeitos da violência sexual para todas as crianças, pois a severidade e quantidade de consequências estão sujeitas à singularidade da experiência de cada uma.

Neste sentido, indicam-se indicadores de vitimação sexual em um dado espaço e tempo. De modo geral, os efeitos de um abuso sexual podem ser compreendidos como físicos, emocionais, sexuais e sociais. Observa-se que as crianças e adolescentes, em decorrência de condições de violência sexual, podem apresentar, por exemplo: dificuldades em estabelecer relações interpessoais, perda de interesse pelos estudos e pelas brincadeiras, ideação

suicida e/ou homicida e automutilação (AMAZARRAY; KOLLER, 1998). O fato é que

a maioria dos pesquisadores concorda que o abuso sexual infantil é facilitador para o aparecimento de psicopatologias graves, prejudicando a evolução psicológica, afetiva e social da vítima. Os efeitos do abuso na infância podem se manifestar de várias maneiras, em qualquer idade da vida (ROMARO; CAPITÃO, 2007, p. 151).

Evidências ainda expressam significativa associação entre abuso sexual e transtornos mentais, tais como: transtornos de humor, depressão, transtorno de estresse pós-traumático, distúrbios alimentares, dependência química e transtornos psicosssexuais. Além disso, são citados sintomas psicóticos, quadros fóbico-ansiosos, distúrbios do sono e atividades masturbatórias compulsivas entre algumas das possíveis consequências. Quanto à esfera social, surgem dificuldades em se relacionar e confiar em outras pessoas, comportamento sexual inadequado, brincadeiras de cunho sexual, introdução de objetos nos orifícios corporais, comportamento sedutor, pedido de estimulação sexual para adultos ou outras crianças, etc. Em alguns casos, é possível observar que vítimas de abuso sexual podem inclinar-se à ninfomania e recorrer à prostituição (FLORENTINO, 2015). Algumas das consequências citadas como a depressão, o isolamento social, sintomas dissociativos, dependência química, comportamento sexual inadequado e prostituição podem ser observadas nos comportamentos de Brian e Neil, personagens principais do filme “Mistérios da Carne”.

Apesar da crescente visibilidade obtida pela discussão do abuso sexual infanto-juvenil, ainda há um longo trajeto a ser percorrido quando nos referimos à elaboração de

estratégias de enfrentamento. A educação sexual pode ser compreendida como um processo de intervenção pedagógica, cujos principais objetivos são transmitir informações e levantar questões relacionadas à sexualidade. Estudá-la, implica trazer à tona relações de opressão embutidas na organização da sociedade como "normais e naturais", nas quais vem a se apoiar (HAZEU, 2004).

Em concordância com a proposta de Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade<sup>1</sup>, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Cultura e Esporte (UNESCO, 2018), defende-se uma “educação sexual compreensiva”, que abarque os aspectos cognitivos, físicos, emocionais e sociais da sexualidade. Nessa perspectiva, compreendemos a educação sexual como uma ferramenta crucial para a discussão de temáticas científicas como a fisiologia e anatomia sexual e reprodutiva, mas também de outras esferas da sexualidade como igualdade e identidade de gênero e orientação sexual. Nessa vertente social, deve-se trabalhar as informações e também a capacitação sobre a questão da violência sexual e de sua prevenção.

A educação sexual mostra-se como uma ferramenta fundamental de combate e prevenção à violência sexual, sendo imprescindível a conscientização e a capacitação de famílias e de educadores (as). Conforme comentado, são vários os motivos que podem levar uma criança a ceder ao pacto de silêncio exigido por seu agressor. Alguns deles podem ser o medo de que sua família não acredite em sua denúncia, medo do efeito que o relato pode causar na família (em especial, quando o abuso ocorre de forma intrafamiliar), medo de punição, sentimentos de culpa ou vergonha, e em alguns casos, lealdade ao agressor (BRINO; WILLIAMS, 2008).

---

<sup>1</sup> [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/un\\_urges\\_comprehensive\\_approach\\_to\\_sexuality\\_education/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/un_urges_comprehensive_approach_to_sexuality_education/)

Além disso, considerando que a maioria dos casos de abuso sexual ocorre em contexto intrafamiliar, frequentemente a criança vítima enfrenta dificuldades em denunciar a ocorrência do abuso para os membros de sua família. Dessa forma, é importante que a vítima possua pontos de apoio além do familiar, tendo pessoas a quem possa solicitar ajuda ou suporte.

Refletindo sobre possibilidades de programas de educação sexual voltados para a prevenção do abuso sexual, o cinema mostra-se um excelente recurso para discussão e visualização dessa temática. Filmes, como “Mistérios da Carne” pode ser exibido e acompanhado de debates, visando tratar as questões emergentes de modo mais direcionado. Partindo de um ponto de vista da Psicologia, a contextualização da temática do filme é pertinente ao provocar a reflexão, sensibilização e alertar os espectadores em relação aos contextos em que ocorrem abusos sexuais, além de retratar o sofrimento vivenciado pelas vítimas. Além disso, como um meio educativo, pode-se recorrer a diversas cenas para evidenciar lacunas e reforçar a importância de preenchê-las, seja por meio do ensino de limites do toque e formas de denunciar o abuso, como através do debate e investigação de práticas culturais.

### **Considerações Finais**

É imprescindível dialogar com os adultos, com as crianças e adolescentes sobre o fenômeno da violência sexual, sua prevenção, identificação e denúncia. Ensinar a uma criança sobre os limites do toque em seu corpo, sobre ter em quem confiar, sobre não ter medo de contar caso algo lhe aconteça, ou ter ciência das possibilidades de diálogo que poderiam substituir o frequente silêncio em relação ao acesso a materiais pornográficos e o que se internaliza a partir desses conteúdos, são pequenas modificações em práticas culturais que podem

vir a se tornar peças-chave para mudanças maiores. A apresentação do filme é adequada à medida que provoca diversas discussões pertinentes, embora deva ser levado em conta o preparo do adulto que irá mediar tais discussões.

A narrativa sensibiliza para as ocorrências do abuso sexual na infância, a dificuldade das crianças perceberem a violência e as consequências na juventude e vida adulta. Vale ressaltar, entretanto, que os assuntos periféricos ao abuso, tais como a homossexualidade, a prostituição, as IST e uma suposta relação causal entre eles e a ocorrência do abuso sexual merece mais atenção, pois não deve ser compreendido como algo linear e generalizável de modo a evitar o reforço de crenças equivocadas e preconceituosas. Por fim, a elaboração do presente capítulo proporcionou a oportunidade de refletir sobre temáticas menos abordadas quando o assunto é sexualidade, em especial, sobre a pedofilia. Essa temática está profundamente enraizada em tabus e buscamos através dos nossos estudos defini-la de maneira mais adequada, traçando uma diferenciação entre a pedofilia enquanto uma patologia e o abuso infantil, que constitui no Brasil, um crime sexual. A análise do filme possibilitou ilustrar conteúdos abordados pelo estudo da sexualidade humana, bem como aproximamos de apontamentos sobre a necessidade de uma Educação Sexual que possa prevenir e evitar a violência sexual infantil.

## Referências

AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 11, núm. 3, 1998, p. o Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Campanha de Prevenção à Violência Sexual contra**

**Crianças e Adolescentes – Cartilha Educativa.** Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde.** Brasília. 2010. p. 132

BRASIL. Ministério da Saúde. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. **Boletim Epidemiológico.** n. 27. v 49, 2018.

DSM-IV. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (1994). Recuperado em 23 de outubro de 2018 de [http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm\\_janela.php?cod=146](http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm_janela.php?cod=146).

DSM-V. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (2013). Recuperado em 06 de agosto de 2019 de <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>.

FARIA BRINO, R.; ALBUQUERQUE WILLIAMS, L. C. Professores Como Agentes de Prevenção do Abuso Sexual Infantil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, no. 2, p. 209-229, 2008.

FLORENTINO, B. R. B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 139-144, 2015.

FURNISS, T. **Abuso Sexual da Criança:** uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HAZEU, M. **Direitos sexuais da criança e adolescente:** uma visão interdisciplinar para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. Movimento República de Emaús, Belém: Sagrada família, 2004.

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M. Abuso, exploração sexual e pedofilia: as intrincadas relações entre os conceitos e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. In M. A. Ungaretti (Org.). **Crianças e**

**adolescentes:** direitos, sexualidades e reprodução. São Paulo: ABMP. p. 19-42.

LOWENKRON, L. Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas? **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana, n. 5, pp. 9-29, 2010.

LOWENKRON, L. **O Monstro Contemporâneo: A Construção Social da Pedofilia em Múltiplos Planos.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

MACHADO, T. F. A. **Criança vítima de pedofilia: fatores de risco e danos sofridos.** Dissertação (Mestrado em Direito Penal). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: doi:10.11606/D.2.2013.tde-13022014-111701. Acesso em: 2019-07-10.

RODRIGUES, W. T. S. **A pedofilia como tipo específico na legislação penal brasileira.** Portal Âmbito Jurídico. 2008. Disponível em: <[http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=5071/](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5071/)> Acesso em: 23 de outubro de 2018.

ROMARO, R. A.; CAPITÃO, C. G. **As faces da violência:** aproximações, pesquisas, reflexões. São Paulo: Vetor, 2007.

SPAZIANI, R.B.; MAIA, A.C.B. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. **Rev. Psicopedagogia**, vol. 32, n. 97, p. 61-71, 2015.

UNESCO. **ONU incentiva abordagens de educação em sexualidade.** 2018. Extraído de: <[http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/un\\_urgences\\_comprehensive\\_approach\\_to\\_sexuality\\_education/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/un_urgences_comprehensive_approach_to_sexuality_education/)>. Acesso em: 15/07/2019.

VIEIRA M. S. A interface entre a violência sexual contra crianças e adolescentes e a violência de gênero: notas críticas acerca do cenário do município de Porto Alegre. **Marg Interdiscipl.**, vol. 9, n.12., 2015, p. 254-69.

## Capítulo 8

# SUPER DRAGS: DISCUSSÕES SOBRE ESTEREÓTIPOS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES

Raphael dos Santos Teixeira  
José Felipe Vaz de Assis

### Introdução

As animações são um produto cultural em crescente desenvolvimento no Brasil. A comprovação de tal afirmação se dá pelo fato de o valor do mercado consumidor dessa produção ter movimentado em 2016 a cifra de R\$ 4,9 bilhões (NYKO; ZENDRON, 2019). Compreendidos como produtos midiáticos, as produções audiovisuais fazem parte da cultura e a partir da definição de Geertz (1989, p.15), “o homem está amarrado por teias que ele mesmo teceu, sendo que essas teias seriam a cultura; enquanto a análise delas, uma ciência que busca significados”, é através da representação presente nas animações que o significado é produzido.

Enquanto obra, uma animação concretiza-se como um produto audiovisual em que desenhos são modificados digital e/ou graficamente com a finalidade de narrar histórias. Segundo Nyko e Zendron,

As animações estão presentes nos mais diferentes produtos e serviços. Podem ser encontradas em filmes e séries totalmente animados voltados para o público infantil, por exemplo, mas também se incluem em outros filmes e séries



para os públicos juvenil e adulto, como parte de efeitos visuais nos mais diversos produtos audiovisuais, em peças publicitárias, em jogos digitais, em conteúdo educacional multimídia e em usos corporativos (2019, p.11)

A representação é relevante para a compreensão do objeto que será analisado neste capítulo, uma vez que

nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as *representamos* - as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim os valores que nela embutimos (HALL, 2016, p. 21 - itálico do original).

Desse modo, é possível compreender que a cultura perpassa pelas práticas representacionais, visto que “o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio *simbólico* no centro da vida em sociedade” (HALL, 2016, p.21) e, sobretudo, é o lugar onde os significados são criados. Como produto cultural, uma animação torna-se um meio de expressão de sentido, visto que “os consumimos, dele fazemos uso ou nos apropriamos; isto é, quando nós os integramos [os objetos culturais] de diferentes maneiras das práticas e rituais cotidianos, e assim, investimos tais objetos de valor e significado” (HALL, 2016, p.22).

Um artifício empregado para representar é a utilização de estereótipos. Mais do que isso, Gilman (1985, p.16) aponta que “todo mundo cria estereótipos. Não funcionamos no mundo sem eles”. O autor caracteriza o estereótipo enquanto:

conjunto bruto de representações mentais do mundo. Eles são palimpsestos<sup>1</sup> nos quais as representações bipolares iniciais ainda estão vagamente legíveis. Perpetuam o sentimento necessário de diferença entre o “eu” (*self*) e o “objeto”, que se torna o “Outro” (GILMAN, 1985, p.17).

Ora, se a estereotipagem é um processo utilizado para representar, é através dela que as representações acontecem, uma vez que o estereótipo não só contribui para difusão de representações de maneira objetiva, mas também é por meio dele que as diferenças postuladas entre o “eu” e o “Outro” ficam evidentes. Desse modo, os produtos culturais como séries, filmes e animações, se tornam responsáveis pela representação das identidades e das diferenças retratadas em suas narrativas, por meio dessa relação de alteridade, visto que “a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas” (SILVA, 2000, p. 80).

O estereótipo concretiza-se ao utilizar de: “características ‘simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas’ sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados” (HALL, p. 191, 2016), além de demarcar um espaço sobre o diferente daquilo que é norma, em um processo excludente.

Em processos de representação, o ato de imputar uma identidade a uma pessoa ou um grupo traz consigo marcas de poder. Segundo Silva, “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações

---

<sup>1</sup> A palavra “palimpsestos” é utilizada como analogia neste contexto. Trata-se palimpsesto de um “pergaminho que teve sua escrita raspada para ser reaproveitado outras vezes”, de acordo com o Dicionário Michaelis online.. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=palimpsesto>. Acesso 19 jul. 2019.

mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (2000, p.80).

Dentro dessa concepção, “a questão da ‘diferença’ e da ‘alteridade’ passou a desempenhar um papel cada vez mais significativo. (...) a ‘diferença’ é *ambivalente*”. Isto é, mesmo responsável por produzir significados, a diferença também é um espaço de “sentimentos negativos, de divisões, de hostilidade e agressão dirigidas ao ‘Outro’”. (HALL, 2016, p.160).

E, como dito anteriormente, a atribuição de identidades ao “Outro” evidencia posições de poder em que a busca pelo resultado final é a fixação de uma identidade tida como norma. A partir das colocações de Silva,

Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (SILVA, 2000, p.82).

Portanto, em uma sociedade heteronormativa <sup>2</sup>, identidades não heterossexuais, por exemplo, são vistas

---

<sup>2</sup> De acordo com Calegari (2006), “por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da

como fora da norma, e, muitas vezes, estão carregadas de significados negativos que lhes são atribuídas. A compreensão de tais identidades torna-se ainda mais complexa quando partimos da concepção da identidade não fixa, mas sim maleável e em constante transformação, ou seja, a identidade “se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente” (CUCHE, 1999, p.198).

A identidade não é fixa, mas existe o processo de busca da fixação de identidades de modo a normatizar isto e estigmatizar aquilo; “dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados”. (SILVA, 2000, p.81).

Aproximando nossas constatações teóricas da identidade drag queen<sup>3</sup>, objeto que permeia a análise aqui realizada, pontua-se que não buscamos definir ou limitar o que é ser drag queen através de conceitos teóricos, mas de apontar algumas características que são relevantes na constituição de suas vivências. As drag queens dialogam de modo direto com todos os conceitos e apontamentos já realizados, pois em muitos casos (como veremos adiante) sua representação é permeada de estereótipos, além do estigma que é imputado, por estarem fora do padrão da norma heterossexual, e sobretudo, por transitar entre o masculino e feminino. Além, é claro de contraporem “à

---

sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais”.

<sup>3</sup> Propõe-se neste texto a utilização do termo drag queen sem aspas ou destaque em itálico uma vez que, mesmo a nomenclatura tendo sua origem na língua inglesa, a arte drag já é difundida no Brasil há mais de três décadas e busca-se com essa postura contribuir para o abasileiramento do termo.

ideia da identidade como algo fixo”. (CHIDIAC, OLTRAMARI, 2004, p.472).

De modo geral, drag queens “são feitas de maquiagem, texto, modos de ser/estar no meio do público, de performances, de dublagens, de fantasias, de desejos... e o todo é sempre mais do que a soma das partes (...)” (VENCATO, 2002, p.3). As drag queens superam uma das mais estruturantes oposições binárias que constituem a vida social: o masculino e o feminino, tal que “é um pouco a confusão entre signos masculinos e femininos que faz com que a drag chame a atenção e, por vezes, divirta” (VENCATO, 2002, p. 12,). Esse fator, agrupado com a composição cômica e lúdica de suas performances, faz com que as drags sejam importantes atores de questionamentos identitários. “A performance dinamiza o rito e é um evento que se realiza com atores sociais que tentam persuadir as pessoas. Assim, os atores performáticos têm o potencial, por intermédio deles mesmos, de subverter e transformar o *status quo*” (CHIDIAC, OLTRAMARI, 2004, p.473).

Dentro da constituição do ser drag, além do vocabulário próprio,

A drag possui características físicas e psicológicas, além de posturas e atitudes que lhe são próprias, que se distinguem do sujeito. Elas, as drags, possuem um nome próprio que as identificam, geralmente um nome que causa bastante impacto, constituindo um nome, assim como um corpo, feminino e caricato. (CHIDIAC, OLTRAMARI, 2004, p. 474).

Dada a ambivalência da diferença, entre a criação de significados e a zona de hostilidade, procuramos analisar de que forma foram constituídos os estereótipos na representação das drag queens da animação brasileira *Super Drags*, perpassando também pela concepção de

identidade e sob uma perspectiva que leva em conta as normatizações presentes na sociedade; sendo esses conceitos já apresentados aqui. Desse modo, buscamos identificar como um “Outro” que foge da norma e subverte a binaridade masculino e feminino em uma identidade móvel, estando em constante transformação é representado em uma animação voltada para adultos.

### Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série/Animação
Título Original	Super Drags
Nome Traduzido	Super Drags
Gênero	Comédia
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	Brasil / Português
Duração	23min (episódio)
Direção	Anderson Mahanski

### Super Drags – “Hora do Lypsync”

Liberada para exibição no final de 2018, a série *Super Drags*<sup>4</sup> - uma produção da Combo Estúdio e da rede de streaming *Netflix* - gerou repercussão<sup>5</sup> nas redes sociais após a veiculação de seu trailer oficial pela *Netflix*. Mesmo com uma maioria considerável indicando um

---

<sup>4</sup> A série foi liberada pela *Netflix* em 9 de novembro de 2018 e tem direção de Anderson Mahanski e produção de Marcelo Pereira.

<sup>5</sup> Este trailer foi divulgado em 19 de outubro de 2018; no momento da produção deste texto, o vídeo com o trailer da série continha mais de 38 mil reações na rede social *Facebook*. Destas, mais de 20 mil eram “amei”, isto é, inferidas como positivas, enquanto apenas 519 eram reações de “raiva”, ou seja, inferidas como negativas.

posicionamento positivo, também é possível observar reações negativas sobre o novo seriado.

A animação conta a história de três amigos, Patrick, Donizete e Ralph, que trabalham em uma loja de departamentos, mas que levam uma vida secreta, uma vez que podem se transformar em três super-heroínas, Lemon Chiffon, Scarlet Carmesim e Safira Cyan, respectivamente, e conhecidas como as *Super Drags*. A tarefa das super-heroínas é ajudar os LGBT's (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis) quando solicitadas. A produção brasileira conta com nomes famosos como a cantora e drag queen Pablo Vittar e a atriz e drag queen Silvetty Montilla na dublagem de personagens da série.



Foto 1: As *Super Drags* - Lemon, Scarlet e Safira, quando caracterizadas como drag queens. Fonte: Netflix

A repercussão positiva da série também veio acompanhada de polêmicas que podem ter influenciado na decisão da rede de *streaming* em cancelá-la depois da veiculação de apenas uma temporada.

O primeiro ponto a se destacar foram as chamadas *fake news*<sup>6</sup>, ou notícias falsas, divulgadas nas redes sociais por grupos religiosos e alas conservadoras da sociedade. As *fake news* diziam que a série incentiva a homossexualidade nas crianças<sup>7</sup>. Contudo, a própria Netflix, desde a exibição do primeiro trailer da animação, aponta a classificação indicativa de 16 anos, isto é, assim como outros desenhos classificados como “besteirol”<sup>8</sup> pela rede, *Super Drags* é uma produção voltada para adultos. A difusão de tais *fake news* - dizendo que o desenho estaria disponível para crianças - foi grande a ponto de influenciar, mesmo sob premissas incorretas, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) a divulgar nota<sup>9</sup> pedindo o cancelamento da série.

O segundo ponto é a acusação de que a animação é um plágio de outra produção brasileira de 2010, chamada *Drag Dragons*, do ilustrador Wil Vasque, que entrou com um processo contra a Netflix<sup>10</sup> alegando que *Super Drags* era uma cópia de sua animação.

A série *Super Drags* é um relevante produto cultural a ser analisado, posto que traz o protagonismo para as drag

---

<sup>6</sup> De acordo com Allcott e Gentzkow (2017, p.4) as *fake news* são caracterizadas como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores” (apud DELMAZO; VALENTE, 2018).

<sup>7</sup> Como exposto no texto jornalístico produzido pelo jornal “O Estado de S. Paulo”. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,animacao-super-drags-incentiva-a-homossexualidade-em-criancas,70002407556>. Acesso em 18 jul. 2019.

<sup>8</sup> Gênero de humor caracterizado pela comédia escrachada e crítica.

<sup>9</sup> Tal ponto foi detalhado em outro texto jornalístico produzido também pelo jornal “O Estado de S. Paulo”. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,ilustrador-acusa-netflix-de-plagio-na-animacao-super-drags,70002655827>. Acesso em 17 jul. 2019.

<sup>10</sup> O detalhamento da acusação de plágio pode ser encontrado também no link presente na nota anterior.



queens que, assim como outros LGBTs, sofrem estigmas e preconceitos por parte de setores da sociedade.

Para fins de análise, foi escolhido o primeiro episódio da série, intitulado “Hora do *Lypsinc*”<sup>11</sup> que introduz as personagens e mostra como alguns estereótipos são construídos (com imagens compostas por sentidos negativos) e representações que contribuem para visibilidade da arte e da vida das drags.

## **Análise Crítica**

### ***Super Drags: representações e estereótipos***

O primeiro episódio da série, responsável por apresentar as personagens ao público, tem seu início marcado pela presença das figuras principais já caracterizadas como drag queens e super-heroínas. É possível notar a apropriação da figura do super-herói já presente dentro da sociedade, atribuindo-lhe, nesse caso, outro significado; isso ocorre porque são poucos e raros os casos de super-heroínas drag queens (como dito anteriormente, apenas uma outra série brasileira de animação coloca drag queens nessa posição) e até mesmo casos de super-heróis LGBTs. Destaca-se de que modo essa apropriação e apresentação é realizada no primeiro episódio através da seguinte fala:

*Pessoas na rua: - Ih, que que é aquilo ali? É mulher? É homem?*

*-Não! São as Super Drags*

*Super Drags: - Somos a Super Drags e viemos dar o close certo*

---

<sup>11</sup> *Lyp sinc*, palavra que pode ser traduzida como “sincronia labial”, é utilizada para referenciar o ato da dublagem de músicas realizada pelas drag queens durante suas performances.

Pontua-se a relevância social da representação de personagens que são deixados em segundo plano, seja nos produtos midiáticos ou no cotidiano. Como aponta Hall, “representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (2016, p.31); representação traz, por conseguinte, visibilidade. Tratando-se de personagens que não se encaixam na norma, a representação contribui para o entendimento e a compreensão, até certo ponto e não de forma utópica, de grupos potencialmente invisibilizados. Ainda mais quando levado em conta que a animação é brasileira e a trama se passa no Brasil, o país que mais mata LGBTs no mundo<sup>12</sup>.

Nas falas explanadas anteriormente, a representação da identidade drag enquanto fluída entre o masculino e o feminino também pode ser observada. Como apontam Chidiac e Oltramari,

Os sujeitos, quando montados de drag, unem, em um único corpo, características físicas e psicológicas de ambos os gêneros, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo, em um jogo de composição de gêneros que questiona a rigidez do conceito de identidade. (2004, p. 472).

No que diz respeito à questão identitária, a fala viabiliza, de certo modo, a discussão da forma como as identidades drags são constituídas. Elas não são homens, não são mulheres, são as *Super Drags*; isto é, a identidade das personagens é constituída com certa mobilidade; essa concepção não se resume apenas as drags – foco desta

---

<sup>12</sup> De acordo com dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2018, 420 LGBTs foram mortos. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>. Acesso em 19 jul. 2019.

discussão – mas também engloba a concepção da identidade de modo geral, tornando-se “uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2000, p.13).

Entre representações que contribuem para visibilidade e atribuição de novos significados, é possível identificar no episódio analisado, as representações que contribuem para divulgação de ideias e conceitos estereotipados ou sem embasamento que têm como consequência a reafirmação de conceitos do imaginário social. Em outra cena ainda no começo do episódio, onde as heroínas ajudam um grupo de LGBTs que está dentro de um ônibus, vítimas de um sequestro, nota-se a atribuição da homofobia enquanto desejo sexual reprimido.

*Sequestrador: - Eu odeio os gays, vou me matar e levar todos juntos*

*Scarlet: - Duvido essa maricona incubada ter coragem*

Contudo, é necessário pontuar que atribuir à homofobia responsabilidade única e exclusiva ao sujeito inviabiliza a discussão do tratamento dessa questão enquanto problema social e estrutural, e dificulta a proposição de políticas públicas que visem a criminalização da homofobia, por exemplo.

Em uma cena seguinte é notável a utilização de outros estereótipos. Conforme Hall “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (2016, p. 191). Depois de salvar os passageiros do ônibus que está submerso na água, Lemon (drag queen de Patrick) busca salvar o sequestrador. Ao soltar o cinto de segurança do rapaz desacordado, os contornos do pênis do homem saltam na calça, e então, a drag toca no pênis do

sequestrador. Depois desta situação, ao levá-lo até um lugar seguro, Lemon deixa com que o homem fuja porque, segundo ela, ele era “bonitinho”.

A associação de situações de assédio com identidades não heterossexuais é evidenciada no episódio por meio desta cena, onde a drag queen abusa do sequestrador e não recorre à justiça, sem entregá-lo para a polícia por causa da sua aparência, reduzindo as ações da personagem a motivações sexuais.

Tal artifício de representação pode ser observado em outros momentos como, por exemplo, quando a ameaça que as super-heroínas têm de enfrentar é um monstro formado por pessoas LGBTQs; o monstro é caracterizado pela junção de pessoas nuas e simula um ato sexual com vários participantes. Novamente, destaca-se a naturalização e a estereotipagem de pessoas não-heterossexuais, relacionando-as com atos sexuais. Deve-se pontuar que esta relação entre pessoas LGBTQ e comportamentos sempre sexualizados só acontece, pois estas identidades estão carregadas como representação de estigmas.

O posicionamento mencionado no parágrafo anterior junto com a constante reprodução e associação com a imagem falocêntrica<sup>13</sup> presente em grande parte das cenas, reduz a arte drag para imagens sexualizadas, o que pode levar a esta assimilação das personagens pelo público.

Contudo, ser drag exige complexidade, seja na sua constituição enquanto sujeito, seja na relação com outros sujeitos ou instituições. Reduzi-las a imagens pura e simplesmente sexualizadas contribui para a construção de conceitos rasos e superficiais. Como aponta Vencato,

---

<sup>13</sup> Segundo dicionário Michaelis online diz respeito a processos sociais centrados no falo (pênis). Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=falocentrismo>. Acesso 19 jul. 2019.

as drags existem em performances que ultrapassam o planejado ou o construído através da maquiagem e trajes que portam. (...) Elas existem também em sua relação com o público e com os donos de bares, com a mídia e com as outras drags, em sua relação com as paisagens carnavalescas brasileiras. São também vendidas e expostas, não sem alguma assepsia, nos inúmeros filmes hollywoodianos que as trazem nem sempre representadas de forma “politicamente correta”. (2002, p.5)

O falocentrismo pode ser identificado em várias cenas e ilustrações, seja através da exaltação do pênis da personagem Scarlet (e de outros personagens) ou da composição das cenas com objetos como robôs, a máquina utilizada pela vilã para roubar “o *highlight* de todos os viados”<sup>14</sup>, e as nuvens do céu da cidade. A exaltação falocêntrica acaba por deixar em segundo plano questões estritamente relacionadas ao mundo drag, como performances, roupas, maquiagens, identidades e a própria caracterização das personagens.

Outro tema que tangencia as abordagens estereotipadas citadas até aqui envolve também a questão racial. Isso ocorre devido a um dos processos da estereotipagem como prática de produzir significados apontados por Hall (2016): a fetichização; o autor compreende o fetichismo como a redução de um indivíduo a um objeto e, de forma metonímica, o todo é substituído por uma parte.

A personagem Scarlet (única negra entre as personagens principais) enquanto não caracterizada de drag queen, tem seu pênis ressaltado em suas roupas. Isto é, a personagem é reduzida a seu órgão genital.

---

<sup>14</sup> Conforme fala da personagem Vedete Champagne, responsável por orientar as *Super Drags* em suas missões, a vilã rouba uma espécie de “energia vital” dos LGBTs.

Obviamente, a escolha da personagem para evidenciar esse traço não é inocente; o fetichismo racial é uma construção histórica, onde os negros, muitas vezes são reduzidos “a seu corpo e este, por sua vez, resumido a seus órgãos sexuais, que passaram a ser os significantes essenciais de seu lugar no esquema universal das coisas” (HALL, 2016, p.205).

Nesse primeiro episódio analisado, Scarlet é também a personagem que mais pronunciou palavrões dentre todos os outros personagens. Tais fatores evidenciam como se dá a construção de uma personagem LGBT negra na trama, isto é, de modo estereotipado e, muitas vezes, fetichizado.

Outro aspecto notável neste episódio diz respeito à imagem que constitui a população de membros LGBT's. De acordo com Junqueira “é preciso admitir que existe o risco de se falar quase que exclusivamente de gays quando se aborda os temas das homossexualidades e da homofobia” (2012, p.8). Este aspecto apontado pelo autor fica evidente em nossa análise por dois pontos, o primeiro deles diz respeito ao fato de que são três homens gays que protagonizam a animação.

Dessa forma, mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, travestis, transgêneros ou assexuais não são apresentadas como protagonistas da história deixando a construção dos heróis a partir da imagem de um protagonismo gay dentro de toda constituição da sigla LGBT.

O segundo ponto sobre tal aspecto diz respeito ao fato de que durante todo o primeiro episódio poucas são as personagens mulheres enquanto todos os outros personagens que são membros da cidade protegida pelas *Super Drags* são percebidos facilmente como homens gays. As duas personagens lésbicas que aparecem acabam ficando juntas ao final do episódio durante o ato sexual coletivo, reforçando a ideia da sexualização da identidade LGBT.

Assim, como pontuado por Junqueira e evidenciado pela análise do episódio da animação é comum recorrer a imagem do homem homossexual como protagonista de um movimento que é composto por mulheres, travestis, transexuais, bissexuais, assexuais e com diferentes orientações sexuais, identidades e expressões de gênero.

### **Considerações Finais**

Os exemplos aqui citados são alguns dentre todos os presentes nos episódios da animação evidenciando que a identidade de drag queens e pessoas LGBTQs na série foram construídas sob estereótipos. A estereotipagem reduz tais identidades e personagens a partir de pequenos elementos de traços e imagens e, a partir disso, exalta tais características com o intuito dar um tom cômico para a história.

Contudo, se faz necessário pontuar que uma animação como essa é consumida por muitas pessoas, seja em nível nacional ou internacional, pois mesmo que a produção seja brasileira, é possível acessá-la e visualizá-la em uma rede de streaming mundial, que produz e adapta produções como essa para diferentes países.

No seriado analisado, é possível identificar personagens construídas a partir de estereótipos como, por exemplo, a construção em que os personagens LGBTQs homens são feminilizados e as mulheres, masculinizadas. Da mesma forma, personagens heterossexuais, de maneira aberta ou não, acabam por demonstrar sua insatisfação e incômodo com os personagens LGBTQs.

A produção de uma animação como *Super Drags* baseada em estereótipos, pode servir de reforçador à manutenção de uma imagem reduzida e, muitas vezes, sexualizada de drag queens e de LGBTQs como um todo, dando a entender que não ser heterossexual implica em

adotar uma cultura identitária e vivencial como a demonstrada na animação.

Deve-se pontuar, porém, que a animação avança em adotar personagens gays e drag queens como super-heroínas, permitindo que elas sejam protagonistas de uma história que comumente é adotada e encenada por homens, brancos e, em sua grande maioria, heterossexuais. A apropriação da figura do super-herói, já amplamente difundida dentro do tecido social, para um seguimento frequentemente invisibilizado em produções midiáticas, como o das drag queens, é notável. Daí a importância desse debate no campo da Educação e da Psicologia.

## Referências

- CALEGARI, L. C. A Mulher No Cinema Brasileiro E A Tentativa De Afastamento Da Heteronormatividade: Uma Leitura De Dona Flor E Seus Dois Maridos. **Literatura e Autoritarismo: Cinema, Música e História**, Santa Maria, n. 7, 2006. Disponível em: <[http://coralx.ufsm.br/grpesqla/revista/numo7/art\\_01.php](http://coralx.ufsm.br/grpesqla/revista/numo7/art_01.php)>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- CHIDIAC, M. T. V.; OLTRAMARI, L. C. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 9, p.471-478, out. 2004.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DELMAZO, C.; VALENTE, J. C.I. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 32, n. 18, abr. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2183-54622018000100012](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012)>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.



- GILMAN, S. **Difference And Pathology**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1985.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Apicuri, 2016.
- JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.
- NYKO, D.; ZENDRON, P. O mercado consumidor de animação no Brasil. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p.7-27, mar. 2019.
- SILVA, T.T.da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-102.
- VENCATO, A.P. “**Fervendo com as drags**”: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2002.

## Capítulo 9

# DUMPLIN: REFLEXÕES SOBRE OS PADRÕES DE BELEZA, SEXUALIDADE E O CORPO GORDO NA ADOLESCÊNCIA

Tamires Giorgetti Costa

Marina Ramos Coiado

Daniel de Medeiros Gaiotto

### Introdução

As mudanças mais visíveis que caracterizam a passagem da infância para a adolescência são as alterações biológicas, que levam a capacidade reprodutiva do corpo e à sua maturidade física. Outras variáveis também devem ser consideradas na formação da identidade, que não são visíveis e fazem parte do processo psicossocial. De acordo com Schoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010, p. 231), variáveis como “raça, sexo, nível socioeconômico, história pessoal, contexto, cultura, entre tantas” podem intervir e modificar a vivência da adolescência, não podendo caracterizá-la como algo universal. Nesse sentido, existe uma diferença entre puberdade e adolescência. A primeira se refere às alterações biológicas, enquanto a adolescência é um constructo histórico-social que se modifica de acordo com a cultura vigente.

Durante a adolescência são comuns as alterações na aparência, o que possibilita a formação da autoimagem gerada pela percepção que o jovem tem de si mesmo, do grupo social e de seus pares. O estudo de Petroski, Pelegrini e Glaner (2012) demonstrou ser a estética, a autoestima e a

saúde como os principais motivos de insatisfação corporal apresentados pelos (as) adolescentes. Esse fato se deve aos padrões de normatividade presentes na sociedade contemporânea, definindo o que é considerado belo e saudável, e por consequência, estigmatiza os desviantes e, segundo os autores, as mulheres jovens estão mais propensas à insatisfação corporal e apresentam maior índice de autoimagem disfuncional.

Historicamente, o corpo humano assumiu diferentes representações e significados que envolvem a materialidade física do organismo e a cultura. Os corpos interagem com o meio social e se manifestam de formas distintas, “roupas, adereços, marcas corporais, acessórios e aparelhos eletrônicos” fazem parte da corporeidade humana (FERREIRA; RIBEIRO, 2018, p.39). A interação do corpo com a cultura legitima modelos a serem seguidos, que também são modificados pelo tempo. Na Roma Antiga, a mulher com o corpo gordo demonstrava o exemplo de saúde reprodutiva, beleza e força. Maia (2011) destaca que, em contraponto, o padrão de beleza e normatividade vigentes na atualidade são representados pelo corpo magro e esbelto, pele branca e heterossexualidade.

Flor (2009) ressalta a relação entre o corpo e o status social, comentando que a Alemanha nazista foi palco político e ideológico de um padrão estético corporal. Nesse sentido, os arianos eram exaltados como modelos enquadrados na norma social instaurada pelo governo nazista enquanto os que possuíam corporeidades diferentes eram excluídos, torturados e mortos.

Na atualidade, a estética corporal também mantém o crescimento do consumo de cosméticos, procedimentos cirúrgicos, acompanhamento nutricional e físico que, na maioria das vezes, é dirigido e vendido para aqueles que dispõem de recursos financeiros (FLOR, 2009). Assim, o “ser belo” está associado ao poder aquisitivo,

compreendendo-se o status e classe social como cenário para se evidenciar formas de “ser” e “ter” um corpo, classificando “corpos belos” e “não-belos”, “saudáveis” e “não-saudáveis”, “aptos” e “não-aptos”.

O corpo gordo é retratado como sinônimo de doença. A obesidade é apontada pelo modelo biomédico como um problema de saúde pública, sendo calculada pelo Índice de Massa Corporal - IMC (OLIVEIRA-SILVA, 2017). O termo obesidade permite a naturalização de estigmas quando, na verdade, ser gordo se refere apenas a mais um biotipo, expressando diversidade de corpos. Diferentes estigmas são associados à pessoa gorda, como: “ser moralmente fraco, fraco de caráter e indisciplinado, uma pessoa ‘sem vergonha da cara’, que sucumbe aos impulsos mais primitivos e que, no limite, busca a ruína da própria saúde e autodestruição” (SANTOS; GARCIA; SANTOS, 2015, p.764).

Para Goffman (1963), o estigma é uma marca concebida que indica desvantagem social. Ao mesmo tempo em que a “marca” desqualifica os sujeitos desviantes, coloca em evidência os padrões de normalidade. Assim, se o corpo gordo é o desvio, a norma que é reforçada inclui o corpo “magro”, “esquelético” e “anabolizado”, idealizado e estimado por todos.

O corpo aparece como uma forma de expressão da sexualidade junto ao desejo, erotismo, vínculo afetivo e as práticas sexuais. O corpo apresentando diferenças significativas, como o excesso de gordura, é visto como “desvantajoso”, impossibilitado de ser desejado e dessexualizado. Essa dessexualização é social e abrange a não vivência das relações afetivas e sexuais, fazendo com que a pessoa gorda seja preterida no “jogo amoroso” (MAIA; RIBERIO, 2010).

O estudo de Chen e Brown (2005) analisou a preferência sexual de um grupo de participantes por meio de categorias que mostraram características de potenciais

parceiros. Entre o ser saudável, não ter um braço, cadeirante, viver algum transtorno mental, ser obeso e ter histórico de infecções sexualmente transmissíveis, a obesidade foi apontada como a “menos desejada” por homens e mulheres, sendo os homens os que mais se preocuparam com os atributos físicos e a gordura corpórea do(a) parceiro(a).

Estar atraído ou não por um determinado tipo de corpo é uma discussão que envolve um arsenal de variáveis que não dependem apenas das influências sociais, mas também do que é considerado prazeroso e belo de modo individual. De fato, o que se comprova é a existência do estigma do corpo gordo, envolvendo rejeição e sentimentos de inadequação para esse grupo de pessoas - aspectos ressaltados quando se tratam de adolescentes -, podendo gerar diversos conflitos em sua autoimagem e identidade, bullying, gordofobia, tentativas de suicídio, exclusão, sofrimentos e implicações em sua sexualidade como o sentimento de não merecimento do amor e outras formas violência (OLIVEIRA-SILVA, 2017).

Neste sentido, vários são os estereótipos relacionados ao corpo gordo: o fato de ser um corpo preguiçoso ou até de que é um corpo mal cuidado por negligência (ARAÚJO; COUTINHO; ALBERTO; SANTOS; PINTO, 2018). Outro estereótipo diz respeito a “assexualidade” ou a infantilização sexual. O fato é que não podemos mais ignorar essa importante relação que ocorre entre o corpo gordo e a sexualidade e os aspectos negativos relacionados.

Dito isso, é possível discutir essa temática quando ela aparece nos roteiros de séries e filmes. Nesta direção, o filme *Dumplin'*, produzido pela empresa de serviços em streaming de filmes e séries Netflix, traz algumas questões iniciais para se pensar o assunto.

## **Vídeo Analisado**

Tipo de Material	Filme
Título Original	Dumplin
Nome Traduzido	Sem tradução - Netflix
Gênero	Comédia
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	EUA/ Inglês.
Duração	1h50min
Direção	Anne Fletcher

Em linhas gerais, o filme se passa numa pequena cidade do Texas, nos Estados Unidos, e trata da história de Willowdean Dickson, uma adolescente gorda filha de Rosie Dickson, uma ex-miss e ganhadora de concursos de beleza. O filme explora a relação que Willowdean estabelece com seu corpo mediante o contexto em que ela vive e viveu, considerando a importância que sua mãe dá aos eventos e concursos de beleza acontecendo tradicionalmente na cidade.

Descobrimos que sua tia Lucy, quem considera ter propriamente lhe criado, cogitou participar do desfile de beleza no qual sua mãe atualmente ainda coordena, Willowdean decide se inscrever para sabotar o evento. Sua ação leva o encorajamento de mais três personagens a também participar do desfile, e o filme se desenvolve nos conflitos e acordos entre as diferentes motivações para estarem ali.

Entre os outros personagens que compõem partes importantes da história estão Ellen, sua amiga de infância, Millie, uma garota gorda que estuda na mesma escola que Willowdean e sonha em algum dia ganhar um concurso de beleza, Hannah, que não se encaixa nos padrões de expressão de gênero e, por fim, Bo, considerado o galã da

escola e que trabalha na mesma lanchonete que Willowdean.

### **Análise Crítica**

O filme se compromete a expor uma narrativa adolescente sobre uma garota fora dos padrões corporais do que é socialmente considerado belo, construindo a trama a partir de quem pode ou não participar do tradicional desfile de beleza da cidade. E, assim, as primeiras cenas se dedicam a contextualizar tia Lucy como primeiro modelo da personagem principal em sua infância, citando todos pontos subjetivos em que se identificam sem mencionar o corpo gordo.

Demonstrando o que Willowdean percebe como um momento significativo com Lucy, há uma cena retratando o bullying praticado por dois meninos que a chamam de "leitoa" e "enorme", emitindo o som representando uma imitação de porco. Lucy é quem retira os meninos do posto de poder e apresenta discurso sobre Willowdean poder ser quem quiser independentemente de como os outros a definam. No trecho, fica claro a discriminação sofrida pela personagem principalmente pelo tamanho de seu corpo e a tentativa da tia em dialogar sobre o respeito às diferenças.

Mulheres gordas sofrem dupla discriminação: pelo seu biotipo, que não se encaixa nos padrões de beleza e que exerce controle sobre as mulheres, e pelo seu gênero e histórico de submissões (OSÓRIO, 2018). A situação apresentada no filme, por mais que pareça uma atitude exagerada e cômica, é muito comum na realidade de crianças e adolescentes que carregam o “peso” do emagrecimento desde muito cedo. Afinal, “dificilmente uma criança gorda chegará na adolescência sem ouvir que é preguiçosa, que come mais do que devia e que precisa se cuidar” (OSÓRIO, 2018, p. 6). Nesse sentido, o sentimento

de inadequação e não pertencimento ao grupo social “padrão” poderá perdurar desde a infância até a vida adulta, trazendo implicações negativas para a autoestima e a identidade.

O filme apresenta a garota Willowdean, no início da temporada de desfiles, acompanhada de sua mãe Rosie, que estaria se preparando para os desfiles com dietas. A personagem mãe busca o “peso ideal” e utiliza uma série de estratégias para atingi-lo, por mais que aparentemente pertença ao considerado padrão desejável de beleza: mulher branca e magra. O culto a magreza automaticamente traz a repulsa ao ganho de peso, como reitera Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004, p. 77) em: “a ideia de que ao se alcançar a magreza e estar em boa forma física a pessoa obterá sucesso na profissão, nos relacionamentos sociais e amorosos surge nas matérias publicadas pela mídia”.

Willowdean parafraseia as falas da mãe de forma cômica e o discurso de emagrecimento a qualquer custo foi incorporado pela personagem:

*Meu pilates não é suficiente, Dumplin. O vestido tem que servir em outubro. É uma tradição.*

Essa cena se passa em um parque aquático onde um rapaz pula na piscina, fazendo com que espirre água em Millie, outra garota gorda sentada na cadeira de sol. Após um primeiro momento sem reação, a garota ri de forma extravagante e gera o julgamento que Willowdean compartilha com sua melhor amiga Ellen:

*Willowdean: Eu sou gorda, mas pelo menos não sou burra.*

*Ellen: Não sei, ela sempre aparece feliz.*



Alguns preconceitos são reproduzidos pela personagem Willowdean, que consegue reagir às situações que a incomoda. Millie, por outro lado, não revela insatisfação e apenas reage sorrindo, e esse sorriso não deixa claro os sentimentos subjacentes: indignação, apatia, ironia, sofrimento, etc. O julgamento acontece quando o ser gorda é representado como algo negativo e que não traz felicidade, fazendo com que “ser gorda e feliz” torne Millie uma pessoa “burra” por exibir um comportamento passivo. Compreende-se que as relações de poder presentes na sociedade ditam regras que são mantidas pelo grupo dominante e, também, reproduzidas pelos oprimidos (LOURO, 2018). Esse movimento fortalece as normas, justificando Willowdean como personagem gorda em desvantagem social que “julga” outra pessoa, Millie, igualmente estigmatizada e ocupando a mesma posição na sociedade. Maia (2011) ressalta que a percepção dos estereótipos e o preconceito sobre corpos desviantes são reproduzidos até mesmo entre aqueles igualmente estigmatizados pela diferença.

Saindo do parque aquático, Ellen apresenta Willowdean a uma colega interessada no concurso de beleza da cidade e a mesma fica surpresa ao descobrir que Willowdean é filha de Rosie, conhecida por ser ex-miss e tradicionalmente organizar o evento. Ao chegar em casa, Willowdean se aborrece com a mãe que insiste em a chamar pelo apelido *Dumplin*, traduzido como “fofinha”. O pedido para que o apelido não seja mais usado é ignorado pela urgência da mãe em não se atrasar para o compromisso o qual seria convidada de honra. A tentativa da jovem em impor seus sentimentos diante dos rótulos, ou mesmo, de dialogar com a mãe sobre isso, é frustrante diante do aparente descaso da mãe.

A mãe pede para que Willowdean se vista com o vestido novo e escove os cabelos. Willowdean tenta escapar do

compromisso ao falar que havia esquecido e feito outros planos, mas a mãe insiste e aponta uma espinha em sua testa, perguntando se estaria consumindo a comida gordurosa na lanchonete onde trabalha. Nota-se que a cobrança para ingerir alimentos saudáveis e ter uma “boa aparência” é algo predominante no ambiente familiar. Algumas expectativas são colocadas pela família para atender aos requisitos de feminilidade, sugerindo a perda de peso, cabelo alisado, rosto “limpo” sem marcas como sinônimos de beleza. Assim, a valorização e depreciação do corpo dependerão dos modelos que a criança e o adolescente possuem, gerando consequências muitas vezes negativas para a imagem corporal (SILVA; LANGE, 2010).

Chegando ao concurso de beleza, uma mulher conhecida questiona Rosie se Ellen seria sua filha, sendo ela uma pessoa magra. Rose aponta Willowdean como sua filha e isso gera uma reação de surpresa desconfortável na mulher diante da informação. Então, quando Rosie entra no palco para anunciar a ganhadora do evento, Willowdean observa o momento de felicidade da mãe por de trás do palco.

Na próxima cena, Rosie deixa Willowdean na escola e volta a chama-la de *Dumplin*, gerando o constrangimento da filha e comentários dos demais adolescentes. Após um rapaz tentar envergonhá-la novamente, também comentando ser preciso aumentar o corredor no momento que em Millie passa ao seu lado, Willowdean reage instintivamente chutando-o entre as pernas. A defesa contra a agressão aparece em outro comportamento agressivo, na medida em que ela se percebe sozinha e impotente. É possível observar como o bullying é naturalizado no ambiente escolar. Ferriani, Dias, Silva e Martins (2005) chamam a atenção como o ambiente escolar é punitivo para essas pessoas. As autoras observaram isso durante encontros e atividades realizadas em um programa interdisciplinar para perda de peso com

adolescentes. A maior parte dos relatos envolve o uso de apelidos ofensivos que destacam a gordura dos adolescentes, olhares de desprezo e atitudes de afastamento por parte das pessoas magras deliberadamente justificadas pelo fato das pessoas serem gordas. Além disso, Pingoello, (2009) ressalta que reagir às situações de violência causadas pelo bullying aparece como forma de defesa, típico do perfil de vítima provocadora.

Depois, sobre o apelido, Willowdean declara:

*-Mãe, você sabe que é muito mais que um apelido. Você nunca vai conseguir dizer, mas eu sei que você não suporta ter uma filha assim. Fofinha e gordinha (Dumplin)".*

*Rosie: É mais difícil para gordinhas. Eu já fui uma, eu sei.*

A relação de Rosie e Willowdean exemplifica o fenômeno do “luto do filho idealizado”. Barbosa, Chaud e Gomes (2008) apontam os desafios vivenciados por pais de filhos com deficiência que experienciam situações de luto. De fato, as experiências e expectativas projetadas em um filho deficiente e um filho gordo são diferentes, mas o processo de idealização e frustração dos pais se assemelham a medida em que deficiência e gordura não são características do corpo padrão e, portanto, geram estigmas.

A trama realmente começa quando Willowdean encontra a inscrição que sua tia havia preenchido para o desfile, mas nunca chegou a se inscrever formalmente. Isso a faz se comprometer a participar junto a Ellen para que conseguissem protestar juntas, já convencida de que não ganharia prêmio algum.

De vestido e salto, Willowdean atrai olhares de surpresa ao entregar sua ficha de inscrição, ouvindo comentários a adjetivando como “corajosa”. Millie se sente

encorajada pela iniciativa e decide se inscrever. Willowdean rejeita o título de “inspiração” dado por Millie, tentando a convencer de não participar. Na mesma cena, a mãe ameaça não assinar a inscrição receosa por Willlowdean estar tentando sabotar seu desfile e a jovem gorda se manifesta refutando a atitude da mãe:

*-Se você não assinar quer dizer que não acha que sou boa o suficiente. Quer dizer que você acha que as outras meninas merecem mais que eu porque meu corpo não é igual ao dela.*

A iniciativa também encoraja Hannah, outra garota que foge dos padrões heteronormativos de se expressar a desejar participar do concurso.

Os concursos de beleza aparecem como forma de validar um tipo específico de corpo, conseqüentemente desconsiderando as diferenças. Atualmente, o mercado da moda evoluiu acoplando a categoria *Plus Size* em seus desfiles, concursos e revistas como forma de integrar a diversidade e empoderar mulheres. Discute-se como novas categorias acabam por rotular e segmentar novos padrões, já que o modelo *Plus Size* ainda não abarca todo tipo de corpo (RANGEL, 2018).

Rangel (2018, p. 111) utiliza o termo “boa gorda” para referir-se a mulher enquadrada nos modelos *Plus Size*: “bonita de rosto, ou seja, com traços finos e branca, demarcando aspectos eurocêntricos na identificação da beleza. Se maquia e se cuida. Não é relaxada e geralmente não tem celulites ou estrias”. Este movimento não aparece como ativismo e aceitação dos corpos, mas, sim, como tentativas capitalistas de produzir conteúdos voltados para um público específico: a ascensão da categoria mulheres gordas como consumidoras. Consideramos que colocar uma parcela dos corpos gordos como detentores de um

espaço, acaba por ressaltar, mais uma vez, o padrão desviante do padrão desejável. Ao invés deles estarem omissos, estão visivelmente excludentes.

Mesmo no mercado consumidor, o que seria “divertido” e “libertador”, como comprar roupas, traz sofrimento, nervosismo e constrangimento para as pessoas gordas que, aliás, nem sempre possuem condições financeiras para acessar essas vestimentas. A moda é pensada para atender demandas da população correspondente às expectativas sociais de padrões estéticos e tamanhos maiores custam mais na produção e na venda (MOLLINER, RABUSKE, 2008; FERRIANI et al., 2005).

O assunto sexualidade entra em pauta quando Willowdean é convidada por Bo, o galã dentro dos padrões de beleza masculinos, para um encontro. O relato da jovem evidencia a situação de desconforto e “não merecimento” de afeto:

*Meninos como Bo não namoram meninas como eu. É fato. Ele só quer ser meu amigo pra me perguntar sobre as meninas de que ele gosta.*

Bo toma a iniciativa de beijá-la e Willowdean corresponde. Entretanto, o interrompe abruptamente por Bo tocar um lugar específico de suas costas, fazendo com que afirme precisar ir para casa sem mais justificativas. Em casa, encontra a mãe fazendo exercícios físicos e avalia o próprio corpo no espelho, logo aceitando a salada separada na geladeira. As inseguranças da pessoa gorda e a forma como são tratadas influenciam diretamente na expressão da sexualidade e podem gerar sentimentos de insegurança e implicações no estabelecimento de relações afetivo-sexuais (OLIVEIRA-SILVA, 2017), visíveis nas cenas do filme.

Willowdean briga com Ellen sobre qual seria a motivação “ideal” para participar do desfile - uma vez que o plano dela seria não se engajar e sim sabotar o evento - porém percebe que sua amiga começou a demonstrar certo interesse no concurso. É importante ressaltar que Ellen é uma garota que atente aos critérios para participar do concurso de beleza, estando dentro dos padrões exigidos. No entanto, a personagem também apresenta inseguranças quanto ao seu corpo. Isso ressalta o fato de que corresponder aos padrões estéticos é uma cobrança que atinge a todos os tipos de mulheres, com diferentes corpos, trazendo consequências para a saúde física e psicológica, como transtornos alimentares (PETROSKI, et al., 2012).

Willowdean convida Millie e Hannah para visitar o bar que tia Lucy frequentava. No bar, encontram uma comunidade de *drag queens* conhecidas de Lucy e Willowdean se sente apoiada quanto as suas inseguranças, sendo elogiada e chamada de “linda”. As inseguranças e potenciais defeitos podem passar a ser algo comum na vida da pessoa gorda que incorpora os preconceitos. Em pesquisa interventiva com pacientes considerados obesos, Tura (2005) demonstra que participantes gordos relatam a importância de conversar sobre suas angústias corporais com o grupo, ocorrendo muitas vezes o processo de aceitação em que a perda de peso não é o principal objetivo. O fato citado reforça a importância da identificação com pares, de forma que o apoio social seja mantido e a representatividade aconteça.

Ainda quanto a Bo, o mesmo se empenha para declarar gostar de Willowdean, que questiona o porquê e se compara a Bekah, sendo a garota favorita para ganhar o desfile:

*Nós não damos certo no mundo real, Bo. Era para você estar com alguém igual à Bekah. Estou falando disso. Como não consegue ver isso? Você não sabe como é estar comigo? Não posso.*

Insegura, decide ligar para Millie e Hannah alegando não estar se sentindo preparada o bastante e as três recorrem às *drag queens* para planejarem as suas performances no desfile. Willowdean, Millie, Hannah e Ellen se apresentam no desfile com confiança, incorporando os passos diferenciais sugeridos pelas *drag queens* e geram reação positiva da plateia.

Willowdean demonstra receio no momento de entrar no palco no quesito “Saúde e físico”. Seu nome é chamado e Ellen a segue para que, em conjunto, suas roupas de banho formassem a frase: *todo corpo é um corpo de biquíni*. A cena simboliza a aceitação dos corpos, representado pelo movimento *body positive* que se refere “à melhora de autoestima das pessoas de todas as formas, incluindo todos os tipos de corpos, principalmente aqueles fora do padrão” (RANGEL, 2018, p. 123).

Em outra situação, ainda dentro do evento, Rosie chama Willowdean de *Dumplin* por impulso e se arrepende, pedindo perdão. Willowdean a responde:

*Tudo bem. É só uma palavra. Eu sou Dumplin. Eu sou Will. Sou a Willowdean, sou uma miss. Sou tudo isso.*

A protagonista mostra se aceitar enquanto mulher gorda e consegue ampliar seus horizontes para outras identidades que não a deixam menos “mulher”. Por certo, não se consegue afirmar se a personagem passou pelo processo de empoderamento, visto que esse é um fenômeno subjetivo envolvendo questões de aceitação, amor próprio, autoestima e, principalmente, o

autoconhecimento (RANGEL, 2018). Ao fim, Millie ganha o desfile em segundo lugar, sendo, dentre as quatro garotas principais, quem sempre manifestou vontade de participar e levar o título. Willowdean não fica para ver a coroação de Bekah, que, como previsto, ganhou o desfile, e vai até a lanchonete onde trabalha para beijar Bo. Como toda história de romance adolescente, os personagens concretizam a paixão ficando juntos.

Sabemos que, em sua maioria, os filmes, novelas e séries colocam a pessoa gorda em um papel secundário e cômico, como, por exemplo, a “amiga gorda engraçada”, que faz parte do estereótipo coletivo social (RANGEL, 2018). Neste caso, o filme “Dumplin” evidencia a ideia de que a exclusão traz limitações sociais e sexuais às gordas e sentimentos de inadequação e sofrimento. Por isso acreditamos que é fundamental a quebra de padrões que estigmatizam os corpos e que essa discussão possa ser feita com mais frequência e em vários meios de comunicação.

## **Considerações Finais**

O filme se coloca como uma tentativa de produção audiovisual que propõe expor discursos de personagens fora de um específico padrão de beleza, influenciando em suas motivações e ações que constroem a trama. O enredo possibilita o que considera como uma vida adolescente normal mesmo com personagens gordas e/ou não se encaixando em expressões heteronormativas. A vida normal, então, é apresentada como ser possível se divertir, mas, também, ter conflitos próprios de suas especificidades.

Iniciativas como esta, de grandes produtoras e grande visibilidade como é o caso da Netflix, são de grande valia. Porém, não se pode negar o caráter ainda estigmatizante das personagens que parecem precisar de permissões para



existirem na vida social. As necessidades de reafirmações alimentam a produção de filmes que apostam na falta de exploração de personagens não normativos em comédias românticas, o que, por sua vez, acaba destacando essa parcela da população ainda como não normal.

Olhando o cotidiano das não-normatividades expostas na trama, podemos afirmar que as situações fazem parte da realidade concreta, inclusive, no quesito de excluir outros marcadores sociais relacionados ao corpo gordo: classe social, econômica, raça, etnia, etc. Tanto no filme, como na vida, ainda é preciso lutar contra a padronização de corpos e de sexualidades e estar atento às outras formas de ser, pensar e agir na sociedade plural.

## Referências

ARAÚJO, L. S.; COUTINHO, M.P.L.; ALBERTO, M.F.P.; SANTOS, A.M.D.; PINTO, A.V.L. Discriminação baseada no peso: Representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 23, p. 1-17, ago. 2018.

BARBOSA, M.A.M.; CHAUD, M.N.; GOMES, M.M.F. Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo fenomenológico. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.21, n.1, p.46-52. 2008.

CHEN, E. Y.; BROWN, M. Obesity Stigma in Sexual Relationships. **Obesity Research**. v. 13, n. 8, p. 1393-1397, 2005.

FERREIRA, G.R.; RIBEIRO, P.R.M. Corporeidade, educação sexual e a importância da formação de professores/as: algumas reflexões. In: RIBEIRO, P.R.C.; MAGALHÃES, J.C. **Interlocuções sobre gêneros e sexualidade na educação**. Rio Grande: Editora da Furg, 2018, 192p.

FERRIANI, M. G. C.; DIAS, S.T.; SILVA, K.Z.; MARTINS, C.S. Auto-imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, v.5, n. 1, p. 27-33, jan/ mar. 2005.

FLOR, G. Corpo, mídia e status social: reflexões sobre os padrões de beleza. **Rev. Estud. Comun**, Curitiba, v.10, n.23, p.267-274, set/dez. 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

LANGE, E.S.N.; SILVA, G.A.S. Imagem corporal: a percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. **Psicol. Argum**, Curitiba, v.28, n.60, p.43-54, jan/mar.2010.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Autêntica, 2018.

MAIA, A.C.B. **Inclusão e sexualidade na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Juruá, 2011.186p.

MAIA, A.C.B.; RIBEIRO, P.R.M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, 2010.

MOLLINER, J; RABUSKA, M. M. Fatores biopsicossociais envolvidos na decisão de realização da cirurgia bariátrica. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 10. n. 2. p. 44-60. 2008

OLIVEIRA-SILVA, M. **Corpo, Cultura e Obesidade: Corpo, cultura e obesidade: Desenvolvimento de Posicionamentos Dinâmicos de Si em Mulheres Submetidas à Gastroplastia**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 212p. 2017.

OSÓRIO, T. **Além do G: Websérie documental sobre gordofobia**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em Comunicação). – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

PETROSKI, E.L.; PELEGRINI, A.; GLANER, M.F. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.17, n.4, p.1071-2077. 2012.

PINGOELLO, I. **Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 142p. 2009.

RANGEL, N.F.A. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de Significados**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 162 p. 2018.

SANTOS, M.A.; GARCIA, R.W.D.; SANTOS, M.L. A sujeição aos padrões corporais culturalmente construídos em mulheres de baixa renda. **Demetra**, v.40, n.4, p.761-774. 2015.

SCHOEN-FERREIRA, T.H.; AZNAR-FARIAS, M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia, teoria e pesquisa**, v.26, n.2, p.227-234.2010.

TURA, A. B. W. Relato de uma experiência de atendimento psicoterápico com grupos de obesos. **Vínculo**, São Paulo. v.2, n.2, p. 32-41, dez. 2005.

VASCONCELOS, N. A.; SUDO, I.; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza. v. 4, n. 1, p. 65-93. Mar. 2004.

## Capítulo 10

# ME CHAME PELO SEU NOME: REFLEXÕES SOBRE UM ROMANCE HOMOERÓTICO

Mirela Bosco

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho

### Introdução

A sexualidade é um conceito amplo que contempla aspectos subjetivos, como o desejo, identidade, comunicação e prazer - e os culturais, como os valores morais e normas sociais que predizem o aceitável ou inaceitável sobre um comportamento sexual (FIGUEIRÓ, 2006; AMORIM; MAIA, 2012). É um dos múltiplos fatores do desenvolvimento humano, mutável ao longo de toda a vida, que possibilita ao indivíduo relacionar-se e manifestar os sentimentos. Para melhor compreender a sexualidade, é preciso considerar que ela vai além da genitalidade como um constructo orgânico (condizente ao sexo biológico e sistema reprodutor feminino e masculino), pois como uma expressão singular - como é o caso da identidade sexual, identidade de gênero, papel de gênero e orientação sexual-, a sexualidade de cada pessoa é construída com base em vivências a nível microssocial e macrossocial (COSTA; LOPES; SOUZA; PATEL, 2001).

Sabat (2001) conceitua a identidade sexual como um elemento da sexualidade que é adquirido, sendo uma estrutura com origem nas expressões culturais e na dominância de um padrão heteronormativo que determina e fixa os comportamentos e relações vistas como

normatizantes. Dessa forma, tanto as identidades heterossexuais quanto as homossexuais constituem-se nessa dinâmica de poder, a partir de padrões sociais que colocam uma identidade como “normal” e superior a outra.

Para Costa et al (2001) é no período da adolescência que a vivência da sexualidade é permeada pelo crescimento e amadurecimento e é um período de intensas explorações e descobertas, que podem influenciar as experiências futuras. Em relação aos vínculos amorosos e às primeiras práticas sexuais, é comum que o adolescente sinta ansiedade e insegurança e que responda aos padrões sociais e as pressões dos pares. Esse é um período de curiosidade e de dúvidas; muitas vezes, os jovens vivenciam de modo imprudente a sexualidade e são mais vulneráveis às infecções sexualmente transmissíveis (IST) e AIDS <sup>15</sup> (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006; SILVA; SILVA; JÚNIOR; SILVA; GUERREIRO; SOUSA, 2015).

A orientação sexual, associada ao elemento subjetivo do fenômeno, é a forma como uma pessoa reconhece a atração, o desejo e o prazer. No entanto, é vista como inadequada ao fugir do padrão heteronormativo, uma vez que ao longo e decorrer da história as práticas sexuais homossexuais ou bissexuais foram julgadas por uma ótica religiosa, científica ou médica como pecado, perversão, crime ou doença, mesmo que existentes em diversos períodos e civilizações (MAIA; PASTANA, 2018).

Nesse sentido, contextualiza-se a sexualidade e suas características em meio a uma sociedade repressora, no sentido foucaultiano, em que regras de condutas sobre a vida sexual são impostas e controladas em relações de poder e em instâncias regulatórias. Chauí (1984) explica que a repressão é um conjunto de especificações que ora

---

<sup>15</sup> Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, comumente conhecida como AIDS

permite e ora proíbe as práticas referentes ao sexo, baseado nas premissas da moralidade, da igreja, da ciência e do direito, com o argumento de que há algumas que são desviantes e seguem caminhos opostos a finalidade real do ato sexual (a reprodução), como por exemplo, a masturbação, a homossexualidade, o sexo anal e oral, o adultério, o estupro, a violência sexual e a prostituição.

Um dos padrões sobre a sexualidade normal diz respeito à conjugalidade. A sociedade dita regras sobre quando casar, com quem, quando e por quê. Ter um parceiro(a) sexual passa a ser sinônimo de normalidade e a promessa de felicidade eterna (MAIA, 2008). Talvez por isso, lidar com o fim de um vínculo amoroso, pode gerar um grande sofrimento, pois o término da relação requer o desprendimento do vínculo, do sentimento, das expectativas frustradas e da sensação de perda.

Segundo Andrade (2009), rompimentos amorosos provocam uma série de questionamentos e sofrimentos, que pode ser chamado de “morte sentimento” ou “morte em vida”, mais precisamente, o que nomeamos como luto. É a partir da vivência do luto que se compreende a perda como real e isso possibilita novas formas de relação com o mundo e com si mesmo.

Evidentemente o rompimento leva a solidão, que tanto pode simbolizar a chance de estar consigo mesmo ou a inaptidão para a tolerância do olhar indiferente do outro, gerando isolamento ou compulsividade em estar rodeado(a) de terceiros. De qualquer forma, as emoções podem levar a pessoa a se afastar do enfrentamento ou a elaborar os sentimentos já experienciados com menor intensidade (MARCONDES; TRIERWEILER; CRUZ, 2006).

Esse processo que chamamos de luto baseia-se na leitura de Kubler-Ross (1969), em “Sobre a morte e o morrer”, que explicita a vivência emocional a partir de cinco estágios: a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a

aceitação. Tais fases são vivenciadas com maior ou menor intensidade e duração, não seguindo uma ordem fixa, até ser alcançada a “aceitação”.

Este breve apontamento teórico deve colocar o leitor direcionado ao que pretendemos refletir e discutir: os prazeres e desprazeres das primeiras experiências amorosas e sexuais, a expressão da orientação sexual e o sentimento de pesar diante de rompimentos.

### Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Call Me By Your Name
Nome Traduzido	Me Chame Pelo Seu Nome
Gênero	Drama/Romance
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	França, Itália, EUA/ Francês, Italiano, Inglês
Duração	2h12
Direção	Luca Guadagnino

Adaptado do livro homônimo de André Aciman, lançado em 2007, *Me Chame Pelo Seu Nome* conta a estória de Elio (Timothée Chalamet), um adolescente de 17 anos da década de 80 que passa as férias de verão na casa de seus pais na Itália. Seus pais são intelectuais e recebem a cada verão um estudante diferente em sua casa. Dessa vez o escolhido é Oliver (Armie Hammer), um acadêmico que veio para ser assistente de professor Perlman (Michael Stuhlbarg), pai de Elio, por seis semanas enquanto escreve seu livro. De início não há aproximação entre os dois e Elio, de certa forma, sente-se incomodado com a presença de Oliver em sua casa, tanto pela diferença cultural, quanto pelas emoções que ele provoca no adolescente.

No decorrer da trama, os dois personagens, Oliver e Elio, aproximam-se compartilhando uma admiração mútua, embora a atração afetivo-sexual continue subentendida. Enquanto Oliver aproveita a bela cidade italiana e àquilo que ela tem a oferecer, Elio, apesar dos desejos eróticos pelo visitante, relaciona-se sexualmente com Marzia. Na trama, a convivência entre Oliver e Elio é cada vez mais frequente e intensa e Elio consegue verbalizar com o colega os sentimentos confusos que têm. Oliver, em um primeiro momento parece ficar em dúvida e até recuar. No entanto, com a insistência de Elio, o estudante igualmente mostra seu interesse e iniciam uma relação afetiva e sexual que ambos sabiam que ia perdurar enquanto o estudante vivesse em sua casa. Aproveitam o tempo juntos e antes de acabar o período de assistente de Oliver, a família Perlman, que percebe a relação mesmo que em silêncio, possibilita que viagem a sós uma única e última vez. O final do passeio é quando também ocorre o cessar do contato e da relação entre os dois. Nas cenas finais, fica evidente as expressões do luto na personagem do adolescente Elio diante do rompimento amoroso com a partida de Oliver. Apresentaremos, então, a análise crítica tendo essa temática como ponto de partida.

### **Análise Crítica**

A análise do longa foi realizada com base em eixos temáticos, que serão apresentados a partir de falas em cenas do filme que os simbolizam.

#### ***“Te vejo mais tarde”***

O filme acompanha as férias de verão de Elio, um adolescente de 17 anos, que vai para a casa de seus pais na Itália, no ano de 1983. Os dias e interações do jovem são retratados com monotonia entre escrever música, nadar e,



eventualmente, ver amigos. Elio, logo de início, aparece junto com Marzia, uma menina de mais ou menos sua idade, com quem aparentemente tem algum tipo de envolvimento, o qual se desenvolve até a ocorrência de um ato sexual. A narrativa não é clara se Elio era virgem até transar com Marzia, mas fica subentendido que sim. Elio, em certa cena, diz para seu pai e para Oliver: “*Nós quase transamos noite passada, Marzia e eu*”, relatando que só faltou um pouco de coragem para que o ato se consumasse. Esse é um ponto bem interessante, pois Elio está descobrindo os prazeres do corpo e do sexo, experimentando-os. Nesse mesmo tempo, Elio já se mostra envolvido com o outro personagem, Oliver, mais velho que ele e igualmente do gênero masculino.

Elio, a princípio, deixa transparecer para os demais certa antipatia por Oliver, como se não gostasse dele, e mantém dele um afastamento. Podemos supor que esse comportamento justifica-se pelo incômodo da percepção de possíveis sentimentos “proibidos”, na medida em que é comum na Psicologia a compreensão de que hostilizamos aquilo e aquele que temos desejo. Gradativamente, do afastamento inicial por temor ao desejo, o filme apresenta várias cenas que ilustram uma aproximação entre os dois, por afinidades, sentimentos bons diante de toques despreziosos, etc.

A atração sexual de Elio por Oliver vai ficando mais evidente com o passar das cenas: ele “espera” Oliver voltar para casa à noite, entra no quarto dele e cheira seu calção, deitado em sua cama, começa a se masturbar ao vê-lo chegar em casa de longe, masturba-se com uma fruta ao pensar nele, entre outras. Toda essa sequência de cenas evidenciam a descoberta e a experimentação de sentimentos de atração e prazer, assim como apontam os autores Sousa, Fernandes e Barroso (2006), Silva, Silva

Júnior, Silva, Guerreiro e Sousa (2015), sendo comum acontecer entre adolescentes.

### **"É melhor falar ou morrer?"**

Uma cena interessante no filme é quando ambos personagens estão passeando e Elio diz “não saber nada das coisas que realmente importam”, dando a entender que se tratava da descoberta de seu interesse por Oliver. Oliver pergunta por que ele estava lhe contando isso e Elio responde: “Porque só posso dizer essas coisas para você”. Nesse momento podemos notar uma tentativa de aproximação de Elio e também uma possível busca por resposta – será que o que sinto é “normal”?; será que o sentimento é recíproco? Sabemos que os sentimentos de insegurança e ansiedade diante de sentimentos amorosos e a reciprocidade deles são comuns e importantes no desenvolvimento da identidade dos adolescentes (DOMINGUES; ALVARENGA, 1997). Soma-se a esses sentimentos dúvidas e incertezas sobre corresponder (ou não) aos padrões heteronormativos (COSTA et al, 2001; SOLIVA; DA SILVA JUNIOR, 2014).

É importante lembrar que o filme se passa em na década de 80, uma época em que as relações homoafetivas eram mais camufladas ou pouco assumidas publicamente. Talvez por isso em algumas cenas eles não se tocam em público e, quando ocorre, é algo de maneira muito discreta. Mesmo assim, os personagens que com eles se relacionam, como os pais de Elio, mostraram-se compreensíveis e tolerantes quando perceberam o relacionamento dos dois. O filme retrata a relação entre Elio e Oliver com muita sutileza. Os eventos vão escalando de um desdém e afastamento intencional, para uma aproximação gradual em que os personagens parecem à vontade com o que é sentido, embora demonstrem falta de manejo do querer. A definição da orientação sexual de Elio não é tema de

discussão em nenhum momento. Ele se relaciona com Marzia, com quem tem relações sexuais mais de uma vez e aparentemente se sente confortável e, ao mesmo tempo, relaciona-se com Oliver, com quem também tem relações sexuais. Apesar dessa ambiguidade, as cenas de atração e envolvimento entre Oliver e Elio são mais lentas e denotam que os sentimentos de amor de Elio por outro homem iniciaram nesse relacionamento.

O que por um lado pode parecer uma falta de “definição” ou um período de transição entre a heterossexualidade e a homossexualidade, por outro representa a sexualidade como múltipla e plural. Nessa variação, os personagens não mostram uma definição rígida e forçada de suas sexualidades, reafirmando a ideia já citada de que a sexualidade está em constante transformação durante todo o desenvolvimento do sujeito (COSTA et al, 2001).

### **“Eu quero ser bom”**

Querer ser bom é querer ser “normal”, aceito socialmente e, por vezes, aceitar a si mesmo. Alguns diálogos do filme simbolizam a repressão social internalizada. Quando Oliver e Elio se beijam pela primeira vez, por exemplo, Oliver interrompe o beijo e quando questionado, responde: “[...] *Eu me conheço. Não fizemos nada vergonhoso, e isso é uma coisa boa, eu quero ser bom*”. Outro diálogo representativo sobre a repressão social é a conversa por telefone em que Elio diz: “*Eles sabem*”, referindo-se aos pais e Oliver responde: “*Você tem sorte, meus pais me mandariam para um internato*”.

Pelo que se nota, Oliver tinha certo receio em se aproximar de Elio, primeiro por não saber seu verdadeiro interesse, mas também – pelo que se nota nesse primeiro diálogo citado – por crer que certas coisas que faz são vergonhosas ou erradas. Considerando a época em que o

filme se passa, e até nos dias atuais, é comum que a sexualidade dos jovens seja reprimida (seja ela heterossexual ou não), o que muitas vezes limita a sua expressão e a sua vivência, trazendo diversos prejuízos a curto e longo prazo, assim como sofrimento em vários âmbitos da vida dos envolvidos (CHAUI, 1984).

***“Sabe que sempre pode conversar conosco”***

Um ponto importante de se tratar é sobre a educação sexual na família de Elio. Em nenhum momento, os pais deste dialogam com o filho sobre a sua vida afetivo-sexual, nem se tratando de Marzia e muito menos de Oliver; sempre deixam o menino bastante livre para fazer o que quisesse e mostrando-se disponíveis para o filho, caso ele quisesse conversar. Nesse aspecto, apesar de parecer uma educação sexual omissa (SPAZIANI; PEREIRA; MAIA, 2014), não nos pareceu ser esse o caso. Os pais de Elio o deixaram livre para tomar sua decisão em relação ao que fazer sobre o que sentia por Oliver e não interferiram. De qualquer forma, o suporte emocional que qualquer adolescente deveria ter por parte da família aparece de modo periférico e não é destaque no longa.

Destacamos aqui que é consenso na literatura que a educação sexual informal atinge a todas as pessoas, seja pela família, cultura, religião, mídia, etc. (FURLANI, 2009) e que, de uma forma ou outra, somos expostos às várias informações sobre sexualidade, que nem sempre garantem a formação de comportamentos preventivos. Assim, Beserra, Pinheiro, Alves e Barroso (2008) lembram que a falta de diálogo entre adultos e os adolescentes pode se tornar um fator de risco quando se trata do ato sexual em si, por exemplo, com aumento dos índices de contração de IST's e gravidezes precoces. No filme, a narrativa foca no relacionamento amoroso homoerótico, mas em nenhum

momento - em cenas ou diálogos - fica subentendido se há o uso de preservativos nas relações sexuais praticadas.

### **“Eu me lembro de tudo”**

Na última parte do filme, percebemos o imenso pesar que Elio sente quando Oliver vai embora. Mesmo tendo se envolvido diante de um relacionamento acordado que teria um fim breve, essa situação é marcada por um luto, mostrado apenas da perspectiva de Elio, que fica na estação de trem após se despedir de Oliver e liga chorando para sua mãe ir busca-lo.

Assim, é apenas no momento em que realmente há a separação dos personagens que Elio sente a perda que já sabia que sofreria e exterioriza o chamado luto (KUBLER-ROSS, 1969). Quando Elio regressa a casa, conversa com seu pai em um diálogo que pode ser considerado o mais bonito do longa. O pai, então, o acolhe e passa um ensinamento importante para o filho a respeito da vida e das relações – que toca o espectador de várias maneiras:

*[...] - Quando nós menos esperamos, a Natureza tem maneiras astutas de encontrar nossos pontos mais fracos. Apenas... lembre-se que estou aqui. Agora você pode não querer sentir nada. Talvez nunca tenha desejado sentir algo. E... talvez não seja comigo com quem você queira falar dessas coisas, mas... sentir algo, você obviamente sentiu. Vocês tiveram uma amizade linda. Talvez mais do que uma amizade. E eu invejo você. No meu lugar, a maioria dos pais torceria para isso tudo passar, rezaria para que os filhos ficassem bem, mas... eu não sou esse tipo de pai. Nós arrancamos tanto de nós mesmos para nos curarmos mais depressa das coisas, que ficamos esgotados perto dos 30 anos. E temos menos a oferecer cada vez que começamos com alguém novo. Mas se obrigar a ser insensível... assim como sentir nada... que desperdício! [...] Agora você sente*

*tristeza... dor... não as mate. Muito menos a felicidade que você sentiu.*

Nesse “monólogo” do pai de Elio, fica claro que ele sabia o que estava acontecendo e deixou o filho livre para tomar sua decisão e viver o que escolhesse, assim como se mostrou disponível para apoiá-lo, demonstrando empatia pelo luto amoroso sofrido pelo filho. Outro momento que esse luto fica mais claro é quando, passado um tempo, Oliver telefona para a casa de Elio para dizer que vai se casar. Ambos se chamam pelos nomes trocados – coisa que faziam quando estavam “juntos” – e é possível perceber uma transformação do pesar em nostalgia no diálogo, onde Oliver diz *“eu me lembro de tudo”*.

Esse momento simboliza a transformação dos personagens em relação à história dos dois e aos sentimentos. Há o reconhecimento de que viveram algo importante juntos, mas estão separados, sem anular tudo que passaram e sentiram. Também há evidências dos sentimentos reelaborados. Na cena que segue, vemos Elio chorando em frente a uma lareira com um olhar de melancolia que, aos poucos, dá lugar a um olhar mais leve, como se ele lembrasse mais com alegria do que foi vivido do que com tristeza pelo fim de tudo.

### **Considerações Finais**

O filme é uma bela produção, sendo delicado e bonito ao retratar os sentimentos amorosos de um adolescente e a construção de um vínculo homoafetivo, desde o início até o rompimento. O longa pode servir para refletir sobre as possíveis crenças que podem existir acerca do desenvolvimento da sexualidade como algo fixo ou estereotipado, assim como repensar a repressão sexual que internalizamos muitas vezes sem perceber.

A relação entre os pais e o filho Elio evidencia um respeito saudável que deve existir nas famílias, pois, apesar de não falarem muitas coisas para o filho, deixaram-no livre para fazer suas escolhas afetivas, deixando claro que estariam disponíveis para acolhê-lo. O filme também traz à tona alegrias e tristezas inerentes aos relacionamentos, e que é comum vivenciarmos essas relações com ansiedade.

Apesar de longa só ter personagens no padrão estético (brancos, magros, classe média), considera-se que traz certa representatividade de uma relação amorosa e sexual não heteronormativa, podendo ser um bom recurso para jovens levarem essa temática para dentro de casa ou para o grupo de pares, por exemplo.

## Referências

AMORIM, R. M.; MAIA, A. C. B. Sexualidade na adolescência: dúvidas de alunos de uma escola pública. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 7, n. 4, p. 95-106, sep. 2013.

ANDRADE, J. R. de. **Processo De Luto Diante Da Separação Amorosa**. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade do Vale do Itajaí, Faculdade de Psicologia, Biguaçu-SC, 2009.

BESERRA, E. P.; PINHEIRO, P. N.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Adolescência e Vulnerabilidade às Doenças Sexualmente Transmissíveis: Uma Pesquisa Documental. **J Bras Doenças Sex Trans**, v. 20, n. 1, p. 32-5, 2008.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa des(conhecida)**. São Paulo: Editora brasiliense, 6. ed., 1984.

COSTA, M. C. O.; LOPES, C. P. A.; SOUZA, R. D.; PATEL, B. N. Sexualidade Na Adolescência: Desenvolvimento, Vivência e Propostas de Intervenção. **Jornal de Pediatria**, v. 77, n. 2, p. 217-224, 2001.

DOMINGUES, C. M. A. S.; DE ALVARENGA, A. T. Identidade e sexualidade no discurso adolescente. **Journal of Human Growth and Development**, v. 7, n. 2, 1997.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Como Ensinar No Espaço Da Escola Sexual Education: How To Teach In The School Environment. **Revista Linhas**, v. 7, n. 1, 2007.

FURLANI, J. Encarar o desafio da educação sexual na escola. **Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade**. Curitiba -Paraná, p. 37-49, 2009.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. New York: Scribner; 1ª ed., 1969.

MAIA, A. C. B. A educação sexual repressiva: Padrões definidores de normalidade. In: SOUZA, C. B. G.; RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade, diversidade e culturas escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores**. Araraquara: FCL/Unesp Laboratório Editorial; Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2008, p.67-117.

MAIA, A. C. B.; PASTANA, M. Sexualidade e Diversidade Sexual na Formação em Psicologia. **Revista Brasileira De Sexualidade Humana**, v. 29, n. 1, p. 83-90, dez. 2018.

MARCONDES, M. V.; TRIERWEILER, M.; CRUZ, R. M. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília , v.26, n. 1, p. 94-105, mar. 2006.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Artmed Editora, 10ª ed., 2013.

VIEIRA, K. F. L.; NOBREGA, R. P. M. da; ARRUDA, M. V. S.; VEIGA, P. M. de M. Representação Social das Relações Sexuais: um Estudo Transgeracional entre Mulheres. **Psicol. Cienc. Prof.** 2016, vol.36, n.2, pp.329-340, jun. 2016.



SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 9, jan. 2001.

SPAZIANI, R. B.; PEREIRA, P. C.; MAIA, A. C. B. Memórias da educação sexual: relatos de educadoras sobre a infância e adolescência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 9, n. 3, p. 646-655, 2014.

SILVA, A. de S. N.; SILVA, B. L. C. N.; JÚNIOR, A. F. da S.; SILVA, M. C. F. da; GUERREIRO, J. F., SOUSA, A. do S. C. de A. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, **Rev Pan-Amaz Saude**, Pará, v. 6, n.3, p. 27-34, set. 2015.

SOLIVA, T. B.; DA SILVA JUNIOR, J. B. Entre Revelar E Esconder: Pais E Filhos Em Face Da Descoberta Da Homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 17, p. 124-148, ago. 2014.

SOUSA, L. B. de; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 19, n. 4, p. 408-413.

## Capítulo 11

# E SE VIVÉSSEMOS TODOS JUNTOS?: REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE NO ENVELHECIMENTO

Débora de Aro Navega  
Tatiana de Cássia Ramos Netto

### Introdução

A perspectiva social do envelhecimento reconhece a diversidade de perfis, necessidades, graus de autonomia e funcionalidades das pessoas idosas. Essas singularidades são decorrentes não apenas da genética, das alterações na estrutura e funcionamento do corpo e da constituição psíquica individual, mas também das diferentes condições socioeconômicas, culturais e psicossociais experimentadas ao longo da vida.

Discutir o “envelhecimento” como um fenômeno social, implica em considerar as necessidades conquistadas na esfera dos direitos e das políticas públicas, bem como no setor econômico de serviços e produtos voltados à esta população (DEBERT, 1999).

Ao mesmo tempo em que as sociedades capitalistas valorizam o corpo jovem como ideal de produtividade e beleza, depreciando a velhice, as pessoas idosas têm sido absorvidas como consumidoras (SILVA; MARQUES; LYRA, 2009) e o sentido do envelhecer tem sido resignificado na contemporaneidade, em busca do combate à discriminação etária e à superação de estereótipos que associam a velhice a uma situação de dependência e falta de saúde (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

Evidentemente que não se ignora o declínio da capacidade para o desenvolvimento das atividades da vida diária, que pode manifestar-se nas variadas habilidades e em diferentes intensidades. Entretanto, as implicações do envelhecer satisfatoriamente deslocam-se do indivíduo para o coletivo (SILVA; MARQUES; LYRA, 2009). Por isso, as políticas públicas devem assegurar os direitos e favorecer a participação das pessoas idosas na sociedade (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015).

O Estatuto do idoso<sup>1</sup> (Brasil, 2003) estabelece que os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana devem se aplicar igualmente às pessoas na velhice, sendo obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurá-los. Entre esses direitos, estão a dignidade, o respeito e a liberdade e também os direitos sexuais. A Associação Mundial pela Saúde Sexual (2014) declara como direitos sexuais: a autonomia e a integridade corporal; a privacidade; a educação sexual esclarecedora; a constituição, formalização e dissolução de relacionamentos baseados em igualdade, com consentimento livre e absoluto; e o direito de participação em vida pública e política, entre outros.

A manifestação da sexualidade, como uma dimensão humana que existe independentemente da idade, é influenciada por padrões sociais, culturais e históricos. Tal conceito considera a sexualidade como um conjunto de expressões subjetivas e sociais, tais como as identidades de gênero, desejos, crenças, práticas sexuais, etc. (MAIA; RIBEIRO, 2011; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

---

<sup>1</sup> O Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003) é a lei brasileira que regulamenta os direitos assegurados a todos os cidadãos a partir dos 60 anos de idade e estabelece deveres e medidas de punição. É a forma legal de maior potencial da perspectiva de proteção e regulamentação dos direitos da pessoa idosa.

Além disso, a prática sexual é uma das expressões de um conjunto de sentimentos, concepções e ações que envolvem a sexualidade humana; entretanto, é comum a genitalização da sexualidade e a vinculação do sexo às funções reprodutivas (COELHO, et. al.; 2010; MAIA, 2010). Assim, o sexo-prazer tanto está sujeito à negação, quando à obrigatoriedade, pois há uma ideia normatizada sobre a sexualidade que desconsidera o reconhecimento da pluralidade de possibilidades de sua expressão (SILVA; MARQUES; LYRA, 2009; VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016).

A sexualidade reducionista, quando é vinculada ao envelhecimento, passa a ser descartada, como se uma pessoa que não fizesse sexo para procriação, mas sim para obtenção de prazer, fosse estigmatizada com uma sexualidade “desnecessária”, ou mesmo patológica.

Partindo da ideia que a dessexualização no envelhecimento não é cronológica e sim uma questão social (GRANDIM et. al., 2007; LINHARES et. al., 2008), torna-se necessário para a compreensão do comportamento sexual do idoso olhar para os costumes sexuais construídos em sociedade. As dificuldades sexuais vivenciadas por alguns idosos hoje podem estar relacionadas não só a um fator isolado, mas sim à consequências e resultados de toda uma história, regulada por códigos e padrões sócio normativos dentro da sociedade (PASCUAL, 2002).

Alguns estudos têm ressaltado a importância de reconhecer as pessoas idosas como sendo sexuadas (ALENCAR; 2016; NETTO-MARTINS, 2012). Ainda que apresentem possíveis dificuldades na resposta sexual, decorrentes do envelhecimento, a prática sexual na idade avançada é tanto possível, quanto desejável.

Alencar et. al. (2016) entrevistaram 235 pessoas com mais de 60 anos, majoritariamente do sexo feminino, inscritas na Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Federal

de Pernambuco, para análise dos fatores que interferem na sexualidade. Foram encontradas percepções da sexualidade tanto de modo holístico, como limitada à genitalidade. Práticas sexuais de autoerotismo e em casal foram relatadas, assim como a ausência de práticas, mesmo entre os que referiam desejo. Outro resultado encontrado foi a insatisfação com a imagem corporal, especialmente devido ao excesso de peso entre mulheres.

Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) analisaram as representações sociais sobre sexualidade do grupo de 30 idosos frequentadores de um grupo de convivência localizado em João Pessoa-PB. A sexualidade foi associada ao prazer, à relação sexual, à aspectos dos relacionamentos como carinho, intimidade, companheirismo, amor. Tal qual ao desejo, ao viver, à autoestima e às atitudes. As percepções sobre a existência de efeitos do envelhecimento na vivência sexual e da necessidade de práticas sexuais foram variadas, assim como as impressões sobre a aceitação ou rejeição social da sexualidade na velhice.

Coelho et. al. (2010) debateram sobre a crença da assexualidade a partir de uma pesquisa com 15 mulheres na velhice. Segundo as autoras, a ideia de que mulheres mais velhas não têm mais sexualidade está atrelada ao fato da procriação e uma vez que a menopausa implica na ausência dessa possibilidade, a sexualidade seria “extinta”. Também defendem que a sexualidade pode ser vivida de forma sadia e prazerosa também na velhice e que as mudanças no campo físico e estético, ao longo do tempo, podem ser os motivos para que as idosas tenham dificuldades para expressarem a sexualidade ou vivenciá-la de modo conflituoso. Também pontuaram o namoro e o companheirismo como ocupantes da relação sexual e concluem que a sexualidade não desaparece, mas toma outra roupagem, e se adapta aos prazeres da nova pessoa com idade avançada.

Com o objetivo de descrever a percepção de idosos sobre o exercício da sexualidade, Linhares et. al. (2008) fazem menção da sexualidade relacionada à capacidade física, sentimentos e a maneira como foi vivenciada na juventude. As mudanças fisiológicas e a aparência física foram apontadas como fatores que influenciam negativamente na sexualidade. Já para Grandim et al. (2007), os idosos com condições físicas favoráveis e parceiros fixos, continuam a manter relações sexuais, e ainda exprimem sua sexualidade por meio de carícias e toques de afeto, conforme sugerido por alguns participantes.

Diante desta breve apresentação sobre a sexualidade e o envelhecimento e visando promover a visibilidade dos direitos sexuais dessa população, bem como contribuir para discussões em uma perspectiva psicossocial das possibilidades dessas vivências, propomos analisar a obra de ficção “E se vivêssemos todos juntos? ”, um longa-metragem que apresenta personagens de meia idade e idade avançada e suas vivências interpessoais, sociais, afetivas e sexuais.

### Vídeo Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Et si on vivait tous ensemble?
Nome Traduzido	E Se Vivêssemos Todos Juntos?
Gênero	Comédia/Drama
Ano	2011
Local de lançamento e Idioma original	França/Francês
Duração	1h36min
Direção	Stéphane Robelin

O filme narra a história de um grupo de cinco amigos de longa data que se encontra com frequência para jantar, jogar cartas, etc. Jeanne (Jane Fonda) e Albert (Pierre Richard) formam um casal heterossexual e Annie (Geraldine Chaplin) e Jean (Guy Bedos) outro, também heterossexual. Claude (Claude Rich) é um homem divorciado.

O foco do filme é a ideia dos amigos de morarem juntos para proporcionarem suporte mútuo, diante do adoecimento de Claude, Jeanne e Albert. A convivência diária acarreta suportes e contratempos e desvela segredos e conflitos do passado.

A narrativa evidencia a identidade e a personalidade de cada um, seu modo de viver, envelhecer e morrer. Mesmo retratando o empenho individual no enfrentamento das limitações ou das perdas experimentadas, o filme evidencia a importância do apoio dos amigos nesse processo.

## **Análise Crítica**

Para facilitar o relato da análise do filme, iremos apresentá-la a partir de categorias temáticas, tendo como eixo norteador a sexualidade das pessoas idosas.

### ***Envelhecer: condições objetivas e subjetivas***

Enquanto Anne e Jean vivenciam o envelhecimento com boa saúde física, Claude, Albert e Jean enfrentam processos de adoecimento. Contudo, apesar dos infortúnios provocados pelos sinais e sintomas (como dor, sérios esquecimentos ou mesmo o risco de morte), os personagens enfrentam a condição que se impõe, sem vitimismo ou lástimas. Ou seja, os indivíduos não permitem que a doença ocupe todo o seu ser e viver.

São vários os exemplos de exercício da autonomia. A personagem Jeanne decide não compartilhar o diagnóstico

de câncer, assim como não realizar o tratamento. O marido Albert descobre e mantém sigilo, respeitando as suas decisões. Jeanne chega até mesmo a planejar o seu velório e enterro, escolhendo um caixão colorido e deixando uma carta expressando como gostaria que seu marido e amigos vivenciassem esses momentos. Podemos perceber que personagem trata a finitude da vida de forma natural e sem grandes conflitos diante da morte.

Claude, que é cardiopata, continua a tirar fotografias na Instituição de Longa Permanência (ILP) em que é internado. Já vivendo com os amigos, o personagem opta por tomar o medicamento e garantir a ereção, mesmo ciente dos riscos da prática, contraindicada pelo médico.

Contudo, outros eventos denunciam o desrespeito à autonomia dos personagens. Jean participa de um protesto e ofende o policial, que invalida sua atitude, ao ignorá-lo por ser um idoso. Claude é internado em uma ILP pela vontade do filho e sente a perda de sua privacidade. No intuito de proteger Albert de quedas e outros perigos nas ruas, a filha convence Jeanne a se desfazer do cachorro do casal, o qual Albert costumava levar todos os dias para passear. Podemos perceber que nas situações de desrespeito, os amigos intervêm e prestam apoio: validam o ativismo de Jean, retiram Claude da ILP para morarem juntos e recuperam o cachorro de Albert. Corroboramos com Omelczuk e Monteiro (2014) quanto ao empoderamento e protagonismo dos personagens que escolhem por viverem juntos, compartilhando o cuidado de si e o comprometimento com os amigos, com seus desafios e vantagens.

### ***Relacionamentos familiares e vínculos afetivos***

Em geral, os filhos parecem distantes tanto fisicamente quanto emocionalmente. Aproximaram-se dos personagens em decorrência de urgências de saúde e, de



certa forma, tentam impor a melhor solução conforme seus próprios pontos de vista.

A filha de Jeanne e Albert se faz presente no enterro da mãe e na internação de Albert pela queda, quando convence Jeanne a se desfazer do cachorro. Já o filho de Claude interna o pai à contragosto em uma ILP após o diagnóstico de saúde precária do mesmo. Ele ainda repreende o pai pela relação com uma profissional do sexo, claramente de modo a invadir sua intimidade e liberdade e de certa forma, desmerece os desejos sexuais do pai. Também os netos de Anne só comparecem em sua casa após a construção da piscina.

Nos atendimentos de Jeanne e Claude, os profissionais médicos adotam posturas que podemos considerar inadequadas. O médico de Jeanne vai à sua casa e revela ao marido seu diagnóstico e a descontinuidade de seu tratamento. Enquanto Claude relata que seu médico debochou de sua queixa de impotência sexual.

Já o cuidador, inicialmente aceito por Albert com certa resistência, conquista sua confiança ao longo do tempo, assim como a de outros amigos. Albert confessa ao cuidador sua angústia quanto à perda da memória e ele passa a auxiliá-lo nas compras que ele quer fazer pela internet. O cuidador é um rapaz jovem que se insere no grupo, também com o objetivo de fazer uma pesquisa dessa nova modalidade de moradia: idosos amigos que moram juntos, desacompanhados de outros familiares.

O rapaz estabelece um vínculo mais estreito com Jeanne, com que tem várias conversas, com apoio emocional mútuo. Ele auxilia Claude em sua higiene corporal e na aquisição de medicamento para a impotência, mediante insistência do mesmo de que esta era a sua vontade. De certa forma, ele responde a um vínculo de acolhimento e cumplicidade.

É interessante notar que como pesquisador, ele lança um olhar antropológico para o dia a dia daquele grupo, registrando seus hábitos e costumes, ao residir com os mesmos. Esta visão ampliada permite que o cuidador mantenha uma relação muito próxima enquanto continua, ainda assim sendo um observador. Para Porchat (2013), Dick tem um papel crucial como cuidador, de ajuda-los a morrer e a viver. É fonte de potência, juventude, afeto positivo, acalanto, escuta. E além disso, em suas vivências pessoais transmite aos moradores a ideia de prosseguimento da vida.

### ***Sexualidade na velhice: práticas sexuais e conjugalidade***

A literatura tem repetidamente evidenciado as alterações típicas na resposta sexual no envelhecimento (CARVAJAL, 2008; POLITZER, 2009). O filme mostra, no personagem Claude, uma dificuldade na resposta sexual, comum no envelhecimento. Diante do problema de disfunção erétil, ele recorre ao medicamento “viagra<sup>2</sup>” e deixa evidente a existência do desejo sexual, mesmo com a dificuldade de excitação.

Cenas que evidenciam o desejo sexual e práticas sexuais são apresentadas de um modo “leve”, sem ser cômico, nem trágico. A personagem Jeanne confia ao cuidador e pesquisador que ela tem o hábito de se masturbar e tem fantasias sexuais com um ex amante. O desconforto do rapaz, diante das confissões dela, evidencia o mito da assexualidade no envelhecimento (ALMEIDA; PATRIOTA, 2009; PASCUAL, 2002 e VERAS, 1995),

---

<sup>2</sup> Nome fantasia dado ao medicamento cujo o princípio ativo é o citrato de sildenafila. É indicado para o tratamento da disfunção erétil, entendida como sendo a incapacidade de obter ou manter uma ereção (rigidez do pênis) suficiente para o desempenho sexual satisfatório.

ressaltado pelo próprio questionamento dela sobre esse tema nunca ter sido tratado por ele, nas suas observações e investigações na convivência do grupo.

Nos diálogos, nas atividades conjuntas e na interação entre eles, a sexualidade aparece por um lado, nas memórias do passado de uma vida intensa sexualmente e amorosamente e por outro, na imagem de pessoas idosas, em uma roupagem “moderna”: a ideia de morarem juntos na velhice os hábitos que envolvem as peripécias próprias de pessoas ativas e jovens, as vestimentas que não correspondem aos estereótipos da “vovó” recatada. A personagem Annie usa um tênis verde da marca “*all star*” e Jeanne inspira sensualidade e elegância nas vestimentas.

Na mesma direção, podemos perceber que as pessoas idosas do filme colocam em evidência um novo envelhecimento que não reproduz as imagens de apatia, assexualidade, androgenia e também valores morais “tradicionais” como monogamia e fidelidade.

Enfim, o filme retrata a sexualidade no sentido amplo, considerando as práticas sexuais, mas também a importância de outras expressões, como afeto, amizade, autoimagem, gênero, conjugalidade, etc.; ressaltando o reconhecimento de que a sexualidade é um dos aspectos importantes para a qualidade de vida. Autores como Almeida e Patriota (2009) e Veras (1995) têm ressaltado que apesar dos vários preconceitos relacionados à vida sexual em idades mais avançadas, a sexualidade pode ser vivenciada por todos, independentemente da idade cronológica.

### **Considerações Finais**

O filme apresenta os personagens idosos como protagonistas em sua narrativa, abordando de forma rica e diversa a expressão da sexualidade na velhice, tornando-se

um importante material de discussão e esclarecimento sobre a temática. Outras questões emergentes não foram mencionadas no filme, tais como a relação do envelhecimento com o trabalho, com a viuvez ou com o contágio de infecções sexualmente transmissíveis, mas isso não diminui o potencial para problematizar e desmistificar os tabus relacionados.

Diferentemente de outros filmes, as personagens retratam o/a(s) idoso/a(s) do século XXI, isto é, que mantém uma vida ativa social, afetiva e, sobretudo, sexual, a despeito de problemas de saúde, que poderiam se tornar impeditivos e levar à estagnação. São pessoas que se reconhecem como seres sexuais e vivem o envelhecimento com certa alegria e humor, indo contra as imagens de debilidade, de infelicidade e de finitude que rodam as pessoas ao envelhecerem.

Entretanto, é necessário atentar para a representação dos personagens que são europeus, heterossexuais, brancos e com condições sócio econômicas favoráveis e que, evidentemente influenciam na qualidade de vida social e sexual. Ou seja, ainda que possam representar algumas características psicossociais dessa fase do desenvolvimento, há questões singulares dos personagens e de suas sexualidades que não correspondem com as da população geral de idosos brasileiros e não podem ser generalizadas desavisadamente.

## Referências

ALENCAR, D. L., MARQUES, A. P.O, LEAL, M. C. C., VIEIRA, J. D. C. M. (2016). Exercício da sexualidade em pessoas idosos e os fatores relacionados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 19, n. 5, p.861-869, 2016.

ALMEIDA, A. A.; PATRIOTA, L. M. Sexualidade na terceira idade: um estudo com idosas usuárias do programa Saúde da Família do bairro das cidades – Campina Grande/PB. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2009. Disponível em: < <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/rtitle/view/397/274>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL PELA SAÚDE SEXUAL. **Declaração dos direitos sexuais**, 2014. Disponível em: < <http://www.worldsexology.org/wp-content/uploads/2013/08/DSR-Portugese.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 10741, de 1º de Outubro de 2003. **Dispõe o Estatuto do Idoso e dá outras Providências**. *Presidência da República: Casa Civil, Brasília/DF*. 182a da Independência e 115a da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm). Acesso em: 13 jan. 2019.

CARVAJAL, J. D. B. Sexualidad y Senectud. **Hacia la Promoción de Salud**, v.8, n.1, p.13-24, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3091/309126690002.pdf>>. Acesso em 31 ago. 2019.

COELHO, D. N. P.; DAHER, D. V.; SANTANA, R. F.; SANTO, F. H. do. Percepção de Mulheres Idosas Sobre Sexualidade: implicações de gênero e no cuidado de enfermagem. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, 2010. vol. 11, n. 3, p. 163 - 173. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027972017>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice**. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo (SP): Editora da UNESP; FAPESP, 1999.

GRADIM, C. V. C.; SOUSA, A. M. M.; LOBO, J. M. A prática sexual e o envelhecimento. **Cogitare Enfermagem**, v. 12, n. 2, nov. 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/9826/6737>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

LIMA, V. X., DE OLIVEIRA MARQUES, A. P., LYRA-DA-FONSECA, J. L. C. Considerações sobre a sexualidade dos

idosos nos textos gerontológicos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 12, n. 2, p.295-303, 2009.

LINHARES, F. M. P.; POTTES, A. F.; ARAÚJO, E. C.; MENEZES, E. P.; SIQUEIRA, K. A. Percepção de idosos sobre o exercício da sexualidade atendidos no Núcleo de Atenção ao idoso em Recife. **Rev. enferm. Hereditaria**, Recife, v. 1, n. 2, p. 93-103, 2008.

MAIA, A.C.B. Conceito amplo de sexualidade no processo de Educação Sexual. **Revista Psicopedagogia on line.**, s/p, 2010. Extraído de: <http://www.psicopedagogiaonline.com.br/index.php/artigos>. Acesso em 02.08.2019.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação Sexual: princípios para a ação. **Doxa Revista Paulista de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011.

OMELCZUK, F.; MONTEIRO, G.G. Imagens de uma nova velhice: considerações a partir do filme E se vivêssemos todos juntos? **Revista Kairós Gerontologia**, vol. 17, n. 4, p. 245-259, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual and reproductive health: Core competencies in primary care**. Switzerland, 2011. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44507/9789241501002\\_eng.pdf?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44507/9789241501002_eng.pdf?sequence=1). Acesso em: 30 ago. 2019.

NASCIMENTO, R. F., MARIN, M. J. S., PIROLO, S. M.; LACERDA, M. R. Vivência da sexualidade por mulheres idosas. **Revista Enfermagem UERJ**, vol. 25, n. 20892, p. 1-5, 2017.

NETTO-MARTINS, T. de C. R. **Sexualidade e Envelhecimento na Percepção de Pessoas Idosas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, Bauru.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Resumo: Relatório Mundial de envelhecimento e saúde**. 2015. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/>

handle/10665/186468/WHO\_FWC\_ALC\_15.01\_por.pdf;jsessionid=98D26DE74D2C1333D68179D3A27BDB1B?sequence=6. Acesso em: 30 ago. 2019.

PASCUAL, Cosme Puerto. **A Sexualidade Do Idoso Vista Com Novo Olhar**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 165.

POLITZER, A. A; ALVES, T.M.B. Perfil da satisfação e função sexual de mulheres idosas. **Fisioter mov**. v. 22, n. 2, p. 151-158, 2009.

PORCHAT, P. Longa Francês aborda sexualidade e finitude: E se vivêssemos todos juntos? retrata a vida de idosos que se unem para cuidar uns dos outros. **Scientific American: Mente Cérebro**. Notícias. Janeiro de 2013. Disponível em [http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/sexualidade\\_afeto\\_e\\_finitude\\_sao\\_temas\\_abordados\\_em\\_filme\\_de\\_stephane\\_robelin.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/sexualidade_afeto_e_finitude_sao_temas_abordados_em_filme_de_stephane_robelin.html).

Acesso em 28 ago. 2019.

SILVA, V. X.L., MARQUES, A. P.O., LYRA-DA-FONSECA, J. L. C. Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 12, n. 2, p.295-303, 2009.

VERAS, Renato P. **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1995.

VIEIRA, K. F. L., COUTINHO, M. D. P.L.; SARAIVA, E. R.A. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol. 36, n. 1, p. 196-209, 2016.

## SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)

**Ana Carla Vieira Ottoni.** Psicóloga, mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP/Bauru). Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e docente do curso de graduação em Psicologia na Universidade do Sagrado Coração (USC/Bauru). Áreas de atuação: Psicologia Escolar Educacional; Inclusão Escolar; Transtorno do Espectro Autista; Sexualidade e Educação Sexual.

E-mail: [anavieiraottoni@gmail.com](mailto:anavieiraottoni@gmail.com)

**Ana Cláudia Bortolozzi Maia.** Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Doutora e Livre docente. Coordenadora do Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura- GPESEC e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana LASEX. Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e inclusão.

E-mail: [claudia.bortolozzi@unesp.br](mailto:claudia.bortolozzi@unesp.br)

**Andressa Carolina Donato.** Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de Bauru, Faculdade de Ciências. Atua no estágio curricular: Psicologia e Educação: Processos de Intervenção: Educação Sexual.

E-mail: [andressadonato@hotmail.com](mailto:andressadonato@hotmail.com)

**Ariela Cursino Lanfranchi.** Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –



UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Redução de Danos; Uso e abuso de substâncias; Psicologia social; Psicanálise. Estudante no grupo de pesquisa Psicanálise: Clínica, Teoria e Cultura. Membro do núcleo da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO Bauru. Membro do coletivo RD Bauru.

E-mail: arielacursinolanfranchi@gmail.com

**Caio Eduardo Gonçalves Lunardi.** Graduando em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências. Vinculação ao Núcleo de Ensino: “Educação Infantil e formação humana: a mediação da literatura infantil”. Atua nos estágios curriculares: Clínica Psicanalítica - Adultos, Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, e Orientação Profissional e para o Trabalho.

E-mail: caioeglunardi@gmail.com

**Daniel de Medeiros Gaiotto.** Graduando em Psicologia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Faculdade de Ciências. Membro do Grupo de Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura - (GPESEC)" e do Grupo de Estudos da Pedagogia Histórico-Crítica em Bauru, vinculado ao HISTEDOPR - Grupo de pesquisa em "História, Sociedade e Educação no Brasil" - GT da Região Oeste do Paraná. Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento, Sexualidade e Educação.

E-mail: daniel.med.gaiotto@gmail.com

**Débora de Aro Navega.** Enfermeira. Mestre em Educação Sexual pela UNESP-Araraquara/SP, pela linha Desenvolvimento, Sexualidade e Diversidade na formação de professores e profissionais de saúde (2016). Monitora de Educação profissional nos cursos Técnico em enfermagem e de Qualificação em Cuidador de idosos no Serviço

Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-Bauru /SP).  
Pesquisadora junto ao Grupo de Pesquisa “Sexualidade,  
Educação e Cultura”- GEPESEC, Unesp, Bauru.  
E-mail:deboradearonavega@gmail.com

**Deborah Placeres de Araujo.** Graduanda em Psicologia.  
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de  
Ciências. Áreas de atuação: terapia comportamental; saúde  
mental e comunidade; processos de aprendizagem.  
E-mail: o1paraujo@gmail.com

**Fernanda Santos de Souza.** Graduanda em Psicologia.  
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de  
Ciências. Áreas de atuação: psicoterapia de orientação  
psicanalítica; orientação profissional; psicologia da educação.  
E-mail: psicofernandassouza@gmail.com

**José Felipe Vaz de Assis.** Jornalista. Mestrando em  
Comunicação Midiática. Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Faculdade de Artes  
Arquitetura e Comunicação (FAAC). Áreas de atuação:  
Jornalismo, Identidade, Sexualidade e Representações.  
E-mail: josefelipevazdeassis@gmail.com

**João Artur de Falco Tizzo.** Graduando em Psicologia.  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –  
UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Terapia  
Comportamental; Terapia de Casal; Psicologia Escolar e  
Orientação Profissional.  
E-mail: joao.arturtizzo@gmail.com

**Kananda Amancio Pinheiro.** Graduanda em Psicologia.  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –  
UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Clínica  
Psicanalítica Infantil; Psicologia e Inclusão Educacional;

Psicologia Social: Acompanhamento Terapêutico (Ênfase Saúde Mental).

E-mail: knnd.pinheiro@gmail.com

**Lauren Cristine Aguiar Nunes.** Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Clínica Comportamental; Psicologia e Inclusão Educacional; Acompanhamento Terapêutico de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista.

E-mail: laurencanunes@gmail.com

**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho.** Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) e do Grupo "A Inclusão da Pessoa com Deficiência, TGD/TEA ou Superdotação e os Contextos de Aprendizagem e Desenvolvimento". Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Sexualidade, Educação Sexual e Inclusão.

E-mail: leilane.spadotto@hotmail.com

**Lucas Matheus Fernandes Baravieira.** Graduando em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Terapia comportamental infantil e aconselhamento parental; Psicologia Escolar.

E-mail: lucasbaravieira@hotmail.com

**Lúisa Aliboni de Toledo e Silva.** Psicóloga pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Bauru e Mestranda no

Programa de Pós Graduação de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da UNESP de Bauru. Atua na área da Psicologia Organizacional e do Trabalho e Saúde do Trabalhador.

E-mail: aliboniluisa@gmail.com

**Marina Ramos Coiado.** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Membro do Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura e do Grupo de Pesquisa A Inclusão da Pessoa com Deficiência, TGD/TEA ou Superdotação e os Contextos de Aprendizagem e Desenvolvimento. Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento, Cultura, Sexualidade e Educação e Inclusão.

E-mail: marinarcoiado@gmail.com

**Mirela Bosco.** Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Cultura, pós-graduanda do Programa de Especialização de Saúde Mental e Cognição pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. Áreas de atuação: Sexualidade, Clínica Psicanalítica, Saúde Mental e Comunidade.

E-mail: mirelambosco@gmail.com

**Natália Cordón Fortuna Pereira.** Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Bolsista do Projeto PET Saúde/Interprofissionalidade. Vinculação aos projetos de extensão: "A escuta psicanalítica no serviço escola: corpos e sofrimentos contemporâneos" e

"Psicologia Histórico Cultural e a Formação do Psiquismo: Controle de Epidemia da Transmissão Vertical do HIV/AIDS". Atua nos estágios curriculares: Clínica de Orientação Psicanalítica: Psicoterapia e Psicanálise de Crianças, Saúde Mental e Comunidade e Educação Sexual.  
Email: natalia\_pereira12@hotmail.com

**Pedro Carvalho Gomes.** Graduando em Psicologia. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Desenvolvimento humano; Saúde Mental; Psicologia social; Psicologia Histórico Cultural. Estudante extensionista no grupo de Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem.  
E-mail: pedro.interage@gmail.com

**Raphael dos Santos Teixeira.** Psicólogo. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. Áreas de atuação: Psicologia analítico comportamental, gênero, sexualidade e LGBTfobia  
E-mail: raphael.santost@gmail.com

**Tamires Giorgetti Costa.** Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP. Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento, Sexualidade e Estigma.  
E-mail: tamiresgiorgetti@yahoo.com.br

**Tatiana de Cássia Ramos Netto.** Psicóloga. Mestre e doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista "Julio

de Mesquita Filho” – UNESP. Docente do curso de Psicologia da Universidade do Sagrado Coração. Áreas de atuação: Sexualidade e envelhecimento, saúde e Psicologia clínica.

e-mail: taty\_psy@yahoo.com.br

**Thássia Elizandra Santos.** Graduanda em Psicologia. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências. Áreas de atuação: Saúde Mental: Acompanhamento Terapêutico; Psicologia Hospitalar; Psicologia Organizacional e do Trabalho.

E-mail: thassiaes@gmail.com



## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Ana Cláudia Bortolozzi Maia.** Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Doutora e Livre docente. Coordenadora do Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura- GEPSEEC e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana LASEX. Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e inclusão.  
E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho.** Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura- GEPSEEC e do Grupo "A Inclusão da Pessoa com Deficiência, TGD/TEA ou Superdotação e os Contextos de Aprendizagem e Desenvolvimento". Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Sexualidade, Educação Sexual e Inclusão.  
E-mail: leilane.spadotto@hotmail.com



Quem não gosta de ver filmes, séries e seriados? Todos (as) temos sempre algo a dizer sobre nossas opiniões, sentimentos e emoções diante dessas mídias. São narrativas fantasiosas, modernas, antigas, permeadas de comédia, romance, drama ou suspense, que trazem à tona assuntos que são colocados em evidência nos nossos debates. Quando o assunto é sobre sexualidade e práticas sexuais, questões complexas da nossa própria história de educação sexual podem deturpar as nossas percepções. Para minimizar isso é importante que a análise desses materiais seja realizada a partir de referências teóricas. Este segundo livro, também destinado ao público interessado em cinema, leigos ou não, assim como aos diferentes profissionais e acadêmicos na área da Educação, Psicologia e afins, oferece, a partir de diferentes abordagens, novos temas ao debate: deficiências, educação inclusiva, padrões sociais de estética, corpo, envelhecimento e conjugalidade, práticas sexuais polêmicas entre outras temáticas ricas para discussões.

